

COLEÇÃO APLAUSO PERFIL

DISCIPLINA É LIBERDADE

VILMAR LEDESMA

imprensa oficial

GERALDO VIETRI

Geraldo Vietri

Disciplina é Liberdade

Geraldo Vietri

Disciplina é Liberdade

Vilmar Ledesma

| imprensaoficial

São Paulo, 2010

GOVERNO DO ESTADO
DE SÃO PAULO

Governador Alberto Goldman

imprensa**oficial** Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Diretor-presidente Hubert Alquéres

Coleção Aplauso

Coordenador Geral Rubens Ewald Filho

No Passado Está a História do Futuro

A Imprensa Oficial muito tem contribuído com a sociedade no papel que lhe cabe: a democratização de conhecimento por meio da leitura.

A Coleção Aplauso, lançada em 2004, é um exemplo bem-sucedido desse intento. Os temas nela abordados, como biografias de atores, diretores e dramaturgos, são garantia de que um fragmento da memória cultural do país será preservado. Por meio de conversas informais com jornalistas, a história dos artistas é transcrita em primeira pessoa, o que confere grande fluidez ao texto, conquistando mais e mais leitores.

Assim, muitas dessas figuras que tiveram importância fundamental para as artes cênicas brasileiras têm sido resgatadas do esquecimento. Mesmo o nome daqueles que já partiram são frequentemente evocados pela voz de seus companheiros de palco ou de seus biógrafos. Ou seja, nessas histórias que se cruzam, verdadeiros mitos são redescobertos e imortalizados.

E não só o público tem reconhecido a importância e a qualidade da Aplauso. Em 2008, a Coleção foi laureada com o mais importante prêmio da área editorial do Brasil: o Jabuti. Concedido pela Câmara Brasileira do Livro (CBL), a edição especial sobre Raul Cortez ganhou na categoria biografia.

Mas o que começou modestamente tomou vulto e novos temas passaram a integrar a Coleção ao longo desses anos. Hoje, a Aplauso inclui inúmeros outros temas correlatos como a história das pioneiras TVs brasileiras, companhias de dança, roteiros de filmes, peças de teatro e uma parte dedicada à música, com biografias de compositores, cantores, maestros, etc.

Para o final deste ano de 2010, está previsto o lançamento de 80 títulos, que se juntarão aos 220 já lançados até aqui. Destes, a maioria foi disponibilizada em acervo digital que pode ser acessado pela internet gratuitamente. Sem dúvida, essa ação constitui grande passo para difusão da nossa cultura entre estudantes, pesquisadores e leitores simplesmente interessados nas histórias.

Com tudo isso, a Coleção Aplauso passa a fazer parte ela própria de uma história na qual personagens ficcionais se misturam à daqueles que os criaram, e que por sua vez compõe algumas páginas de outra muito maior: a história do Brasil.

Boa leitura.

Alberto Goldman

Governador do Estado de São Paulo

Coleção Aplauso

O que lembro, tenho.
Guimarães Rosa

A *Coleção Aplauso*, concebida pela Imprensa Oficial, visa resgatar a memória da cultura nacional, biografando atores, atrizes e diretores que compõem a cena brasileira nas áreas de cinema, teatro e televisão. Foram selecionados escritores com largo currículo em jornalismo cultural para esse trabalho em que a história cênica e audiovisual brasileiras vem sendo reconstituída de maneira singular. Em entrevistas e encontros sucessivos estreita-se o contato entre biógrafos e biografados. Arquivos de documentos e imagens são pesquisados, e o universo que se constitui a partir do cotidiano e do fazer dessas personalidades permite reconstruir sua trajetória.

A decisão sobre o depoimento de cada um na primeira pessoa mantém o aspecto de tradição oral dos relatos, tornando o texto coloquial, como se o biografado falasse diretamente ao leitor.

Um aspecto importante da *Coleção* é que os resultados obtidos ultrapassam simples registros biográficos, revelando ao leitor facetas que também caracterizam o artista e seu ofício. Biógrafo e biografado se colocaram em reflexões que se estenderam sobre a formação intelectual e ideológica do artista, contextualizada na história brasileira.

São inúmeros os artistas a apontar o importante papel que tiveram os livros e a leitura em sua vida, deixando transparecer a firmeza do pensamento crítico ou denunciando preconceitos seculares que atrasaram e continuam atrasando nosso país. Muitos mostraram a importância para a sua formação terem atuado tanto no teatro quanto no cinema e na televisão, adquirindo, linguagens diferenciadas – analisando-as com suas particularidades.

Muitos títulos exploram o universo íntimo e psicológico do artista, revelando as circunstâncias que o conduziram à arte, como se abrigasse em si mesmo desde sempre, a complexidade dos personagens.

São livros que, além de atrair o grande público, interessarão igualmente aos estudiosos das artes cênicas, pois na *Coleção Aplauso* foi discutido o processo de criação que concerne ao teatro, ao cinema e à televisão. Foram abordadas a construção dos personagens, a análise, a história, a importância e a atualidade de alguns deles. Também foram examinados o relacionamento dos artistas com seus pares e diretores, os processos e as possibilidades de correção de erros no exercício do teatro e do cinema, a diferença entre esses veículos e a expressão de suas linguagens.

Se algum fator específico conduziu ao sucesso da *Coleção Aplauso* – e merece ser destacado –,

é o interesse do leitor brasileiro em conhecer o percurso cultural de seu país.

À Imprensa Oficial e sua equipe coube reunir um bom time de jornalistas, organizar com eficácia a pesquisa documental e iconográfica e contar com a disposição e o empenho dos artistas, diretores, dramaturgos e roteiristas. Com a *Coleção* em curso, configurada e com identidade consolidada, constatamos que os sortilégios que envolvem palco, cenas, coxias, sets de filmagem, textos, imagens e palavras conjugados, e todos esses seres especiais – que neste universo transitam, transmutam e vivem – também nos tomaram e sensibilizaram.

É esse material cultural e de reflexão que pode ser agora compartilhado com os leitores de todo o Brasil.

Hubert Alquères

Diretor-presidente

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Para Nina Vietri

Introdução

Sabe quando um nome assume um certo ar de grandeza? Pois é assim com o de Geraldo Vietri que, aos meus ouvidos, soa como Cecil B. De-Mille ou outras figuras míticas hollywoodianas. Deve ter sido o primeiro nome de novelista que relacionei à profissão, ainda menino, bem menino. Devo ter visto algum capítulo de *Antônio Maria*, mas não guardo na memória. De *Nino, o Italianinho*, sim, ficaram cenas inteiras, personagens, situações. Essa novela era acompanhada e adorada por toda minha família e eu, garoto de tudo, não fiquei imune ao estardalhaço que se refletia em capas de revistas e conversas, como se aqueles personagens existissem de verdade.

13

A ideia para esse livro surgiu nas entrevistas com Etty Fraser que resultaram no *Virada pra Lua*, que escrevi para essa coleção. Integrante da turma do Vietri, Etty sempre falava dele com extremo carinho e me mostrou alguns presentes dados pelo novelista que enfeitam a casa dela. Um dia contei que adoraria escrever um livro sobre Vietri, ela se entusiasmou e me pôs em contato com dona Nina, a única irmã do homem. De uma gentileza incrível, ela me recebeu em seu apartamento na Mooca, o mesmo que abrigou Geraldo Vietri por mais de uma década até a sua

morte. E ao entrar naquele apartamento confortável, no alto do bairro que o escritor amava e eternizou em sua obra, eu estava no mundo dele. Em armários de vidro, os prêmios e troféus que recebeu. E dona Nina, que se parece com as italianas que povoavam as novelas do irmão, me abriu o baú de Vietri. Recortes de jornais antigos, alguns colados em antigos cadernos de desenhos dele, pequenos quadros com os cartazes de suas novelas e filmes que por muito tempo enfeitaram a parede de seu escritório, fotos, documentos. E no passaporte veio a primeira novidade: ele nasceu em 1927 e costumava diminuir a idade em três anos. Coisas de Vietri.

14

Fui entrando em contato com preciosidades assim, ouvindo as histórias de dona Nina e cada vez mais certo que o livro teria que sair. Praticamente dez anos após sua morte, comecei a seguir os rastros de Vietri. Tudo isso ocorreu em 2005 – sim, esse livro levou um tempão para ganhar o ponto final e por minha culpa, minha máxima culpa. Sempre achava que me faltava algum detalhe. Mas tudo tem a sua hora de acontecer e é agora, quando agosto de 2010 está quase no final e bem próximo ao dia 27, data em que Geraldo Vietri completaria 93 anos.

Bom, depois de entrar em contato com a irmã do biografado, comecei a ir atrás daqueles que

conviveram com ele. Uma pessoa levava a outra e, aos poucos, conversava com a turma de Vietri. Foram mais de 30 entrevistas (a lista está no final e agradeço a todos) e quando falava o nome Vietri as portas se abriam e as pessoas começavam a falar dele com saudade, de suas histórias. Claro que faltaram muitas pessoas a entrevistar e a elas eu peço desculpas.

Meu biografado era pouco chegado a entrevistas e isso não me facilitou em nada as coisas. Contudo, pelas bibliotecas da cidade, fui topando com rastros de sua vida, inclusive roteiros de filmes e do programa *TV de Comédia*, que marcaram a estreia dele na televisão, no final dos anos 1950, quando o ao vivo era o padrão de se fazer televisão.

Ao contrário dos pioneiros do veículo – e Vietri sempre recusou este título dizendo que a TV já existia há oito anos quando chegou – ele não passou pelo rádio. Suas primeiras experiências foram no teatro amador e no cinema. Em 1958, ingressou na Tupi, foi amor à primeira vista e desde então o trabalho virou o motivo de sua vida. Dez anos depois, foi o primeiro autor brasileiro a fazer novela com um texto original. Antes, adaptavam-se originais latinos. Era 1967 e *Os Adolescentes*, uma novela juvenil, espécie de *Malhação* da época, abriu caminho para os

textos originais na televisão. Era o primeiro passo do novelista, que logo firmaria o gênero com *Antônio Maria* e *Nino, o Italianinho*, escritas em sequência e com imigrantes portugueses e italianos como protagonistas. As sagas de imigrantes começaram com Vietri.

Em seus quase 40 anos de carreira, Geraldo Vietri dedicou-se principalmente à televisão e passou a maioria deles na TV Tupi. Foram quase 50 novelas, a metade escrita por ele mesmo, que também as dirigia. O cinema era uma paixão – e o neorrealismo italiano influência declarada. Antes de chegar à televisão, dirigiu três filmes e depois mais 11, realizados entre uma novela e outra. Nos anos 1970 foram seis produções para o cinema, inclusive adaptações de obras de Machado de Assis e José de Alencar. O homem era apaixonado pela língua portuguesa e não suportava incorreções e gírias. Uma faceta pouco conhecida é sua relação com a música – tocava piano de ouvido, compunha e teve três músicas gravadas.

Homem de temperamento fácil? Não, Geraldo Vietri passava longe disso. Era filho de italianos, apaixonado, exaltado, polêmico. *Quem nunca brigou com ele nunca trabalhou com ele*. A frase se repetiu em praticamente todos os entrevistados. O homem capaz de dizer coisas bem agres-

sivas, também costumava se retratar logo depois e, muitas vezes, mandava flores e presentes às vítimas de suas intempéries.

A disciplina era fundamental em seu método e para consegui-la usava e abusava de seu temperamento forte. Veio daí o título deste livro – *Disciplina é Liberdade* –, emprestado de *Há Tempos*, música da Legião Urbana. Mas Geraldo Vietri não odiava rock? É, ele não era muito chegado ao ritmo, mas no final dos anos 1960 chegou a escrever e dirigir *Os Reis do lô lô lô*, uma sátira à Jovem Guarda que chegava na esteira de Beatles e companhia. E na segunda versão de *Antônio Maria*, anos 1980, incluiu uma banda de rock. Infelizmente não cheguei a conhecê-lo, mas por tudo que li e me disseram de sua vida e estilo, posso até imaginá-lo dizendo *Disciplina é Liberdade*. Boa Leitura.

17

Vilmar Ledesma

Agosto 2010



Vietri na fase inicial da TV, quando escrevia TV de Comédia

Capítulo I

Invento Maldito

Em 1960, a TV Tupi de São Paulo completava dez anos de atividade e uma novidade movimentava os corredores da emissora e provocava *frisson* entre os profissionais que ali trabalhavam. Era a chegada do videoteipe, um aparelho revolucionário que permitia a gravação de som e imagem simultaneamente, aproximando a televisão do cinema e anunciando o fim do *ao vivo*, que até então movia a produção do veículo. Alguns aplaudiam a novidade, outros a recebiam com pessimismo. Geraldo Vietri tinha pouco mais de 30 anos, estava na emissora fazia três e, entre várias atividades, adaptava, produzia e dirigia a novela *Esta Noite é Nossa*, veiculada em 15 minutos diários – ao vivo, claro – dentro do *Revista Feminina*, programa apresentado por Maria Tereza Gregori no horário do almoço.

Foi a gravação de um dos capítulos dessa novela, uma espécie de teleteatro dividida em cinco partes, um dos primeiros testes feitos com a novidade que chegava, o videoteipe. A operação foi cercada de sigilo, sem que os envolvidos, inclusive elenco e diretor, soubessem. Após a transmissão do capítulo, o diretor técnico desceu

ao estúdio e convocou toda a equipe para subir até a técnica onde lhes esperava uma surpresa. Amilton Fernandes, Márcia Real, Tarcísio Meira, Vera Nunes, Percy Aires, que estavam no elenco da novela, assistiram entre surpresos e entusiasmados a reprodução do capítulo que haviam acabado de encenar. A euforia não atingiu Geraldo Vietri, que permaneceu calado e olhando fixamente para o vídeo onde se projetavam as cenas. Ficou algum tempo assim e depois falou: *Aqui termina a televisão brasileira. Em primeiro lugar, o ator não precisa mais ter talento para interpretar, pode ser fabricado... porque errou, apagou, voltou... E mais: aqui termina o mercado de trabalho da televisão brasileira. O Sul vai acabar, vai acabar o Norte, vai acabar Belo Horizonte, ficarão apenas São Paulo e Rio de Janeiro.*

A declaração, que bem poderia fazer parte de um da turma dos pessimistas, se revelou lúcida. Numa entrevista em agosto de 1977, agora com 50 anos, ele voltou ao tema. Palavras de Vietri: *Era óbvio, não é? E eles discordaram, disseram que o videoteipe só iria melhorar, só iria aprimorar. A meu ver, não melhorou, não aprimorou nada. Ao contrário, nós regredimos – e muito – em termos de arte, em termos de interpretação. Na época era preciso uma Laura Cardoso para fazer um teatro de duas horas ao vivo. Hoje,*

qualquer Joana da Silva, qualquer palminho de cara bonita que consiga dizer bom-dia é uma estrela. O videoteipe foi para a televisão brasileira um mal irreparável. Achei pavoroso aquele invento maldito. O videoteipe nunca conquistou completamente o saudosista Geraldo Vietri que sempre se referia com entusiasmo aos tempos em que tudo era feito ao vivo.

Geraldo Vietri é exemplo de profissional formado pela televisão. Ao contrário de muitos que trabalhavam no veículo, ele não vinha do rádio, mas de rápidas passagens pelo teatro e cinema. No começo da década de 1950, comandou por alguns anos um grupo de teatro amador, dirigiu dois filmes e trabalhou como assistente de montagem na Companhia Maristela. O cinema era seu objeto de desejo e, quando a televisão chegou por aqui, em 1950, também não viu com bons olhos a invenção – achava que ia matar o cinema. E na época tudo o que ele queria era fazer cinema. Logo depois do advento da televisão, a família Vietri adquiriu um aparelho, mas Geraldo demorou a juntar-se à turma dos telespectadores. Era contra a televisão, nem futebol assistia. Isso até o dia em que percebeu que nada poderia destruir o cinema e que simplesmente havia uma nova forma de arte, a televisão. A partir daí começou a lutar para trabalhar na televisão.

O garoto Vietri foi influenciado também pelo rádio, onde na época a febre das novelas era semelhante à febre que muitos anos depois tomou conta da televisão. Era ouvinte cativo principalmente da Rádio São Paulo, especializada em radionovelas. *Confesso, seguia todas porque me apaixonava.*

Capítulo II

Mooca e Elite Móveis

Os avós de Geraldo Vietri eram italianos de Nápoles e Salerno que chegaram ao Brasil em meados do século 19. Seus pais, Antonio e Luiza Vietri, já nasceram em terras brasileiras. Ele, em Piracicaba e a mãe, em São Paulo, no bairro da Mooca, o mesmo onde o escritor morou durante toda sua vida e onde vive Gesolmina Vietri, a única irmã do escritor. Antonio e Luiza eram primos, praticamente da mesma idade, e cresceram juntos. O casamento ocorreu quando ambos tinham 25 anos e o primeiro filho, Geraldo Vietri, nasceu em 27 de agosto de 1927 – a data é essa mesmo, apesar de em todas as entrevistas constar o ano de seu nascimento como 1930. É que Geraldo Vietri sempre diminuiu três anos em sua idade. Dois anos depois, veio a caçula Gesolmina.

23

Os nomes Geraldo e Gesolmina são recorrentes na família Vietri. Era tradição os filhos homenagearem os pais Geraldo e Gesolmina Vietri dando aos seus rebentos os nomes dos avós. Assim, há vários Geraldo e Gesolmina entre os primos. Como toda família italiana, os Vietri viviam muito juntos. A avó materna morava na Rua Carneiro Leão e a paterna na Rua Javari,

que naqueles anos ainda se chamava Javri, onde nasceram o novelista Geraldo Vietri e sua irmã. A família era imensa: os avós paternos tiveram nove filhos, os maternos, seis. O menino Geraldo e sua irmã conviviam mais com a família do pai, que era dona de um armazém. Era muito primo, muita nora e, como bons italianos, estavam sempre juntos.

24

Antonio Vietri, o pai dos garotos, tinha uma fábrica de estrados de cama na Rua Almirante Brasil. Era sócio do irmão Antonio e os filhos de ambos foram criados como se irmãos fossem. Geraldo e Gesolmina, filhos de Antonio, brincavam com Geraldo e Gesolmina, filhos de João. Para evitar confusões, existiam os apelidos: o futuro escritor Geraldo era chamado de Nenê e seu primo de Nenezinho. As Gesolminas tinham seus nomes reduzidos para Nina e é assim que a única irmã do novelista Geraldo Vietri é chamada. A *mamma* Luiza cuidava dos filhos, das tarefas da casa e da máquina de costura.

O primeiro contato de Geraldo Vietri com a arte veio através do tio Vicente Landolfi. Irmão de sua mãe, era proprietário de uma loja de móveis no bairro do Brás, a Elite Móveis. Tio Vicente fornecia o mobiliário para as companhias teatrais, geralmente italianas, que se apresentavam no Teatro Colombo. Em troca, ele tinha à sua

disposição um camarote cativo, o de número sete, no teatro do Largo da Concórdia. Vicente assistia aos espetáculos preferencialmente aos sábados e nos demais dias cedia o camarote para os familiares. Pequeno, ali pelos seus oito anos, Geraldo muitas vezes não podia frequentar as sessões noturnas. A saída era assistir às matinês de domingo e também aos ensaios, realizados à tarde. Como se descobrisse um mundo novo, o garoto acompanhava o trabalho dos atores, cantores, orquestras – às vezes eram operetas – e a marcação da iluminação. De volta à casa, com a cabeça fervilhando, rabiscava textos em papéis e obrigava a irmã e os primos a representarem, comandando assim o seu próprio teatrinho. Era tudo brincadeira e só muitos anos depois ele foi perceber que sempre escrevera. Geraldo nunca pensou em representar e seu prazer, desde garoto, seu interesse voltava-se a escrever e dirigir, obrigando a meninada a decorar e representar seus espetáculos.

25

A Mooca de sua infância e adolescência era praticamente sem prédios e predominavam os sobrados, como a casa onde a família Vietri morou durante muito tempo. Era uma casa imensa, com porões, enorme área verde e um grande quintal. E, muitas vezes, nos fins de semana, a família ia para um sítio em Jundiaí, ou o que eles

chamavam de *colônia*, um lugar afastado, que hoje é praticamente a cidade de São Bernardo. Nina Vietri lembra muito bem desses passeios. O pai costumava caçar e o cachorro perdigueiro Guarani era o xodó da família, disputando a atenção de adultos e crianças. Geraldo não tinha medo de cachorro e se aproximava até dos mais ferozes. Agora, com bichos de pena a situação era diferente, e por um mistério que ele nunca conseguiu entender, eles simplesmente o atacavam. E isso por sua vida toda: durante uma filmagem um pato implicou em correr atrás do cineasta que não teve outra alternativa senão fugir do implicante.

26

O pai de Geraldo Vietri faleceu em 1943, em plena Segunda Guerra, aos 41 anos. A causa da morte precoce foi câncer no pulmão e a enfermidade do pai se arrastou por quase dois anos e meio, com internações e operações, e consumiu o patrimônio da família. Para pagar despesas com médicos e hospitais, o carro de passeio e o caminhão foram vendidos e restaram as duas casas que o pai havia adquirido. Foi uma fase dolorosa e deixou marcas em Geraldo Vietri. Trinta anos depois, em conversas com a amiga Aracy Balabanian, ele contava de seu medo de voltar para casa quando ouvia de longe os urros do pai.

Adolescentes, Geraldo e sua irmã foram praticamente criados pela mãe. Dona Luiza bordava, costurava e desde a morte do marido passou a se vestir de preto e nunca mais abandonou o luto até morrer, quarenta anos depois. As atenções maternas sempre iam para o filho, o que deixava a filha ressentida e as brigas comuns entre irmãos aconteciam com certa regularidade.

Capítulo III

O Chapéu do Avô

Nos primeiros anos da década de 1990, em texto publicado no *Boletim Semanal da Cia. de Artes Cênicas*, escola de teatro que ele fundou, Geraldo Vietri usa um episódio de sua infância para falar aos seus alunos. O título é elucidativo: *Se você quer mesmo ser artista não tenha medo de ser diferente.*

“Quando eu tinha 11 anos, meus pais resolveram me enviar para uma colônia de férias. Do uniforme de cada menino devia constar um chapéu de escoteiro, de copa baixa e aba larga, que deveríamos usar todas as tardes quando entrássemos em forma para a revista. Mas meus pais, por um catastrófico engano, despacharam-me para a colônia com um velho chapéu de carabinieri do meu avô, que fez parte da polícia italiana. Era um chapéu de aba larga, sem dúvida: quando eu o punha na cabeça, bem, ficava com os olhos totalmente cobertos. A copa parecia ficar a meio quilômetro de altura. Toda a vez que eu usava essa monstruosidade, em vez de um menino obscuro e um pouco saudosos de casa, tornava-me uma aberração. Pelo menos era o que pensava. Rememorando agora esse episódio

de 30 anos, não deixo de sorrir. Mas na ocasião não havia motivos para sorrisos. Eu me sentia infeliz – completa e abjetamente infeliz – apenas por ser diferente dos outros.

Poucas são as pessoas que não têm um desses episódios da infância para recordar e pouquíssimas as que não levam um pouco desse arraigado temor para a vida adulta. Mas se damos valor à liderança, à vitória, à maturidade, precisamos vencer essa preocupação infantil. Os prêmios reservados aos diferentes são bem fáceis de perceber. Seja qual for a atividade que você escolher – ciências, arte, negócios – a procura é por pessoas cuja atuação esteja acima da média e, por conseguinte, seja diferente. Em qualquer reunião social, o convidado mais interessante é aquele cujas observações são estimulantes, isto é, diferentes. Não tenho dúvida de que a capacidade de ganhar dinheiro segue uma linha quase paralela à capacidade de produzir ideias novas, de mostrar persistência ou energia fora do comum, de correr riscos; em outras palavras, de ser diferente.

O medo de ser diferente tende a diminuir quando o arrastamos para o claro e o examinamos de perto – o que, aliás, acontece com a maioria dos medos. Na base desse medo está uma intensa preocupação com o eu. Aquele meu chapéu de

carabinieri na minha infância deve ter provocado algumas gargalhadas ou brincadeiras momentâneas, mas o episódio em si era muito banal para perdurar. Quem o fez render fui eu e minhas ruminções sobre o acontecido. Quem reconhecer nesse encabulamento uma forma de egoísmo, provavelmente não sofrerá muito com ele. É bom também ter sempre em mente que, muitas vezes, a desaprovação ou a hostilidade que temos encontrar é, provavelmente, imaginária.

Outra maneira de reduzir o medo de ser diferente é nos lembrarmos de que poucos pioneiros escaparam ao riso e à crítica. Os grandes líderes religiosos da história, por exemplo, foram não conformistas. Cristo foi um revolucionário religioso. Ele desafiou o autoritarismo de época quando curou enfermos no sábado. Não teve medo de empregar a violência ao expulsar os vendilhões do templo. Contrariou a convenção ao tomar lugar à mesa com publicanos e pecadores.

Ser diferente requer coragem – mas é também uma arte: a arte delicada de não hostilizar os outros sem necessidade. Muitas vezes o que provoca objeção não é tanto a singularidade, mas a atitude de superioridade que frequentemente a acompanha. Alguns individualistas nunca aprendem essa lição.

Seja diferente como quiser, mas seja tolerante com o vizinho que prefere fazer as coisas à maneira dele. Se cada um de nós concedesse aos outros o direito de serem eles mesmos, já seríamos, por isso, razoavelmente diferentes. Quando o naturalista Henry Thomas tinha 8 anos, perguntaram-lhe o que queria ser quando crescesse. Ora essa, respondeu o menino, quero ser eu! Foi por isso que ele foi... e é por isso que o recordamos hoje.

Capítulo IV

Tempos de Amador

A morte do pai marcou a adolescência de Vietri e sua irmã. A vida confortável ficou para trás e dona Luiza teve de se virar para criar os filhos. Geraldo passou a estudar à noite e arrumou emprego em um escritório; sua irmã também arranhou trabalho. No colégio, o que mais apaixonava o menino eram os idiomas latinos. As aulas de português – Jânio Quadros foi seu professor no Colégio Vera Cruz – tinham um encanto especial, principalmente a parte da redação. Os alunos eram instruídos a escrever sobre um determinado tema, a chuva, por exemplo, e o garoto se deliciava e entregava páginas e mais páginas ao professor. Como uma espécie de prêmio, ele ficava orgulhoso toda vez que suas redações eram lidas em voz alta na classe. Outra especialidade de Geraldo eram os desenhos. Ele, inclusive, fazia trabalhos para os colegas que tiravam notas mais altas que as dele.

33

O interesse por escrever, pela vida artística continuava. Como a televisão ainda não existia e cinema era praticamente impossível de fazer, Vietri procurava grupos de teatro amador, para poder ficar junto, para ver como era. Numa

dessas foi levado por um amigo da Mooca ao Grêmio Cultural Jackson Figueiredo. Como o nome explicita, era um grêmio apenas cultural, não tinha teatro, mas começou a frequentá-lo e a ficar amigo das pessoas. Até que um dia conseguiu pôr na cabeça do diretor da entidade a ideia de ter um grupo de teatro amador. Com o pessoal de lá formou um grupo, ainda sem saber como a coisa funcionava. Ele não tinha ideia de onde buscar textos e só achava peças brasileiras, de autores da velha-guarda, mais especificamente de Oduvaldo Viana e Joracy Camargo. Encontrou o texto *Joaninha Buscapé*, de Luiz Iglesias, e montou com o grupo. A estreia de Geraldo Vietri como diretor de teatro foi no dia 1º de dezembro de 1954, no auditório do Instituto Educacional Caetano de Campos e *Joaninha Buscapé* fez sucesso. Como o Jackson de Figueiredo tinha grêmios culturais em vários pontos do Brasil, a peça foi apresentada não apenas em São Paulo e interior do Estado, mas no Rio de Janeiro e Belo Horizonte. Em julho de 1956, o grupo participava do III Festival Paulista de Teatro Amador, com *Luz de Gás*

Geraldo continuava com a ideia de fazer cinema e procurando uma forma de ingressar no meio. No final dos anos 1940, São Paulo vivia uma febre cinematográfica e novas produtoras pipocavam

pela cidade. Geraldo resolveu estudar a sétima arte, por meio de dois cursos por correspondência, um de Buenos Aires e outro de Hollywood. Essa teoria argentina e americana não surtiu muito efeito, mas o ajudou a aperfeiçoar o inglês e o castelhano. Como a teoria na prática é outra, foi bater às portas da Vera Cruz, mas *nem como auxiliar de escritório me aceitaram*, contou em uma entrevista. Teve melhor sorte na Divulgação Cinematográfica Bandeirante, onde iniciou sua carreira como auxiliar de laboratório. Mas sua porta de entrada na sétima arte foi mesmo a pequena Oceania Filmes, de Sérgio Azario. Ele participou das duas únicas produções da empresa, que funcionava no sétimo andar da Rua Sete de Abril, centro de São Paulo. Primeiro foi assistente de direção de Guido Padovani em *Conflito*, drama de guerra bem de acordo com os rumos da produção do pós-guerra. Em entrevista a Plínio Marcos, no final de 1969, relembra esses primeiros passos: *Trabalhei de assistente de um italiano picareta que não sabia coisa nenhuma. Pode parecer piada, mas foi uma ótima escola. Aprendi como não se deve fazer cinema*. Em 1952, dirigiu a comédia romântica *Custa Pouco a Felicidade*, estrelada por Vera Nunes. Produção da Oceania Filmes, a história girava sobre uma família tipicamente brasileira – um casal e três filhos – morando no bairro paulistano do Pacaembu.

No elenco de *Custa Pouco a Felicidade* também estava Wilma Bentivegna que, dois anos depois, contratada pela gravadora Sinter, estreou na carreira de cantora com um 78 rpm que incluía o samba-canção *Chove*, de autoria de Vietri, que tocava piano de ouvido e, quando jovem, às vezes compunha no instrumento. Em um caderno registrava as letras das músicas. O compositor Vietri é dos tempos do 78 rotações por minuto e, além de *Chove*, teve gravadas mais duas canções: *Só Vejo Você*, por Heleninha Silveira, em 1957 e *Papéis Velhos*. Essa última é uma parceria com Rolando Boldrin, que era figurante na Tupi, onde os dois começaram praticamente juntos. Ficaram amigos e um dia Boldrin recebeu a letra de *Papéis Velhos*, foi para o violão, fez algumas adaptações e surgiu o samba gravado por sua mulher Lurdinha Pereira, em 1961.

Decidido a enturmar-se, Geraldo conseguiu um emprego de assistente de montagem na Companhia Maristela, de Mario Audrá, fundada em 1950 nas trilhas abertas pela Vera Cruz um ano antes, tentando inclusive imitá-la. Vietri entrou na Maristela em 1956 e foi assistente de montagem de João Alencar. Dizia, e provavelmente exagerava, que seu trabalho consistia em varrer a sala quando o montador saía. Interessado em aprender, se manteve firme. Marly Bueno e

Machadinho, do elenco de atores da TV Tupi, filmavam na Maristela. Geraldo se aproximou dos dois, falou de seu interesse em trabalhar na televisão e pediu informações. Eles o convidaram a aparecer na TV Tupi e o apresentaram a Cassiano Gabus Mendes, diretor artístico da emissora. Para testar as possibilidades do rapaz, Cassiano pediu-lhe que escrevesse uma comédia e um drama e Geraldo lançou-se à tarefa. Em poucos dias voltou à emissora com o drama *Vende-se um Passado* e com a comédia *Uma Pires de Camargo*. Foram seis meses, indo quase diariamente na Tupi, até conseguir ser recebido por Cassiano e ouvir que seus textos eram bons.

Nessa época, realizou uma série de documentários científicos sobre os vícios do alcoolismo e do jogo para a Universidade de São Paulo. Também voltou à direção de cinema com *Dorinha no Society*. Produção da Inconfidência Filmes, era a história de uma mocinha do interior (Vera Nunes) que vinha tentar a vida em São Paulo. No elenco, Marly Bueno e os cantores Ângela Maria, Agostinho dos Santos, Carlos Gonzaga e Elza Laranjeira. A atriz Vera Nunes diz que o filme teve sucesso nas bilheterias.

Depois do sinal verde de Cassiano Gabus Mendes, Vietri chegou à TV no *Grande Teatro Tupi*, prestigiado teleteatro da emissora. Ele pegou

o primeiro texto estrangeiro que encontrou, *Arsênico e Alfazema*, meses depois apresentado no programa, em 10 de março de 1958. Florani Pinheiro, Marina Freire, Riva Nimitz e Francisco Negrão encabeçavam o elenco, formado na maioria por atores de seu grupo amador. A estreia foi em ritmo de velório. Melhor explicar: no dia anterior, uma das maiores estrelas da Tupi, Lia de Aguiar, fez sua despedida na emissora, pois ia casar e abandonar a carreira. *As pessoas estavam de cabeça baixa, as paredes choravam também*, ele dizia.

38

Vietri estreou na televisão dirigindo. Como ainda não conhecia o veículo, realizou o espetáculo como se fosse para o palco. O diretor de TV Luiz Gallon, aquele que fazia a seleção de imagens, ficava na técnica e comandava as câmeras, posicionou as câmeras tal qual no palco e o resultado da estreia *saiu até que satisfatório*, na avaliação do exigente Vietri.

No dia seguinte à apresentação do espetáculo, Geraldo Vietri foi contratado por Cassiano Gabus Mendes. Não faltavam funções nesse seu primeiro contrato com a Tupi: autor, produtor, assistente de estúdio eram algumas delas. *Até ascensorista*, ele brincava. Uma semana depois, o chefe lhe chamou para avisar que estava pensando em produzir um novo teleteatro. O plano de

Cassiano era alternar o *TV de Vanguarda*, mais elitizado, com um teatro mais leve, mais cômico. Eles acertaram até o título – *TV de Comédia* – e Geraldo Vietri ficou responsável pelo programa, que era apresentado quinzenalmente, aos domingos, alternando-se com *TV de Vanguarda*, dedicado aos autores estrangeiros e com textos mais pesados. A outra atração era o *Grande Teatro Tupi*, que seguia uma linha mais romântica com adaptações de Dostoievski, Tolstói e Stefan Zweig. Logo Vietri viria a dirigir espetáculos para esses dois programas também.

Numa entrevista, em 1977, Geraldo Vietri relembrou o papel fundamental de Cassiano Gabus Mendes em sua carreira: *Muito, mas muito da televisão brasileira deve-se a ele*. A principal preocupação de Cassiano, segundo Vietri, era o alto nível do programa. *Ele fazia uma televisão artística antes de ser comercial. Aprendi a rezar pela cartilha do Cassiano Gabus Mendes e rezo por ela até hoje, então, falar-se em Cassiano é falar sobre a própria televisão*.



TV de Comédia: Dorinha Duval (palhaço), Rolando Boldrin, Luiz Orioni e Amilton Fernandes (em pé), Cazarré, Lolita Rodrigues e Rubens Greiffo (sentados)

Capítulo V

TV de Comédia

A chegada à televisão não teve tapete vermelho e o novato, que tinha 30 anos, enfrentou a natural desconfiança de muitos colegas. Fiel ao jeito tímido e reservado de ser, ficava no seu canto, empenhado em realizar da melhor maneira possível as suas funções. Foi assim (*só com trabalho*, como costumava dizer), que começou a ganhar posição e o respeito das pessoas.

O celebrado *TV de Vanguarda* tinha nos dramaturgos estrangeiros o seu principal foco. E o nascente *TV de Comédia* foi buscar os autores nacionais. Fiel ao passado de amador, de onde vinha sua bagagem teatral, Vietri passou a encenar no programa as peças que dirigira com seu grupo. Ainda inseguro com a linguagem televisiva, era como se buscasse apoio em algo já conhecido. Encenava peças há muito esquecidas e cujos autores estavam há anos distantes das atenções da ribalta. Como numa volta ao passado, montava textos das décadas de 1920 e 1930, muitos deles na própria roupagem em que tinham sido escritos. *Joaninha Buscapé* foi uma das que retornou ao *TV de Comédia*, apresentada em 23 de março de 1958. Duas semanas

depois era a vez de *O Interventor*, de Paulo Magalhães, com Lolita Rodrigues e Geraldo Louzано, que recriava o papel de Procópio Ferreira quando fez a peça em 1931.

42

Foi difícil conseguir quem embarcasse nessa viagem e muitos contratados famosos, frequentadores habituais do incensado *TV de Vanguarda*, tinham reservas em participar das *comedinhas* do programa. *A gente não queria fazer TV de Comédia. A gente não respeitava, não achava que aquele menino magrinho, franzino iria chegar ao ponto que chegou*, diz Márcia Real, que fazia parte do elenco fixo da emissora. Como não podia dispor dos medalhões, apenas daqueles que não participavam do *TV de Vanguarda* e do *Grande Teatro Tupi*, Geraldo se apoiava em seu elenco de amadores e começou a apostar na descoberta de novos atores. Foi assim que apareceram os locutores Amilton Fernandes e Francisco Milani, a bailarina Susana Vieira, a modelo Geórgia Gomide e muitos outros atores vindos do teatro amador ou da Escola de Arte Dramática. Por caminhos meio tortos, o *TV de Comédia* apostou numa renovação e outros atores que praticamente estrearam no programa e viraram seus frequentadores habituais foram Glória Menezes, Lolita Rodrigues, Cláudio Marzo, Tarcísio Meira, No-



TV de Comédia: *Uma Mulher de Outro Mundo*, com *Glória Menezes, Vida Alves e Amilton Fernandes*

rah Fontes, Dorinha Duval, Amândio Silva Filho, Older Cazarré. Lá pela quinta apresentação, o *TV de Comédia* estourou e isso acabou atraindo os nomes famosos. Vietri continuou dando preferência àqueles que começaram com ele, mas passou a contar com Lima Duarte, Laura Cardoso, Fernando Balleroni, Dionísio Azevedo, os grandes nomes do elenco da Tupi.

Em pouco tempo, *TV de Comédia* virou a produção mais importante da televisão. E no final de 1958 ganhou todos os prêmios importantes – Roquette-Pinto e Imprensa, entre eles. Era a primeira vitória do homem de televisão Geraldo Vietri. Mais seguro no *métier*, passou a encenar seus próprios textos. O primeiro foi o drama *Vende-se um Passado*, encenado em 10 de agosto. Num encontro com Laura Cardoso nos corredores da tevê, Vietri partiu para o ataque: *Tenho uma peça que escrevi para teste aqui na televisão e que ainda não montei e eu queria que a senhora fizesse o papel principal*. Laura, com 27 anos, fez par com Cazarré, que devia ter uns 30, como um casal de velhos obrigados a vender a casa onde viveram a vida toda.

Com o surgimento do videoteipe, o *TV de Comédia* passou a ser transmitido no Brasil inteiro e não havia concorrente. O programa falava de coisas (personagens) e costumes brasileiros e veio



TV de Comédia: Vida Alves e José Parisi (em pé), Clenira Michel, Giancarlo, Patrícia Mayo e Cazarré (sentados)

daí a aceitação popular. *Eram histórias alegres e positivas sobre coisas brasileiras, falava-se no Rio de Janeiro, em folclore, costumes*, segundo as palavras de seu criador. Lolita Rodrigues participou de várias edições do *TV de Comédia*. Só em 1958 foram *Joaninha Buscapé, O Interventor, Era uma Vez um Vagabundo e O Homem que Nasceu Duas Vezes*. Ela guarda lembranças especiais de *A Cigana me Enganou*, onde trabalhou com o ator Rubens Greifo. O diretor Vietri fez uma marcação que Lolita nunca tinha visto na televisão. Era uma cena com Greifo e a marcação consistia em puxar um lenço e assoar o nariz. Era um ato cotidiano, mas que ainda não havia chegado à televisão.

No primeiro sábado do mês de junho de 1958, o *TV de Comédia* exibia *Chica Boa*, de Paulo Magalhães, em cima de uma vizinha moderna que reforma os hábitos de uma família de costumes antigos, daquelas que usava camisola e touca para dormir. A mulher incendeia a vida daquela gente, dançando até *rock and roll*, uma ousadia naqueles tempos. Amândio Silva Filho, Vida Alves, Geni Prado, Cazarré, Marisa Sanches e Dorinha Duval eram os atores dirigidos por Vietri. Com histórias leves e divertidas, o *TV de Comédia* ficou no ar até 1967, sempre com textos brasileiros.

Domingo à noite o programa era apresentado e, no dia seguinte, Vietri já começava a preparar outro texto, escalava o elenco e solicitava à cenografia e à contrarregragem os cenários para o próximo espetáculo dali a quinze dias. Geralmente sobravam de oito a dez dias para os ensaios, que eram realizados à noite, das oito à meia-noite. Sempre exigente, muitas vezes Vietri estendia os ensaios até às duas da manhã e geralmente não encontrava resistência de seu elenco formado por muitos atores iniciantes e cheios de gás.

Certas histórias do *TV de Comédia* resultavam tão bem que na quinzena seguinte Vietri vinha com uma continuação daquela peça. E ocorreu de existir mais de uma continuação, o que dava ares de seriado ao programa, com os mesmos personagens em cena, o mesmo cenário. Numa semana vinha *Isso é com Você, Naturalmente*; quinze dias depois a sequência *Isso Não é com Nenhum de Nós, Naturalmente* e duas semanas depois mais uma continuação – *Isso é com Todos Nós, Naturalmente*. Era praticamente o embrião dos seriados.

O programa durou oito anos e em três de suas edições, ou seja, a cada 15 dias, foram encenados textos de Geraldo Vietri. Muitos dos textos nem ele mesmo tinha a cópia, pois não dava

importância a isso na época. Simplesmente escrevia, montava e depois o *script* original se extraviava. O *TV de Comédia* acabou em 1967 e o último programa foi ao ar em 11 de março. Era a sátira *Os Introcáveis*, escrita e dirigida por Geraldo Vietri ao seriado americano *Os Intocáveis*, ambientando na Chicago dos anos 1930, em tempos de lei seca. No elenco, Elias Gleizer, Ana Rosa, Giancarlo, Marcos Plonka, Jacyra Silva, Dácio Della Monica.

Capítulo VI

Um Lugar ao Sol

Devido às funções diversificadas de seu contrato, os primeiros anos de Geraldo Vietri na Tupi foram agitados. Além do *TV de Comédia*, exercia a atividade de assistente de estúdio em programas da emissora, como num musical apresentado nas noites de sábado por Airton Rodrigues. Vietri não gostava nenhum pouco desse trabalho, mas contrato é contrato. Quando ele entrou na Tupi já existiam as novelas e Dionísio Azevedo dirigia os últimos capítulos de *O Corcunda de Notre Dame*, onde Lolita Rodrigues fazia a cigana Esmeralda e era apresentada às terças e sextas. Em seguida, Dionísio começou *Um Lugar ao Sol*, estrelada por Henrique Martins e Marly Bueno e, como assistente de estúdio, Vietri foi parar nessa novela. Muitas vezes, Dionísio *esquecia* de aparecer nos ensaios à tarde e o assistente assumia a função. A situação começou a se repetir e, aos poucos, Vietri assumiu a direção da novela. Curtas e em torno de 30 capítulos, essas produções não tinham os ingredientes que tornariam o gênero famoso – vilãs e mocinhas – e assemelhavam-se mais a teleteatros. Contudo, os capítulos eram exibidos num período de tempo menor.

Como se saiu bem na tarefa, Geraldo Vietri foi incumbido por Cassiano Gabus Mendes de tocar a nova produção da emissora. Ele recorreu a Tolstói e adaptou o clássico *Anna Karenina*, com Márcia Real e Amilton Fernandes nos papéis principais. Também radioatriz, Márcia Real participava da novela das oito na Rádio Tupi já vestida com as roupas de *Anna Karenina*. Assim que a radionovela acabava, ela corria para os estúdios da televisão para viver a heroína de Tolstói. Márcia nunca esqueceu uma cena dessa novela: como Anna Karenina, ela está parada no centro do palco, de um lado o filho e de outro o homem que amava e ela na indecisão sobre qual caminho seguir.

Premiado com o troféu Tupiniquim de Melhor Produtor Teatral de TV de 1959, Geraldo Vietri começou 1960 com a novela *O Príncipe e o Plebeu*. Apesar do título, nada tinha a ver com o clássico de Mark Twain e era exibida toda quarta e sexta, às 9 da noite, no programa *Seriados Empire*. Amilton Fernandes e Luiz Gustavo interpretavam os personagens do título, dois rapazes cujas ambições se retratam em seus próprios nomes. Amilton era o arrogante *príncipe* e Luiz, o modesto *plebeu*, unidos apenas pela falta de dinheiro e motivados pela vontade de se dar bem. Vindos do interior para estudar na capital,

vão parar numa pensão e são tratados pelo casal proprietário (os comediantes Walter Stuart e Maria Vidal) como os filhos que eles nunca tiveram. As garotas-propaganda Neide Aparecida e Mary Nogueira davam seus primeiros passos como atrizes e viviam as sobrinhas dos donos da pensão disputadas pelos dois rapazes. Escrita por Vietri, a história era narrada com leveza e graça e já tinha a estrutura que ele iria incluir em suas novelas alguns anos depois. O sucesso foi tanto que a dupla Amilton Fernandes e Luis Gustavo voltou em maio de 1960 com *Os Dois Príncipes*, dessa vez como dois milionários em turnê pelo mundo.

Nesse tempo de novelas ao vivo, quase tudo era feito em estúdio, o que obrigava o diretor e equipe a improvisarem o tempo todo. Caso o roteiro exigisse um castelo, recorria-se a fotografias ou ilustrações de calendários. Algumas vezes montava-se algo no próprio pátio da emissora ou se filmava de dentro do estúdio, apontando a câmera para a rua por onde circulavam os atores. Em último caso, Geraldo Vietri filmava em 16mm e na hora em que a novela estava no ar ficava no estúdio comandando os cortes para mandar as cenas na hora certa.

Em 1961, Vietri escreveu e dirigiu *Noturno*, trama romântica sobre a vida do compositor Chopin.

Claudio Marzo vivia o Chopin jovem e Laura Cardoso a escritora George Sand, paixão do músico. Essa novela foi reeditada no ano seguinte com o nome de *Prelúdio: A Vida de Chopin* e com os mesmos atores. Os capítulos ainda eram transmitidos ao vivo e do ar gravava-se em videotape para exibições em outras capitais. Em 1962, Vietri estava por trás de *A Estranha Clementine* e *A Noite Eterna*, duas histórias altamente dramáticas, estreladas respectivamente por Glória Menezes, logo após a consagração internacional pelo filme *O Pagador de Promessas*, e Laura Cardoso.

52

Além de outras adaptações, no ano seguinte viriam algumas tentativas de novelas de sua autoria – *Sublime Aventura* e *Terror nas Trevas*, essa uma trama policial sobre o rapto da filha de um banqueiro, papel de Suzana Vieira. Logo depois, Geraldo Vietri lançou-se a *uma obra vigorosa, intensa de drama e comicidade, retratando fielmente uma época inteira*. Era assim que a revista *Intervalo*, especializada em televisão, descrevia *Moulin Rouge*, que centrava sua ação na Paris do início do século e contava a história do pintor Toulouse-Lautrec, a mesma do filme de Baz Luhrmann, estrelado por Nicole Kidman, é bom lembrar. O artista deformado era interpretado por Percy Aires, ator com quem Geraldo Vietri trabalhou muito. A caracterização de Percy foi

muito elogiada, assim como os números de *cancan*, interpretados por Maria Pia Finocchio e suas bailarinas. Era praticamente o fim da primeira fase das novelas, quando ainda não eram diárias.



Alma Cigana: Ana Rosa e Amilton Fernandes

Capítulo VII

Alma Cigana

A TV Excelsior concorria com a Tupi e sua audiência crescia. Em 1963, Edson Leite veio com a ideia de produzir uma novela diária, com o patrocínio da Colgate-Palmolive, que ninguém acreditava que poderia vingar. Foi assim que em meados de julho de 1963, às 7 da noite, estreou *2-5499 Ocupado*, adaptação de Dulce Santucci para o original do argentino Alberto Migré, estrelado por Tarcísio Meira e Glória Menezes. *Na Tupi a gente dava risada. Quem vai aguentar fazer isso todo dia? Vão se estourar logo, nós dizíamos*, declarou Luiz Gallon numa entrevista para a revista *Classe News*. Um dos pioneiros da Tupi, Gallon era diretor de TV, aquele que fazia a seleção das imagens, ficava na técnica, comandava as câmeras e todo o espetáculo. A turma da Tupi estava redondamente enganada e em março de 1964, quando a concorrente Excelsior já movimentava sua quinta produção, a emissora começou a investir em novelas diárias.

Adaptada e traduzida por Ivani Ribeiro do texto do mexicano Manuel Muñoz Rico, *Alma Cigana* foi a primeira novela diária da Tupi, inaugurou o horário das 8 da noite e a direção ficou com

Geraldo Vietri, que deu à novela um tratamento melhor que as produções da Excelsior. Em sua estreia nas novelas, Ana Rosa vivia um papel duplo, o primeiro do gênero, de freira e cigana, Thereza e Esmeralda. Havia dúvidas se era ou não um caso de dupla identidade, pois algumas pistas na história levavam a isso, mas eram mesmo duas personagens distintas. E no final da novela o mistério foi esclarecido.

56

Ana Rosa vinha de uma participação no programa *Garota do Calendário*, onde a cada episódio a mocinha se materializava como se fosse sonho de um rapaz. Ela interpretou uma espanhola, Luiz Gustavo assistiu ao trabalho de Ana Rosa e a indicou a Cassiano Gabus Mendes, que andava atrás de uma atriz para protagonizar *Alma Cigana*. Ana Rosa sabia dançar flamenco e isso lhe rendeu pontos para ganhar a personagem. *Se você souber representar, o papel é seu*, disse-lhe Cassiano. Ela lembra de Vietri no estúdio, dirigindo seu teste e fazendo sinais de aprovação para o diretor da emissora.

No último capítulo, ocorreu o tão esperado encontro das duas personagens. E numa cena curta, Ana Rosa contracenou com ela mesma, uma ousadia da produção na época. A atriz ouvia a equipe comentar que o encontro das duas iria dar muito trabalho, mas isso não ocorreu e, para

surpresa do próprio Vietri, a cena foi realizada em duas horas. Com o cenário iluminado só de um lado, Ana Rosa gravou primeiro vestida com as roupas da cigana. Dizia o texto e, como sabia a resposta, mentalmente dava um tempo, depois vinha a fala seguinte e mais tempo. Na sequência, com o cenário iluminado do outro lado e vestida como a condessa Stella, que já tinha saído do convento e não mais usava o hábito de freira, gravou o texto da personagem contracenando com a cigana. Com as duas fitas sobrepostas, apareciam as partes iluminadas e o escuro caía fora e, como num passe de mágica, as duas personagens interpretadas pela mesma atriz estavam lado a lado. Num determinado momento as duas se abraçavam e uma colega vestiu a roupa da condessa e aparecia de costas.

57

Ana Rosa lembra outra cena específica dessa novela que era o confronto da cigana com o tio. Ela, que voltou para se vingar e conseguira seus objetivos, é chamada pelo homem para uma conversa, revela ser sua sobrinha e o velho tem um ataque apoplético. A cena terminava com o homem caído no chão e a cigana olhando para ele. *Eu me deixei levar pela emoção, comecei a gargalhar com o velho caído no chão. Quando deram o corte, eu olhei e parecia que as pessoas em volta estavam elétricas. E o Vietri, vi o Vietri*

literalmente com os cabelos em pé. Tenho a impressão até de que a partir dessa cena que ele se tornou meu fã, meu admirador, conta Ana Rosa.

Alma Cigana foi exibida de março a maio e, até o fim de 1964, Geraldo Vietri dirigiu quatro novelas consecutivas, todas adaptações de textos argentinos, cubanos ou mexicanos, a moda da época, quando nem se pensava em autores nacionais escrevendo para a televisão. Se o *Mar Contasse* é mais curiosa e teve cenas gravadas na Ilha Porchat, em São Vicente. E realizar externas em 1964 não era um procedimento corriqueiro. A sequência realizada no litoral mostrava Zurá (Ana Rosa) se atirando de um penhasco e sendo salva pelo seu amado Polo (Luiz Gustavo). Ana Rosa avisou ao diretor Vietri que não sabia nadar, apenas boiar, e ele a tranquilizou dizendo que ela só iria entrar no mar. Luiz Gustavo, estava de braço engessado, e o cameraman Décio, que tinha o mesmo tipo físico do ator, foi servir de dublê. Combinaram que ela entraria no mar e que simularia o afogamento quando estivesse com a água ali pela cintura, para não perder o pé. Com a saia muito rodada e cheia de babados de sua personagem caíçara, Ana Rosa se abaixou para boiar e poucos segundos depois estava sendo puxada pelo colega. *Você está bem*, Décio perguntava. De olho fechado e sem sair da perso-

nagem que estava desmaiada ela só balbuciava um *hummm*, enquanto ia sendo arrastada até as pedras, onde estava um padre interpretado por Rolando Boldrin que ajudava na operação de salvamento. Quando a cena terminou, a equipe correu para ver as imagens gravadas no monitor e Ana Rosa ficou surpresa ao ver que nas imagens captadas o casal parecia duas *cabecinhas de alfinete*. E ela tinha se preocupado tanto em não falar para não estragar a cena.

A Gata, Quando o Amor é mais Forte e *O Sorriso de Helena* foram as outras três novelas dirigidas por Vietri no ano de 1964. Nenhuma delas rivalizou com a aceitação de *A Moça que Veio de Longe*, produção da concorrente Excelsior, uma das primeiras a ganhar a atenção do público. E muito menos com o arrasa-quarteirão *O Direito de Nascer*, essa da Tupi, que chegou no começo de dezembro de 1964, virou mania e decretou que a mania de novelas chegava mesmo e com força.

Teresa, a primeira produção da Tupi, em 1965, não deixou maiores recordações, embora a moça pobre e inescrupulosa que Geórgia Gomide viveu chegou a despertar a ira de alguns telespectadores. A novela era adaptada por Walter George Durst e dirigida por Vietri. Bem mais marcante foi *O Cara Suja*, que repetia a dobradinha Durst

adaptador e Vietri diretor. Sérgio Cardoso vivia um imigrante calabrés apaixonado por uma paulista quatrocentona e falida. Ele ganha na loteria e enriquece logo no começo, mas ainda assim segue humilhado pela arrogante Iara (Rita Cléos), que era loira e carinhosamente chamada por ele de “biondina”.

60

Grande astro do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), Sérgio Cardoso enfrentava uma fase difícil nos palcos e fez aí sua estreia nas novelas. Na época, a divisão entre atores de teatro e televisão era imensa: *O pessoal da televisão se recusava a fazer teatro e não aceitava o de teatro porque achavam que havia uma forma diferente de interpretar, como se isso fosse possível. É tudo a mesma coisa, mas na época havia barreiras. O pessoal do teatro via a televisão como prostituição da arte.* Palavras de Vietri.

Uma experiência de neorealismo na TV, *O Cara Suja* teve bastante repercussão, tanta que o protagonista Sérgio Cardoso chegou a gravar um compacto com dois temas da novela: *Se Piangi Se Ridi* e *Biondina*. Essa novela inicia o filão da colonização italiana, que Geraldo Vietri usaria em suas histórias mais conhecidas. Cicillo, o calabrés interpretado por Sérgio, era assim definido por Vietri: *É um tipo louco, passional, sensual.* Ao fim dessa atuação elogiadíssima, Sérgio Cardoso



O Cara Suja: Sérgio Cardoso e Rita Cléos

se transferiu para a recém-inaugurada TV Globo para protagonizar *O Preço de uma Vida*. Mas calma que ele volta a trabalhar com Vietri na Tupi.

Produção seguinte do horário das 8 da noite, *A Outra* tentava uma temática ousada para aqueles tempos, a infidelidade. O adaptador Walter George Durst recorria a uma peça italiana e Geraldo Vietri era novamente o diretor. No centro da trama, três irmãs bem casadas às voltas com uma destruidora de lares, *A Outra* do título da novela. A personagem de Geórgia Gomide era a sofredora típica e, durante os 60 capítulos da

trama, ficava vários dias no hospital entre a vida e a morte, e ia parar numa cadeira de rodas. O papel de vilã ficou com Guy Loup, que estava no auge depois de ter interpretado a mocinha de *O Direito de Nascer*, chegando inclusive a trocar o nome artístico para Izabel Cristina, o de sua personagem na novela. E os produtores inovaram, colocando-a como a vilã que para atingir seus interesses casa-se com o pai das três moças direitas da novela. Essa novela marca a estreia de Tony Ramos, vivendo o filho de Juca de Oliveira e Vida Alves, um personagem sem muitas falas.

62

O videoteipe havia chegado fazia quatro anos, mas *A Outra* teve seu clima de *ao vivo*. É que o esquema de produção atrasou e a equipe foi obrigada a gravar direto o capítulo daquela noite de outubro de 1965, pouco antes do horário da exibição. Só que o equipamento falhou e o diretor Vietri teve de organizar às pressas um plano para a transmissão ao vivo. Continuava entusiasta do *ao vivo* e declarou à revista *Intervalo*: *Penso que é assim que as telenovelas deveriam ser feitas, ao vivo. Atraso de vida mesmo é gravá-las.*

Outros dramalhões adaptados de textos estrangeiros se seguiram e vale destacar *Ciúmes* e *Paixão Proibida*, pelos encontros que Geraldo Vietri teve nelas. *Ciúmes*, de 1966, foi a única

novela estrelada por Cacilda Becker, que fazia uma mãe enlouquecida de ciúmes pelo filho, e Vietri assumiu a direção, substituindo Benjamin Cattan de um terço da novela em diante. *Cacilda apagava todo mundo e estava sempre com as mãos geladas*, ele disse. *Ciúmes* ia ao ar às 9h30 da noite e não agradou muito. O sucesso naquele período, em horário menos avançado, era *O Sheik de Agadir*, da Globo, que existia fazia dois anos e começava a ganhar terreno com suas novelas de capa e espada. Em 1967, Vietri dirigiu *Paixão Proibida*, novela adaptada por Janete Clair, que em poucos anos viria a se tornar a senhora das novelas da Globo. No centro da trama, um casal enamorado do século 18, vivido por Sérgio Cardoso e Miriam Mehler, lutando para salvar seu amor e, paralelo ao romance, a Inconfidência Mineira. Nos bastidores da novela, houve uma queda de braços entre Sérgio Cardoso e a autora, desgostosa com as interferências do ator em seu texto. O clima era tão tenso que Janete ligou para Daniel Filho para sondar a possibilidade de ingressar na Globo, onde viria a se tornar a senhora das novelas da emissora. Não se sabe de que lado ficou Vietri, mas Sérgio logo seria o protagonista de duas de suas novelas mais bem-sucedidas.



Os Rebeldes: *Tony Ramos*

Capítulo VIII

Juventude em Fúria

Em 1967, Geraldo Vietri consegue vingar um original seu, *Os Rebeldes*. Até então só argentinos ou mexicanos dominavam os chavões necessários, como a filha que não era filha, a outra parte do medalhão, e outros clichês que imperavam nas histórias, adaptadas por gente que depois assinaria seus próprios textos – Janete Clair, Dias Gomes, Ivani Ribeiro, Walter George Durst. Em crise financeira, a Tupi estava sem recursos para comprar textos estrangeiros e Vietri recebeu sinal verde de Cassiano Gabus Mendes para criar uma história original, o que ele vinha solicitando fazia tempo. Nasceu assim *Os Rebeldes*, a primeira novela com texto brasileiro e também bem mais longa que o normal – teve 102 capítulos. Era como se Vietri levasse para as novelas a nacionalização dos textos promovida pelo *TV de Comédia* quase dez anos antes. Como era impossível escrever e dirigir novela e ao mesmo tempo fazer o *TV de Comédia*, o programa acabou nesse ano.

A juventude rebelde ainda não tinha sido retratada pela televisão, ainda às voltas com os mocinhos e as mocinhas sofredoras das histórias



Os Rebeldes: *Elias Gleiser, Maria Luiza Castelli e Tony Ramos*

cubanas, mexicanas e argentinas. Com essa novela, Vietri partiu para mostrar um mundo em transformação, através dos problemas da juventude brasileira, as transformações que estavam ocorrendo quando o carro, o chiclete, o jeans e o rock passaram a ser padrões da garotada. Geraldo Vietri sempre combateu isso e a novela mostrava a luta de seus personagens em não se deixar envolver. Uma sala de aula era o principal cenário da trama, que abordava conflitos de geração e sociais, entre pais e filhos, professores e alunos.

A crise financeira da Tupi obrigou Geraldo Vietri a buscar caras novas e *Os Rebeldes* lançou Tony Ramos, Dennis Carvalho, Ademir Rocha e Annamaria Dias. Junto com Ana Rosa e Guy Loup, as estrelas de *Alma Cigana* e *O Direito de Nascer*, esse bando de garotos protagonizava a novela. Na festa de seus 18 anos, Helena interpretada por Ana Rosa descobria que era filha adotiva e recebia uma sonora bofetada de seu pai de criação (Elias Gleizer). Tony e Dennis viviam dois adolescentes rebeldes, Giancarlo interpretava o mau-caráter Zé Roberto e muitas das barras desses garotos explodiam nas dependências da lanchonete comandada pelos atores Marcos Plonka e Olívia Camargo. Felipe Levy era o ajudante da cantina e o personagem de Plonka tinha ciúmes



Os Rebeldes: Guy Loup, Annamaria Dias, Ana Rosa, Tony Ramos, Giancarlo e Ademir Rocha

dele, achava que dava em cima da mulher. Esse núcleo da cantina quebrava o acentuado tom de drama, as situações mais tensas, introduzindo personagens cômicos, que até então eram inéditos em novelas.

Um dos programas de maior sucesso da Tupi naquele ano, *Os Rebeldes* foi uma novela ou-sada, ainda mais para os padrões da emissora. O final foi antecipado e os 30 últimos capítulos reduziram-se a três. O motivo foi uma reformulação na programação da emissora, que enfrentava uma de suas crises. Geraldo Vietri registrou esse desapontamento nas páginas de *Intervalo: Os telespectadores que me perdoem, mas não tenho culpa se o final ficou chocho. Tenho de obedecer às ordens da direção. Como autor da novela, devo dizer que a mim prejudicou muito o corte.*

69

Na gravação da última cena, Percy Aires começou com uma fala completamente diferente, imitando uma mãe desconsolada que perdeu o filho. Aí toda a equipe entrou em cena fazendo a maior algazarra e provocando as famosas broncas de Vietri: *Quem fizer isso de novo pode ir direto para casa.* Ao final das gravações, Vietri distribuiu uma medalha a cada um da equipe e seguiu-se uma festa para comemorar o encerramento das gravações. *Os Rebeldes* foi a primeira

novela de autor brasileiro da história da nossa televisão e lançou as sementes para as que viriam em seguida. A explosão do novelista Geraldo Vietri estava próxima.

Com praticamente o mesmo elenco de *Os Rebeldes*, Geraldo Vietri continuou o tema da juventude em *Os Reis do lô-lô-lô*. O tom de sátira é evidente no título, que remete ao famoso filme dos Beatles *Os Reis do lê lê lê*. O programa semanal escrito e dirigido por Vietri misturava o clima dos quatro cabeludos ingleses ao da Jovem Guarda, a explosão musical do momento. Tony Ramos, Dennis Carvalho, Giancarlo e Marcos Plonka viviam a turma de cabeludos. Ana Rosa fazia uma personagem inspirada em Wanderléa, com cabelão comprido, minissaia e botinha igual à da cantora. Elias Gleizer era o empresário da turma e imitava Júlio Rosemberg, que tinha uma voz bem rouca.

Um dos pontos altos do programa eram as sátiras aos sucessos da Jovem Guarda, escritas por Marcos Plonka. Ele transformou *Pare o Casamento*, hit de Wanderléa no seguinte: *Seo delega, case agora/ por favor, case agora/ seo delegado esse casamento/ terá que ser com esse jumentol/ me quebre o galho ainda esse dia/ pois senão eu vou/ vou ficar pra titia... seo delega, case agora...* E para a célebre *A Namoradinha de um Amigo*

Meu, Plonka abusou no conflito geracional: Estou amando loucamente a linda bisavó de um amigo meu! ela não tem dente... Os Reis do lô lô lô era gravado com a participação do público no auditório da Tupi. E a chamada do programa era essa: Os Reis do lô lô lô – Eles vão, eles vêm. Em cada excursão, o conjunto jovem mais maluco da paróquia arma cada confusão.

Espécies de jograis, com dois ou três temas, *Teleartes* foi um espetáculo criado por Geraldo Vietri para viajar com um grupo de atores para o interior de São Paulo e sul de Minas nos fins de semana. Para facilitar a vida, dispensava cenários e algumas cadeiras cobriam o palco nu. Teve diversas formações, e inclusive Amilton Fernandes, Laura Cardoso e Vida Alves chegaram a fazer parte da trupe. No final dos 1960, Tony Ramos, Ana Rosa, Dennis Carvalho, Olívia Camargo, Ademir Rocha, Marcos Plonka e Giancarlo compunham o elenco dos *Teleartes*. Os homens vestiam calças azuis e as mulheres saias na mesma cor e o figurino se completava com blusas de gola alta vermelhas.

O clima diversão e arte tomava conta dos bastidores, com várias passagens engraçadas. A turma se apresentava num cinema do interior e em determinado momento cantava uma música popular francesa emendada minutos depois com

a Marselhesa. O palco era bastante estreito e a tela do cinema ficava bem ali, atrás dos atores. Vietri acompanhava o espetáculo atrás da tela. A voz de trovão de Marcos Plonka sempre se sobrepunha a dos outros colegas. E no momento da troca das músicas, ele simplesmente começou a cantar o hino nacional brasileiro. Nessa parte, o elenco estava de costas para o público e virado para a tela. Praticamente cara a cara com o Plonka, só a tela os separando, o diretor Vietri não deixou para depois: *Seu judeu fdp. É a Marselhesa! Olha, procura morrer aí no palco porque senão eu te mato aqui fora.* E imbuído do espírito o show não pode parar, o elenco todo se controlando para não cair na gargalhada.

Capítulo IX

Imigrantes, o Início da Saga

Disposto a revolucionar a programação da emissora, J. Silvestre assumiu a direção artística da Tupi em 1968 e uma de suas medidas foi eliminar o tradicional horário de novela das 7 da noite. Um dos carros-chefes da nova programação eram quatro novelas, exibidas uma depois da outra, a partir de março, das 6 às 8 da noite. Nesse tempo, Geraldo Vietri ficou trabalhando em *A Turma do lô-lô-lô*, depois de ver a sua *Os Rebeldes* encurtada pela mudança na programação. A estratégia de marketing de Silvestre revelou-se equivocada e a audiência despencou. Depois de uma curta passagem pela Excelsior, Cassiano Gabus Mendes voltou a Tupi e em junho de 1968 a emissora paulista trouxe de volta as novelas das 7, buscando uma aproximação com hábitos e costumes brasileiros. A ideia inicial de Cassiano era fazer uma novela baseada na devoção por Nossa Senhora Aparecida, mas uma sugestão acidental de Sérgio Cardoso definiu a produção que iria reinaugurar o horário. Assim começou a nascer Antônio Maria, escrita por Geraldo Vietri, que não passaria despercebida. Em texto publicado no álbum da novela, Geraldo Vietri explica como começou a surgir a novela:



**Sérgio
Cardoso** em

Antonio Maria

a glória de um povo
na alma de um homem

4 De
segunda
a sexta
feira,
às
19:00 hs

canal **TV
TUPI**

Cartaz Antonio Maria

No princípio era a ideia. Ideia de realizar a história de um imigrante. Mas um imigrante de que nacionalidade? Ocorreu-nos, então, o povo português. E desse povo escolhemos Antônio Maria como nosso personagem estrangeiro. Uma vez imaginado o tema, elaboramos uma sinopse do enredo, acompanhado de todas as suas tramas complementares. Em seguida, entregamo-nos de corpo e alma ao exaustivo trabalho de compor os textos. Feito isso, selecionamos cuidadosamente os atores e o pessoal técnico. Passo seguinte: planejamento, construção e decoração dos cenários. Em linhas gerais: estávamos prontos para realizar o que julgávamos fosse apenas mais uma entre centenas de outras telenovelas. De repente, ante nossa surpresa, Antônio Maria cresce, alastra-se vertiginosamente em todas as direções, envolvendo, conquistando milhões de telespectadores, suscitando discussões as mais curiosas, criando hábitos novos em substituição a velhos, forçando involuntariamente alterações em horários de práticas religiosas, modificações em horários de aulas, interrupções de conferências ou reuniões, adiamento de inaugurações e cerimônias várias, inspirando anúncios publicitários e anedotas, mas anedotas sadias, positivas, registrando índices respeitáveis de audiência mesmo junto ao público masculino, o que contraria a tese de que ver telenovela é coisa de mulher.



Logotipo Antonio Maria

A glória de um povo na alma de um homem. Essa era a chamada de publicidade para Antônio Maria. Anterior ao megassucesso *Beto Rockfeller*, a novela trouxe uma série de inovações ao gênero. Fato inédito, cada capítulo durava 45 minutos, em vez da meia hora que vigorava até então. A novela passou a ser comentada, discutida. E o sotaque de Sérgio Cardoso era autêntico ou não? O ator, conhecido por Hamlet no teatro, incorporou o português de vastos bigodões e passou a receber mais de mil cartas por mês, com pedidos e convites.

Quando foi convidada para Antônio Maria, Aracy Balabanian não achava que seria a mocinha da novela. Ela e Carmen Monegal viviam as duas filhas do ricoço, Carmen a mais linda e Aracy a revoltada, que a aceitação popular transformou na heroína. *Antônio Maria* é uma novela emblemática na vida de Aracy Balabanian que, nessa época, vivia o desafio da aceitação do pai que não queria que a filha fosse atriz, por ela não ser um Sérgio Cardoso.

Com aquelas ideias de moça direita ou não que ele tinha, Geraldo Vietri devia gostar dessa minha batalha. O homem tinha verdadeiro horror àqueles que faziam da profissão uma vitrine e Aracy não se encaixava nem um pouco nesse perfil. Ela vinha do teatro, encarava



Antonio Maria: Aracy Balabanian e Sérgio Cardoso

a carreira com seriedade e em pouco tempo entrou para o time das *queridinhas* do Vietri. ...*Ah se houvessem duas Aracy Balabanian*, ele vivia dizendo, o que provocava o ciúme de algumas colegas de elenco.

As resistências do pai de Aracy acabaram quando ele começou a assistir à filha contracenando com Sérgio Cardoso e passou até a levar comida armênia para o ator na TV. A mãe da atriz estava doente, mas foi o pai quem acabou falecendo primeiro, pouco tempo depois de aceitar e incentivar a profissão da filha. Aracy enterrou o pai no domingo e na manhã do dia seguinte já estava nos estúdios da Tupi gravando a novela. E numa daquelas coincidências absurdas, a primeira cena, sua personagem dizia assim: *Paí...*, referindo-se ao personagem da novela, interpretado por Elísio de Albuquerque. Um clima de emoção tomou conta dos estúdios, Vietri chorava de soluçar, a equipe toda caiu na choradeira e Aracy também. *Mas ele foi o primeiro, Vietri chorou antes de mim*, ela lembra. Três meses depois, quando Aracy ainda gravava a novela, sua mãe também veio a falecer. Ela foi informada da morte na TV e quando Vietri ficou sabendo o que acontecera, arrancou o fone dos ouvidos, atirou longe e quase quebrou uma mesa antes de berrar ...*Essa menina não*



Antonio Maria: Aracy Balabanian e Sérgio Cardoso



Antonio Maria: *Maria Luíza Castelli e Elísio de Albuquerque*

merece. Solidário com a dor daqueles a quem gostava, ele sofria junto com a pessoa.

Recém-chegado ao Brasil, o estudante português Duarte Gil conhecia a atriz Néa Simões, do elenco de Antonio e Maria e casada com um português. Duarte foi aos estúdios da Tupi assistir a um programa que Néa apresentava, o *Caravelas da Saudade*, e soube ali que estavam começando os preparativos para uma novela sobre a imigração portuguesa. Entusiasmado, foi fazer figuração nos primeiros capítulos da novela. Sua nacionalidade logo despertou a atenção de Vietri que o chamou para esclarecer um detalhe qualquer, depois outro, mais outro... Duarte lhe passava informações, livros, textos, vocabulários, termologias, foi ficando e logo contratado para ser assistente de produção, que era mais ou menos ser assistente de Vietri. Houve um entrosamento grande entre os dois e durante 17 anos, até perto do fechamento da Tupi, Duarte Gil foi assistente de Vietri.

Quando se lançou a escrever a novela, Geraldo Vietri ainda não conhecia Portugal. Logo no começo da história, estava gravando com Sérgio Cardoso uma cena repleta de referências às paisagens de Lisboa. De repente o ator o chamou de lado e disse que teria de mudar o texto. *Mudar pra quê? Está escrito...*, respondeu o diretor que



Antonio Maria: Tony Ramos, Paulo Figueiredo, Dennis Carvalho e Giancarlo



Antonio Maria: *Wilson Fragoso e Izabel Cristina*



Antonio Maria: *Norah Fontes, Annamaria Dias e Jacyra Silva*

não admitia alterações naquilo que escrevia. A recusa acabou na hora em que Sérgio lhe disse que seu personagem falava um absurdo dizendo algo como *...De Alfama vê-se o Tejo*, que só alguém que nunca tivesse ido a Lisboa poderia imaginar.

Ao final de Antônio Maria, Geraldo Vietri e Sérgio Cardoso receberam do governo lusitano, por meio do embaixador de Portugal, a comenda de oficial da Ordem do Infante Dom Henrique. O documento é datado em 12 de dezembro de 1969. O importante prêmio garantia que se ele fosse para Portugal seria recebido pelas autoridades locais, como também seria considerado hóspede do governo. Vietri desfrutou desse privilégio uma vez. Ele estava na Ilha da Madeira e quando descobriram quem ele era o governador local o fez seu hóspede. Logo após a novela, Geraldo Vietri visitou Portugal pela primeira vez.



Antonio Maria: *Dennis Carvalho e Patrícia Mayo*



Antonio Maria: Carmem Monegal, Sérgio Cardoso e Aracy Balabanian



Antonio Maria: *Carmen Monegal*

Capítulo X

Um Tom de Revolta

Antônio Maria estreou em julho de 1968, logo caiu nas graças da colônia portuguesa que se sentiu homenageada e no terceiro mês era campeã de audiência. A aceitação da novela pode ser medida por algumas matérias de jornais. *Antônio Maria, a integração*, matéria assinada por Almir Fonseca e publicada em 22 de agosto no jornal paulistano *Folha da Tarde* usa o pretexto de falar da identificação dos autores com seus papéis para apontar ousadias na trama:

De repente o texto de Geraldo Vietri explodiu, espalhou-se pelas paredes, pintou tudo de colorido e saiu pelas ruas como se fosse uma coisa viva: – Ditadura nunca deu certo em lugar nenhum! A história prova isso tintim por tintim! E um dia os humildes vão sentir uma vontade forte de se revoltar, de mudar tudo!

Em plena agitação de 1968, o AI-5 seria decretado no final daquele ano, o diálogo acima era da revoltada Maria Clara (Jacyrá Silva), uma empregada negra, vaidosa e inteligente que se emprega como doméstica para custear seus estudos de canto. Explicitamente a fala não tinha a ver com a situação política do País e se referia



Antonio Maria: *Jacyra Silva e Norah Fontes*

a conflitos na casa dos patrões. Através da personagem, Geraldo Vietri atacava com firmeza o preconceito racial. Numa conversa com Antônio Maria, no capítulo 62, a personagem deixava isso bem claro:

Já trabalhei em muitas casas antes desta, sabe? Mas nunca me dei bem. Quando eu era menina, tive uma patroa que me chamava de negrinha. Eu sou negrinha, sim. Não tenho vergonha disso. Mas eu ficava com raiva do jeito que ela falava. Falava com desprezo, só para me humilhar. Aqui não! A dona Berenice é muito exigente, não dá folga, eu trabalho mais que dentadura em boca de velho que gosta de pipoca, mas nunca ninguém me chamou de negrinha. Eles sempre me deixaram comer a mesma comida deles, quanto eu quisesse. E o senhor sabe, eu como bem. Com aquele bruto portão que tem nos fundos, a gente não precisa entrar por ele. A dona Carlota nunca me chamou a atenção quando eu entrava pela porta da sala. Tem uma coisa que eu odeio, Sr. Antônio Maria. Odeio mais do que odiava aquela patroa que me chamava de negrinha. Eu odeio aquela plaquinha onde está escrito ENTRADA DE SERVIÇO. Para que isso? A gente é tudo igual, não é? Nasceu do mesmo jeito e vai morrer tudo do mesmo jeito, não é? Então por que é que tem de ter uma entrada

para os ricos e outra pros empregados? É por isso que eu sinto. Porque aqui ninguém nunca lembrou de botar uma plaquinha dessas no portão do fundo. Eu não quero sair desta casa. Nem que seja para eles não me pagarem ordenado. Nem que seja para trabalhar de graça, só pela casa e comida. Porque aqui eles não tratam a gente como bicho!

94

A empregada Maria Clara transformou-se numa das mais queridas pelo público. E namorava um bombeiro branco, o cabo Honório (Marcos Plonka), outro que virou queridinho do público. Uma noite, Plonka recebeu um telefonema noturno de Vietri, o que era normal, já que o homem praticamente morava na Tupi e na sala dele havia uma tábua onde ele dormia em cima por causa dos problemas na coluna. Plonka foi avisado que deveria estar bem cedo na TV no dia seguinte para gravar uma cena grande. Às oito da manhã ele estava no estúdio e recebeu um calhamaço com seus diálogos: era uma cena imensa com toda a história do Corpo de Bombeiros, com datas, locais e detalhes. Essa cena rendeu frutos ao autor que recebeu o título de bombeiro honorário no Paraná – esse título não existia e foi criado especialmente para homenagear o trabalho do ator. No final da novela, o casamento do bombeiro com a empregada foi



Antonio Maria: *Néa Simões, Marcos Plonka e Jacyra Silva*

gravado na igreja dos bombeiros, numa travessa da Avenida Tiradentes, com a presença do comandante e tudo.

96

Novela sem mocinhos nem bandidos, Antônio Maria não se prendia ao casal de protagonistas e cada um de seus 20 personagens tinha o seu drama, o seu mundo particular. Era uma inovação na estrutura das novelas o início da modernização que explodiria em *Beto Rockfeller*, escrita por Bráulio Pedroso. De novembro de 1968 a abril do ano seguinte, quando acabou Antônio Maria, as novelas foram gravadas simultaneamente. No clima familiar que predominava na Tupi, Vietri e Bráulio promoveram até um intercâmbio entre as duas novelas. Lu, a personagem vivida por Débora Duarte em *Beto Rockfeller* encontrava-se com Heloísa, que Aracy interpretava em *Antônio Maria*. As duas se encontravam na casa da cartomante vivida por Ety Fraser, onde tentavam descobrir o destino de seus respectivos romances com os personagens títulos da trama. E, no final de *Antônio Maria*, Lima Duarte, que estava no elenco de Beto e dirigiu boa parte da novela, faz uma participação especial em Antônio Maria como o padre que casa o português e a filha do milionário.

Geraldo Vietri concorreu ao Troféu Imprensa de melhor novelista e perdeu para Ivani Ribeiro



Antonio Maria: Giancarlo, Dennis Carvalho, Paulo Figueiredo e Tony Ramos



Antonio Maria: *Paulo Figueredo e Annamaria Dias*



Antonio Maria: Tony Ramos e Aracy Balabanian

por *O Terceiro Pecado*. Os outros concorrentes foram Benedito Ruy Barbosa (*A Última Testemunha*), Bráulio Pedroso (*Beto*) e Teixeira Filho (*A Pequena Órfã*). Na categoria diretor de TV, perdeu para Gonzaga Blota (*O Terceiro Pecado*).



Antonio Maria: *Giancarlo e Dennis Carvalho*



Antonio Maria: *Aracy Balabanian e Sérgio Cardoso*



Antonio Maria: *Aracy Balabanian e Sérgio Cardoso*

Capítulo XI

Instantes Dramáticos

Direto dos Roteiros – 1

No estilo Vietri de escrever, no caso textos longos, os famosos bifes na linguagem dos atores eram constantes. O texto abaixo fez sucesso e emocionou muita gente quando exibido em cena da novela *Antônio Maria*, dito por Sérgio Cardoso. É sobre o ano-novo e as novas esperanças da data:

ADALBERTO

Meia-noite. Feliz ano-novo para todos!

TODOS

Feliz ano-novo! Feliz ano-novo!

CARLOTA

E quem vai fazer o discurso?

ADALBERTO

Antônio Maria!

ANTÔNIO MARIA

Não, Dr. Adalberto. Por favor.

ADALBERTO

Não precisa ser um discurso, Antônio Maria. Diga umas palavras.

Antônio Maria: Acho que escolheram a pessoa menos indicada para falar... Para dizer, como diz o Dr. Adalberto, algumas palavras. Numa noite como essa, gozando o privilégio de estar nesta casa, não é fácil dizer-se algumas palavras... Noite de fim de ano, noite de esperanças... De que vivemos, senão de esperanças?... Esperança de que as guerras acabem, de que as perspectivas deixem de ser sombrias... Esperanças de que os homens deixem se odiar... Esperança de que as manchetes de jornais não sejam as que lemos hoje... Esperança de que o homem tenha fé... Fé em si mesmo, em alguma coisa superior que possa guiá-lo, orientá-lo... Sempre há uma esperança... Há quase dois mil anos nascia em Belém, numa noite cinzenta, uma esperança! Uma esperança sem qualquer probabilidade de realizar-se. Um recém-nascido chamado Jesus que era lançado contra o Império Romano!... O que é feito hoje do poderio de César? Seus exércitos pertencem à História... Seu império desmoronou-se, sua influência é nula. Mas as coisas que aquela criança quando já homem falou – palavras de esperança – sobreviveram ao mundo material em que se fizeram ouvir e foram

adquirindo novas forças no decorrer dos séculos. É esse o fundamento da esperança que surge do novo, a cada ano que nasce... Parece impossível acreditar-se, às vezes, acreditar-se que o amor e a boa vontade possam triunfar sobre o ódio e as forças do mal que campeiam por este mundo. Parece uma luta tão desigual. E nesta era atômica, nestes dias em que o homem já vai à Lua, ainda podemos encontrar esperanças na história encantadora, aparentemente antiquada, que é a história do Natal. Há dois mil anos aquela criança nasceu num mundo violento, brutal e sangrento. Os que assistiram ao nascimento não disseram: vejam a que chegou o mundo... Em lugar disso, olharam a criança adormecida e gritaram: vejam o que chegou ao mundo! Como podemos transformar em realidade uma esperança? Como podemos dar vida a dias melhores, num mundo que, igual àquele de dois mil anos atrás, também é sangrento, brutal e violento? Podemos começar como Deus começou: com pequenas coisas. Quando Deus quer fazer crescer uma árvore, planta uma semente. Quando Deus quer construir um universo, comanda uma criança a uma manjedoura... Começamos como

Ele, pelas pequenas coisas que temos ao alcance da mão e todas as esperanças podem se tornar realidade... Começa-se a compor uma nona sinfonia estudando escalas... Começa-se a inventar a fabricação em massa de automóveis aprendendo a consertar relógios... Começa-se a ter amor ao próximo, e dar valor à amizade, a ser bom, a ter fé... E como eles fizeram há dois mil anos – com estas armas – podemos revolucionar o mundo e mudar o curso da História. Todo dia 31 de dezembro nascem novas esperanças. É preciso ter fé... Não importa que possam parecer sombrias as perspectivas...

CARLOTA

Nós teremos fé

ANTÔNIO MARIA

Não importa que os homens se odeiem.

ADALBERTO

Teremos fé.

ANTÔNIO MARIA

Não importa que as guerras continuem.

JORGITO

Nós teremos fé.

ANTÔNIO MARIA

Não importa! Nada importa! Nada conta!
Conta apenas que um novo ano está a nas-
cer... Conta apenas que os Dias Leme estão
reunidos com seus amigos que muito os
querem e que são também muito queridos
por eles. Conta apenas que no coração de
cada um de nós há um mundo de esperan-
ças... esperança que, tenho certeza, há de
se transformar em realidade!

Ele é a própria alegria de viver
JUCA DE OLIVEIRA

NINO

O ITALIANINHO



Juca de Oliveira

Produção e direção:
GERALDO VIETRI

De segunda a sábado,
19:00 horas

4
canal TV
TUPI

Capítulo XII

Criador e Criaturas

Emendar uma novela na outra nunca foi novidade para Geraldo Vietri. Enquanto finalizava Antônio Maria, começou a bolar uma nova história focalizando imigrantes. Saíam os portugueses e entravam os italianos de *Nino, o Italianinho*. Durante um período escreveu as duas simultaneamente, administrando em sua cabeça diferentes personagens e situações. A novidade era a presença de um coautor, Walter Negrão.

Um italiano vivendo entre italianos. Assim era o açougueiro Nino, o personagem título da novela, e Geraldo Vietri aproveitou para colocar muito de sua infância na história, pessoas com as quais conviveu e parentes também. A solidariedade, o afeto e o altruísmo entravam como pano de fundo.

Nino lembra muito meu pai. Morávamos numa vila e sua maior preocupação era a união das famílias da vizinhança, disse Vietri numa entrevista à revista Intervalo. Ele era adolescente quando o pai morreu e o personagem viveu muito tempo em sua cabeça até que surgisse a oportunidade de incluí-lo em uma de suas histórias. A grande dificuldade era achar um ator que pudesse criar



Nino, o Italianinho: Vietri dirige Juca de Oliveira

o Nino que habitava a mente do criador. E isso acabou quando ele encontrou Juca de Oliveira, a quem já tinha dirigido. Recém-chegado de uma viagem à Itália, o ator impressionou Vietri com sua maneira de falar, seu sotaque, seu jeitão de dizer as coisas, aos poucos se identificando com o personagem.

*Ainda hoje, quase não há um dia em que algum fã não me associe a essa novela realizada há 40 anos, diz Juca de Oliveira. Praticamente junto com a estreia de seu primeiro protagonista na televisão, Juca de Oliveira ganhou o prestigiado prêmio Molière de teatro por suas atuações em A Cozinha e Dois na Gangorra. Branca, a mocinha da história, era interpretada por Aracy Balabanian, a revelação de Antônio Maria, e a personagem tinha uma característica marcante: era manca. Aracy quis saber de Vietri se seria uma daquelas manquinhas que vai se operar, sarar e casar com o mocinho e foi informada que sua personagem *permaneceria manca até o fim*. Juca e Aracy, que haviam sido colegas na Escola de Arte Dramática, estavam juntos pela primeira vez na televisão e a dupla romântica entrou para a história das novelas. O triângulo romântico era completado com a ambiciosa Natália, vivida por Bibi Vogel, a noiva de Nino.*

Durante alguns meses, *Nino* e *Beto Rockfeller* eram gravadas simultaneamente nos estúdios da

NINO - o italianinho

W. P.
Gyrolama



Disco da trilha sonora de *Nino, o Italianinho*

Tupi. Os cenários da novela de Vietri ocupavam uma área quatro ou cinco vezes maior do que a destinada à história de Bráulio Pedroso. Uma vila pobre com seis casas era o principal cenário onde circulavam os personagens de Geraldo Vietri. Num determinado momento da trama, os moradores eram despejados e ficavam sem ter para onde ir. A cultura de novela no país engatinhava e, na vida real, a situação de penúria dos personagens chegou a sensibilizar o prefeito de uma cidadezinha do interior que chegou a oferecer infraestrutura, terrenos e casas para os sem-teto da ficção.

Uma viúva italiana muito pobre, austera, sempre vestida de preto e de chicote na mão: assim era a dona Santa, personagem de Myrian Muniz, que se tornou um dos destaques da novela. Myrian não gostou do chicote, pediu para tirar, mas ouviu de Vietri que o acessório devia ficar, até como crítica à ditadura militar. Myrian conseguiu não usar o chicote, apenas ameaçava seus filhos com ele e era prontamente obedecida. *Dei uma melada nessa mulher, pincelei-a com um tom de dramaticidade que é própria da vida de todo pobre, empreguei um pouco de comicidade, tornando-a mais humana, portanto, mais comunicativa. O sucesso foi completo, disse a atriz em seu livro de memórias.*

Uma das mais complexas e densas personagens produzidas pela tevê, dona Santa acabou por apaixonar o País logo nos primeiros capítulos e se tornou um símbolo nacional de solidariedade e afeto. Mas nem tudo foram flores para sua intérprete. Acostumada com o teatro, Myrian assustou-se com o assédio do público das novelas, que confundia a atriz com a personagem, escrevia pedindo ou oferecendo coisas e gritava quando ela passava. Um dia, em plena Rua Augusta, a atriz se viu agarrada e jogada dentro do automóvel de uma senhora, que insistia em pagar-lhe um cachê para que ela fosse tomar chá em sua casa e ser exibida às suas amigas... *Um verdadeiro inferno*, lembra Myrian.

Capítulo XIII

Trabalho e mais Trabalho

O trabalho na Tupi daqueles tempos era exaustivo e as péssimas condições dificultavam a vida de quem passava dez horas por dia na emissora. Começava com a entrega dos roteiros sempre atrasada, passava pelo calor infernal dos estúdios sem ar-condicionado e chegava ao banheiro único para homens e mulheres. Muitas atrizes tinham receio desse banheiro coletivo e levavam latas para fazer xixi atrás dos cenários.

Abnegado pelo trabalho, Geraldo Vietri não se limitava às dez horas diárias, ele praticamente morava na televisão. Sua sala no quinto andar do prédio da Tupi, onde atualmente é a MTV, funcionava como residência. Da janela de sua sala pequena avistava-se todo o bairro do Sumaré e o acessório mais vistoso era um grande armário onde armazenava seu material. Havia duas mesas, uma de frente para a outra, a do escritor e de seu assistente Duarte Gil. O trabalho era sua droga, sua fonte de prazer, se entregava mesmo e queria a mesma dedicação das pessoas que trabalhavam com ele. Vietri impunha seu ritmo e queria que a equipe o seguisse, o que acabava gerando muitos conflitos. Como um “paizão”,

gostava de ter as pessoas à disposição, sempre por perto e, se não abrisse os olhos, sua equipe acabava morando lá dentro, como ele morava.

Enfurnado no estúdio ou em sua sala, encontrar Vietri dando sopa pelos corredores da emissora não era tarefa das mais fáceis. Atrás do homem para uma entrevista no jornal *Diário de Notícias*, Plínio Marcos aproveitou uma de suas idas ao Salão Grená do Lau, o barbeiro dos artistas da Tupi. A matéria de página inteira foi publicada no finalzinho de 1969, quando *Nino, o Italianinho* arrasava no Ibope. Eis o começo no estilo peculiar do autor de *Navalha na Carne*:

116 *Meus cupinchas, o Geraldo Vietri é o cara que mais dá Ibope em matéria de novela. Com ele não tem babado. Manda ver e emplaca. Com esse ou aquele artista. O que pesa na balança são as suas histórias... A última ele escreve em parceria com Walter Negrão e é a novela campeã absoluta de audiência. Por essas e outras, tem muita gente que bochicha em torno de Vietri. Uns querendo adivinhar a receita de tanto sucesso, outros para fazerem oba-oba, e outros ainda para avacalharem. Sabe como é, ninguém mete bolas na rede impunemente. Se um cara estraçalha um assunto, logo aparece a turma do bota pra baixo e tome piche. Porém o Vietri nem se afoba. Não se liga nos cras-cras-cras ca-*

vernosos que fazem sobre seu trabalho. O que ele quer é remar o seu barco longe das fofocas. Tranca-se no estúdio e fim. Os plás do corredor não entram.

Em outro trecho da matéria, Plínio Marcos faz uma análise interessante do colega, numa época onde o assunto *comunicação de massa* borbulhava como a novidade mais quente.

Ele fala a fala do seu povo. Com mensagens bacanas ou só com lágrimas por lágrimas. Ele tá rente à massa. Dando o melhor de si. Do que vale um pinta ser vanguarda se na hora de conferir ele só falou pra quem tá na sua ou sozinho? Não vale bolhufas. O Geraldo Vietri é que tá certo. E vai continuar largando brasa enquanto os doutorinhos complicarem os troços. O Geraldo Vietri vai botando pra quebrar mesmo sendo acusado de apelar pro dramalhão. Que se dane isso. O povo brasileiro embarca é nessa arenga. E é por aí que se pode ensinar as coisas que eles não aprenderam na escola. É só por aí. Que adianta um papagaio enfeitado bolar um esquema todo na base da cultura, todo nos métodos mais avançados que existem na face da terra, se o povo brasileiro acha chato? Daí é broca. A cultura fica manjada como coisa chata. E é perder tempo bater nessa tecla. O ideal é passar as grandes ideias em formas simples. E uma forma simples e direta

é o Geraldo Vietri quem usa. E pros doutorengos que andam falando pacas em comunicação de massas, que chutam frases inteiras de teóricos desse assunto, que são sempre estrangeiros, eu dou o escracho do Vietri. Os intelectuais fajutos têm muito que aprender com esse moço.

Capítulo XIV

Festas e Incidentes

Exibida durante mais de um ano – de maio de 1969 a julho de 1970 – a produção de Nino teve que enfrentar muitos contratempos, principalmente quando uma fase de doenças abateu muitos de seus atores. Alguns dos casos foram incorporados à trama, outros não.

No meio da novela, Aracy Balabanian adoeceu, foi hospitalizada e ficou duas semanas afastada das gravações. O acidente com Marcos Plonka foi em pleno estúdio, quando ele foi ao chão depois de tropeçar num cabo de câmera e sofreu uma fratura grave no pé. As gravações foram interrompidas e Plonka levado às pressas para o Hospital Samaritano e engessado até o joelho. A perna quebrada do ator foi incorporada ao personagem e Plonka chegou a gravar cenas no hospital. Quando melhorou, trocou o gesso por uma botinha e retornou às gravações, Plonka ouviu do autor: *...Essa tua perna quebrada foi ótimo pra mim e me rendeu vários capítulos.* Na onda de baixas, Geraldo Vietri também foi hospitalizado. O ritmo estressante de trabalho abalava sua saúde frágil e muitas vezes ia parar no hospital, de onde ditava cenas da novela para seus assessores.



Nino, o Italianinho: *Elisabeth Hartmann e Paulo Figueiredo*



Nino, o Italianinho: *parte do elenco*



Nino, o Italianinho: *parte de elenco e equipe técnica*

No final de 1969, uma sequência de incêndios atingiu na mesma semana as tevês Record, Globo e Bandeirantes e um ambiente tenso se instalou nos demais canais – Excelsior, Tupi e Cultura, que se viram ameaçadas por telefonemas anônimos. *Coincidência? Sabotagem? Um incendiário?*, perguntava a reportagem da revista *Intervalo*. *Essa onda de incêndios nos deixou apavorados e com medo de perder nosso ganha-pão*, lembra Marcos Plonka. Os próprios artistas da Tupi organizaram

rondas de vigilância, chefiadas na primeira noite por Plonka, Elias Gleizer, Juca de Oliveira, José Parisi e Geraldo Vietri, armados de espingardas, em sistema de rodízio e de permanente vigília.

Teve também muita festa nas gravações da novela. A principal foi o casamento de Tony Ramos com Lidiane, que teve como padrinhos Aracy Bababian e Geraldo Vietri. A madrinha lembra de Tony todo escanhado de fazer a barba correndo para não se atrasar. É que Vietri não deu folga e houve gravação naquele dia: *...Agora, mais do que nunca esse menino precisa trabalhar*, ele justificava. Da Tupi todos foram para a cerimônia na Igreja Nossa Senhora do Brasil: *Choramos muito na igreja, parecia que era uma primeira comunhão, devido à juventude dos noivos*, lembra Aracy. E o presente de Vietri para o casal foi uma geladeira. Tony Ramos tem grandes lembranças do homem *temperamental, doce, sensível, tranquilo, reservado, muito discreto*. Um dia Vietri foi jantar na casa do casal e depois disse para Lidiane: *Não é que você cozinha bem mesmo?*

O sucesso de Nino não ficou restrito ao Brasil. A novela foi vendida para o exterior e sua versão argentina, estrelada por Enzo Viena (Nino), Gloria Maria Ureta (Blanca) e Elvira Travesi (Dona Santa), teve 269 episódios e foi exibida em toda a América Latina. E pela primeira vez uma novela

latina foi transmitida por um canal americano, o Canal 9 de Nova York, voltado aos imigrantes.

Geraldo Vietri tinha 40 anos e viajou ao México no rastro do estouro da novela. Chegou a praticamente acertar tudo para trabalhar lá, com um alto salário, mas ficar longe dos corredores da Tupi era demais para ele.



Padrinho de casamento de Tony Ramos, com Aracy Balabanian

PROGRAMACION
MAYO
1971

EL 
INFORMA

MAYO 1971 - No. 36

"AÑO DEL SESOICENTENARIO DE LA INDEPENDENCIA DEL PERU"



NINO

"LAS COSAS SIMPLES DE LA VIDA"

Cartaz Nino, o Italianinho, na produção peruana

TITANUS apresenta um filme de GERALDO VIETRI



MARCOS PLONKA

ANA ROSA

TONY RAMOS

BIBI-VOGEL

DENIS CARVALHO

ELIZABETH HARTMAN

PAULO FIGUEIREDO

ELIAS GLEISER



OS DIABÓLICOS HERDEIROS

Cartaz Os Diabólicos Herdeiros

Capítulo XV

Cinema Caseiro

Antes de acabar a gravação de *Nino, o Italianinho*, Geraldo Vietri começou a rodar um novo filme, *Diabólicos Herdeiros*. Era um suspense chanchada à moda Conan Doyle, passado num castelo e com os atores de *Nino* no elenco: Dennis Carvalho, Tony Ramos, Paulo Figueiredo, Etty Fraser e Elizabeth Hartmann, entre eles. Era o terceiro filme dele na década, depois de *Imitando o Sol* e *Quatro Brasileiros em Paris*, todos realizados no máximo em dois meses, no intervalo das novelas, ou seja, produções super-rápidas.

127

Diabólicos Herdeiros se inspirava em *Cuidado, o Terceiro Degrau da Escada Está Quebrado*, peça de Geraldo Vietri. Na trama, 13 pretensos herdeiros, de diversas partes do mundo, são levados a um castelo no qual, um por um, vão morrendo assassinados. A personagem de Etty Fraser, por exemplo, acabava com um punhal enfiado de um lado a outro do pescoço. Muitas das locações eram no estúdio da Tupi.

A gente fazia assim de fim de semana, mais como brincadeira que se transformava em filme, disse Vietri. Dos realizados nessa época, ele guardava boas lembranças de *Imitando o Sol*, *O Pequeno*

Mundo de Marcos e A Primeira Viagem. Imitando o Sol, que tem o subtítulo de *O Homem das Encrenhas*, foi rodado no começo dos anos 1960, nos estúdios da Vera Cruz, em São Bernardo, e foi considerado pela crítica um exercício de Vietri ao estilo dos filmes de Frank Capra. Laura Cardoso vivia a protagonista, uma dona de casa que abandona o marido por ser bondoso demais.

Dos estúdios da Vera Cruz aos da Tupi, *Quatro Brasileiros em Paris*, que estreou no final de 1965, aproveitava as instalações da emissora e seus astros. *O maior elenco nacional. Catorze astros e estrelas numa comédia deliciosa, borbulhante como champanha*, alardeava o cartaz do filme. Amilton Fernandes, Guy Loup, Geórgia Gomide, Marcos Plonka, Ana Rosa, Giancarlo, Lisa Negri, Laura Cardoso estavam no elenco. E na ficha técnica destaca-se o nome do montador Glauco Mirko Laurelli, que dirigiu filmes de Mazaropi.

O filme neorrealista de Vietri, *O Pequeno Mundo de Marcos* estreou no final de 1968 e foi filmado na mesma época da novela *Os Rebeldes*. Marcos Plonka e Ana Rosa interpretavam os protagonistas da história, personagens que *vivem as piores dificuldades para se adaptarem ao centro capitalista que é São Paulo*, descrevia uma matéria de jornal da época. Ruas centrais, como Amaral Gurgel e Major Sertório, serviam de locações para

COMPANHIA CINEMATOGRAFICA

VERA CRUZ APRESENTA

ABILIO
MARQUES

LAURA
CARDOSO

em

imitando o

SOL

COM
FAGANO SOBRINHO
LUCIA LAMBERTINI
CAZARRE
CLEONIR MICHEL
AMANDIO SILVA FILHO
SERGIO HINGST
INTERPRETADO
NEREIDE WALQUIRIA
JEAN CARLO

MUSICAS

GEORGE KASZAS

"O SOL DERRAMA LUZ E
CALOR SEM QUE NINGUEM
LHE PEÇA."

DIREÇÃO

GERALDO VIETRI

Cartaz Imitando o Sol

TR

apresenta um filme de

GERALDO VIETRI

introdução

amilton fernandes

gui lupe

georgia gounide

sergio galvão

ana rosa

marcos plonka

lisa negri

jean carlo

participando

laura cardoso

elias gleiser

o maior

norah fontes

zeisto guzzi

clenira michel

participando, os famosos

francisco toledo

the lions



bulbante como uma taca de champagne francesa!

"41 BRASILEIROS EM PARIS"

Introdução
ANTONIO B. THOME

em

dirigido e produzido
GERALDO VIETRI

Cartaz Imitando o Sol

a história que fazia uma sátira ácida à improvisação e à desumanização em que são lançados os habitantes das metrópoles. Palhaço em um parque, o personagem-título ganhava a vida como vendedor de calçados e cuidava de uma menina orfã e paralítica. Marcos Plonka era um dos atores preferidos de Vietri e presença constante em seus trabalhos praticamente até o fim. Na equipe reduzida, a presença constante do fotógrafo Antonio B. Tomé, sócio de Vietri. O iluminador era um russo chamado de Nuvem Branca, que logo pela manhã se abastecia com *Samba em Berlim*, uma mistura de coca-cola e cachaça.

Rodado bem no começo dos anos 1970, *A Primeira Viagem* é uma história completamente intimista e com dois personagens interpretados por Flamínio Fávero e Aracy Balabanian, fiéis integrantes da turma do Vietri e presença constante em todos os seus trabalhos nessa época. Flamínio interpretava um garoto do interior que vinha para a cidade grande e Aracy uma mulher mais velha, rica, casada que ele encontra no trem e a qual acaba levando-o para seu apartamento. Na cidade grande, o personagem vai deparando com tipos urbanos, inclusive uma turma de hippies e um homossexual que o persegue. Temática ousada, numa história que lembra a produção americana *Perdidos na Noite*, realizada depois.

famafilmes

apresentando um filme de
GERALDO VIETRI

MARCOS PLONKA
ANA ROSA
GIANETTE
FRANCO

O
PEQUENO
MUNDO
DE
MARCOS

MARLENE FRANÇA
JEAN CARLO
IZABEL CRISTINA
MACHADINHO
TONY RAMOS
MÁRIA LUIZA CASTELLI
NORA FONTES
KISTO GUZZI
WILSON FRAGOSO



ANTONIO & THOMAS



Produção e Apresentação
ARNALDO ZONARI - ANTONIO AZULAMBA

Cartaz O Pequeno Mundo de Marcos

TITANUS apresenta um filme de GERALDO VIETRI

ARACY
BALABANIAN

e

FLAMÍNIO
FAVERO

A

PRIMEIRA

VIAGEM

Cartaz A Primeira Viagem

A Primeira Viagem foi realizado ao estilo dos filmes do diretor: produção caseira e equipe reduzida. *Era um filme completamente maluco e tinha momentos em que eu não entendia nada. O filme estava na cabeça do Vietri e o roteiro foi escrito depois*, conta Duarte Gil, que fez a assistência de produção. Vietri bolava muitas cenas de repente: em um determinado local ele dizia que ali iria acontecer tal cena e punha-se a filmar. Aconteceu assim quando a equipe se dirigia a Paranapiacaba, escolhida como locação pela neblina constante. No trem, Vietri resolveu filmar uma cena com a personagem de Aracy e como não havia texto, ele instruiu a atriz para que ficasse contando enquanto a câmera a focalizava. *Agora Aracy, olha pra cima, olha pra direita, olha pra lá e sorri*, ia instruindo. Depois escreveu um texto, que na hora da dublagem batia quase à perfeição com os movimentos labiais da atriz.

O clima de improvisação marcou o filme, todo filmado em externas. A única sequência em interiores foi filmada no apartamento de Aracy Balabanian, que se transformou na casa de sua personagem. *Foi uma loucura. E eu que sou muito dona de casa e gosto das coisas arrumadas, nunca mais quero saber de cinema nem televisão na minha casa. Mas nada como ajudar um amigo a realizar seus sonhos e A Primeira Viagem foi*

assim, diz Aracy. E quando a equipe de amigos acabava de filmar, iam todos preparar uma macarronada, que era o prato preferido de Geraldo Vietri. Ele pilotava o fogão e permanecia atento ao tempo certo de cozimento de sua massa preferida, o espaguete nº 8.

A parte técnica usava e abusava de improvisações. A equipe inventava termos técnicos para expressar os movimentos de câmera que eles inventavam. Um deles, o *cadeirevelling* ficou famoso. O cinegrafista sentava numa cadeira, a qual era segurada por duas pessoas e andava com a câmera de encontro ao ator. Tal qual um *travelling*, só que sem trilhos. Outro recurso era o *vassourevelling*, que consistia no seguinte: No centro da sala a câmera era afixada no tripé, onde se amarrava um cabo de vassoura, que o ator segurava. O ator andava pela sala e a câmera o acompanhava o tempo todo.

135

Era a saída para a falta de recursos e deficiências técnicas. Filmavam com apenas uma câmera com uma lente e quando era necessário uma lente mais potente era alugada por determinadas horas. E para baratear a produção, *A Primeira Viagem* foi filmado em preto e branco, o que dificultou seu lançamento nos cinemas. Quando o filme foi finalizado, a preferência do mercado era para as produções coloridas.

**Juca de
Oliveira**
Operário

**Aracy
Balabanian**
A proprietária

Hélio Souto
Gerente

**Georgia
Gomide**
Secretária

**Lima
Duarte**
Operário



A FÁBRICA

**Novela de Geraldo Vietri, autor
de Nino, o Italianinho
e Antônio Maria, os maiores
sucessos brasileiros de audiência**

**A MAIOR PRODUÇÃO
DE EMOÇÕES**

DIARIAMENTE, ÀS 18,45

tv tupi
SAO PAULO RIO

Capítulo XVI

Convulsão Social

Em 22 de julho de 1970, duas semanas depois do fim de *Nino, o Italianinho*, Geraldo Vietri viajou para o exterior. O roteiro incluía Portugal e Itália, onde foi acompanhado pelo ator Giancarlo, que era cidadão italiano. O passaporte de Vietri registra carimbos da passagem em Barcelona, na Espanha. Como tudo em sua mente girava em torno de trabalho, a estadia italiana não se restringiu a passeios. A cabeça do novelista não parava e durante uns dias em Milão, a convulsão social, as greves e reivindicações trabalhistas chamaram a sua atenção e começou a conversar sobre o tema com italianos para entender melhor o rumo das coisas. Voltou ao Brasil decidido a escrever uma novela sobre a luta do operário por uma condição melhor, por um salário melhor. Começava a nascer *A Fábrica*, protagonizada por Juca de Oliveira e Aracy Balabanian, o par central de *Nino*. Sua ideia inicial tropeçou com a realidade brasileira, com a falta de liberdade dos trabalhadores – em tempos de ditadura militar, ele jamais poderia dizer que um operário não conseguiria viver com um salário mínimo.

O que seria uma luta da classe operária se transformou numa história de amor da dona da fábrica

ca (Aracy) com um simples empregado (Juca). As diferenças sociais da dupla ficavam distantes: ele vivia perfeitamente com o salário mínimo dele e até bombom levava para a amada. *A Fábrica foi uma frustração. No começo eu me propus a abordar um determinado tema, que de repente não dá para ser abordado. Eu não discuto se está certo ou errado, mas na verdade não dava, reconheceu o novelista.*

138

A primeira cena de *A Fábrica* mostrava o gerente entrando no escritório da patroa Isabel (Aracy Balabanian) e avisando-a de que os operários reunidos se recusam a trabalhar e passa a descrever o ambiente da greve. A elegantíssima, linda e loira empresária está de costas e a cena acaba quando ela vira para a câmera e dá a sentença *dispense a todos*.

Em plena ditadura militar, uma novela tratando de assuntos sérios como a greve – no primeiro capítulo uma era deflagrada – não passou despercebida. À espera da liberação da censura, Vietri e seus astros Juca e Aracy foram a Brasília conversar com Julio Barata, ministro do Trabalho e Previdência Social do governo Médici. Passaram uma tarde na capital federal, inclusive explicando e comentando muitas das cenas da novela.

A ousadia do tema nada tinha a ver com as posições políticas de Vietri. *Ele não era de esquerda. Politicamente se dizia e fazia questão de se apresentar como um conservador, um homem quase de direita. Mas a sua grande honestidade profissional, a preocupação permanente com os desvalidos, os humildes a quem ajudava continuamente, fazia dele um homem muito mais à esquerda daqueles que militavam politicamente. Era de esquerda na sua ação concreta, no corpo a corpo com o momento difícil que vivíamos na época e principalmente na sua obra, toda ela voltada para o humilde, o desvalido. Em todas as suas novelas exercia uma crítica ferocíssima contra a classe dominante, os ricos, pela sua indiferença e frieza em relação aos pobres. Pela sua obra se vê que não era um escritor de direita, muito pelo contrário, diz Juca de Oliveira.*

139

Havia o medo da proibição da censura, mas isso não ocorreu. Vietri, aliás, se orgulhava de nunca ter sofrido a ação dos censores. Numa entrevista da época ele fala sobre o tema: *Pode parecer pieguice, quadradismo, mas quando faço uma novela, penso em minha mãe, minha irmã, minhas sobrinhas, que vão estar em casa assistindo. Mesmo em relação a problemas delicados, como questões trabalhistas que tratei na Fábrica, não tive problemas. Alguns capítulos*

foram até elogiados pelo governo. Em todos os aspectos eu poderia mostrar o lado ruim das coisas, provocar ódio e discórdia. Mas acho muito melhor mostrar sempre o lado positivo, porque acredito que a crise do mundo atual está na família. Tudo que fizermos para melhorá-la, vale a pena. Na Fábrica procurava estabelecer uma relação mais humana entre o dono do império e uma partícula do império.

140 Cinco dias depois de sua estreia, no horário das quinze para as sete da noite, *A Fábrica* tinha 25% de audiência em São Paulo e na semana seguinte chegou a mais 14 Estados – ainda não existia transmissão via satélite. A novela ficou um ano em cartaz. Prevista para durar 208 capítulos, foi espichada por ordens da direção em mais 80. É que a morte da atriz Glauce Rocha obrigou o encerramento de *O Hospital*, a novela em que ela trabalhava. Só que *O Hospital* ainda não tinha substituta e a que entraria no lugar de *A Fábrica*, que dava mais audiência, já estava sendo produzida e veio a ordem de continuar a história.

Foi determinação da diretoria. Mas isso não quer dizer que eu vá apenas esticar a história – sou contra isso. Se um autor concede em esticar, todo o trabalho que fez, o enredo que montou, vai tudo por terra. O que eu vou fazer é criar uma segunda fase para a novela. Vou usar alguns

bons personagens da primeira e construir uma outra história. O título continua o mesmo, mas poderia até mudar, é outra história.

Na primeira fase, mais dramática, todas as vidas rodavam em torno da *Fábrica*. Um incêndio, uma greve, uma promoção, alteravam, tumultuavam a vida de todos os personagens. A segunda colocava o humor em primeiro plano e centrava seu foco nos personagens de Lima Duarte e Lúcia Melo, que tiveram bastante aceitação durante a novela. Lima interpretava Pepê, um operário baiano, 40 anos, pobre, feio e careca, que estudava por correspondência. Lúcia era Nina, também feia e pobre, apesar de ter sido criada com sua prima, a dona da *Fábrica* e ter um lastro cultural. O casamento e as diferenças culturais de Pepê e Nina foram para o primeiro plano e Geraldo Vietri parecia se divertir em abordar o amor dos feios.

A história não vai ser sustentada por um par romântico bonito. O telespectador gosta, mas não vai ser assim. A mensagem será muito maior, porque, apesar de feios, têm um mundo interior muito rico. A boa audiência da novela não atingiu essa segunda fase e a audiência despencou. No último capítulo, uma novidade: a ricaça Isabel (Aracy) e o operário Fabio (Juca) não acabavam juntos. Vietri era da opinião de

que novela não tem fim, ela é apenas interrompida numa determinada fase dos personagens. *É por isso que o final não pode ser sempre feliz, o mocinho casando com a mocinha. Na Fábrica nós acabamos de outra maneira, pois se estamos educando o povo, precisamos mostrar que nem tudo dá certo*, explicou numa entrevista.

Aracy Balabanian lembra uma cena antológica de *A Fábrica*: o operário vai ao escritório da empresária convidá-la a dar o pontapé inicial no jogo com os trabalhadores de outra firma. Ele passa a explicar como ela chega ao lugar, dizendo qual ônibus deve pegar, onde descer. *O careta, ranzinza, reacionário levantou muitos problemas sociais numa época em que um simples espirro fora de hora provocava tempestade*, reconhece a atriz. Aracy saiu da emissora logo após a novela e foi para a Globo e precisou processar a Tupi para receber o que lhe deviam. Na audiência da justiça do trabalho, justo no dia de seu aniversário, teve como testemunhas Geraldo Vietri, Juca de Oliveira e Ademar Guerra.

Capítulo XVII

Disciplina é Liberdade

O temperamento de Geraldo Vietri era um caso à parte. Quem nunca brigou com Vietri nunca trabalhou com ele: essa frase é unanimidade entre aqueles que o conheceram. Como italiano tremendamente emocional e apaixonado, ele tinha seus amigos – atores, atrizes – como membros de uma tribo da qual ele era permanentemente o guardião, o conselheiro, o analista, o mentor. Dava sempre a impressão de que seria capaz de morrer por aqueles de quem gostava. E não era só impressão. Tudo o que ele possuía, tudo que ganhava, distribuía entre seus amigos necessitados com um desprendimento raríssimo. Era de uma generosidade fora do padrão.

143

Avesso a entrevistas, quando aceitava falar era a seu jeito: lia as perguntas e as respondia por escrito – e isso quando a internet não passava de fantasia de algum filme de ficção científica. Como não dava entrevistas, sua fama entre os jornalistas beirava a imagem da grossura, do homem que trancava os estúdios e não admitia a presença de estranhos, principalmente quando trabalhavam na imprensa.

Exigente, buscava de cada ator mais do que uma entrega, mais do que uma paixão. E broncas faziam parte de seu método de trabalho, inclusive

com os atores que mais amava. Desbocado, não queria saber quem estava do lado e quanto mais público em volta, mais ele reduzia o fulano a pó. Várias histórias viraram lenda entre aqueles que o conheceram. Uma delas envolve uma atriz famosa, presença constante em seu elenco que, certo dia, fez uma besteira numa gravação e foi esculhambada pelo diretor diante de todo o elenco. Chorando muito, ela dizia entre soluços: *... Não se faz isso comigo, só porque eu tenho complexo de inferioridade.* Vietri não teve o menor dó e rápido como uma flecha disparou: *Complexo de inferioridade, não. Você é inferior.* Mas as rugas não duravam, a poeira baixava logo e muitas vezes ele mandava flores para a pessoa que sofrera com seu destempero.

O pavio curto e a resposta rápida e certa não poupavam ninguém. Nas gravações de *Alma Cigana* foi montada uma fogueira no estúdio, com algumas bailarinas em volta para se passar por ciganas. Mãe de bailarina é tal qual mãe de *miss* e logo uma delas estava reclamando: *Minha filha estudou tantos anos de balé e está aqui pulando fogueira.* A queixa chegou aos ouvidos do diretor, que se virou para ela e não poupou: *Minha senhora, pega sua filha e enfia...*

Um dos mais célebres arranca-rabos de Vietri ficou registrado nas páginas da revista *Intervalo*

2001. Durante as gravações de *A Fábrica*, Geórgia Gomide apareceu vestindo *um tremendo short, um maximantô e botas de cano longo*, bem de acordo com a moda ousada da época. Os colegas adoraram, mas quando Geórgia entrou no estúdio despertou a ira do diretor que, não economizando vocabulário, a acusou de estar prejudicando as gravações e a expulsou dos estúdios. *Põe essa mulher pra fora. Ela entra aqui e os homens ficam com os culhões na mão.* O clima ficou pesado, Geórgia ameaçou sair da novela, mas isso acabou não ocorrendo. Na entrevista de *Intervalo*, Geraldo se explicava: *Muitas vezes perco a paciência e em todas as novelas acontecem coisas desse tipo. Desta vez aconteceu porque eu estava nervoso demais. Não foi por causa das roupas de Geórgia, não tenho nada a ver com isso.*

145

O diretor não escondia seus ataques: *Esta não é a primeira vez que acontece. No dia seguinte tudo volta ao normal. Já houve casos assim com Aracy Balabanian, Laura Cardoso, Glória Menezes e outras atrizes. Quero deixar bem claro que adoro a Geórgia como pessoa e como atriz, mas num momento de nervosismo, às vezes, não se pode evitar um estouro.*

O assistente Duarte Gil foi testemunha de muitas brigas e também alvo delas. *A primeira vez que*

ele me achincalhou me senti um lixo, que minha carreira tinha acabado ali e que eu tinha de ir embora, que não havia nada para fazer ali. Mas logo em seguida ele vinha com uma atitude que engrandecia muito. E sentia que aquilo tudo era um ensinamento, que tinha aprendido alguma coisa ali. Quanto a brigas com os atores, bem, foram várias. O Vietri era muito desbocado, e havia atores e atrizes que ele pegava para cristo. Ele deve ter me xingado algumas vezes, porém não me lembro. Eu o conhecia bem, e sabia que era tudo da boca para fora, portanto, entrava por um ouvido e saía por outro. Quando alguém não estava pronto na hora de ensaiar, não estava no estúdio, ele pedia para todo mundo sentar ... ficar em silêncio, e aguardar o ator ou atriz. Quando então a atriz chegava ele disparava frases tipo... Escuta aqui, madame, pra cagar leva tanto tempo? Isso criava um mal-estar geral. Não se sabia se a gente ria ou ficava sério, pois o Vietri dizia realmente isso supernervoso!

Ele só brigava com quem gostava. Quando o alvo da bronca era um ator novo ou quem ele não tivesse muita intimidade, costumava descarregar em cima de um mais conhecido, que acabava funcionando como para-raios. Logo depois dessas descargas estava fazendo um carinho, um gesto de amizade que deixava toda

aquela atitude de lado. *Era capaz de xingar durante meia hora e depois mandar um buquê de flores imenso, com declaração de amor e tudo*, conta Ety Fraser. Ela e o marido Chico Martins foram muito amigos de Vietri e alvos de sua ira também.

Durante as gravações do teleteatro *A Cigana me Enganou*, Lolita Rodrigues, exausta com os gritos do diretor, devolveu-lhe o *script*, disse que ele chamasse outra atriz e saiu caminhando rápido pelo corredor longo da emissora, com Vietri em seu encalço, implorando ... *Volta, volta*. Ele a alcançou, agarrou-a pelo braço e a levou de volta para o estúdio, onde lhe pediu desculpas na frente de toda a equipe. Laura Cardoso, uma de suas atrizes preferidas, lembra de muitas brigas com o diretor. Certa vez, ela e Cláudio Marzo tiveram um ataque de riso no estúdio e foram expulsos aos berros por um Vietri possesso, dizendo que aquela atitude era um desrespeito, um absurdo. Os ataques de riso em cena nos tempos do ao vivo eram constantes e Vietri agia com firmeza. Muitas vezes mandava subir slides de *Estamos Apresentando* e em outras chegava a bater nas pessoas para que elas tomassem vergonha. E afirmava que as lendas em torno dele não eram exageradas. *Era obrigado a agir de determinada forma porque senão não conseguia e a coisa era*

ao vivo. Então era na base do xingamento e da pancadaria. Os atores tinham certo temor, certo pavor até. Era a forma de conseguir.

Nos estúdios da Tupi, Geraldo Vietri despertava paixões estranhas. Uma de suas maiores fãs era uma extra que estava sempre presente às gravações e que, completamente apaixonada, funcionava praticamente como uma sombra dele. Extremamente dedicada, toda vez que ela chegava perto, o diretor perguntava rispidamente o que ela queria, mas ficava completamente desarmado quando ela vinha com um café ou um copo de leite.

148 Em entrevista à revista *Amiga*, em 1984, quando estreava na TV Manchete, Vietri falou sobre o rótulo de diretor exigente em excesso, extremamente preocupado com a disciplina. *Na primeira vez que fiz TV, em 1958, estabeleci pra mim meia dúzia de regras que sigo até hoje e têm como filosofia a disciplina. Acho que um trabalho onde todos fazem o que bem entendem vira baderna. Claro que exijo pontualidade, texto decorado, assim como é lógico que interfiro em todos os detalhes da produção. Toda a estrutura da obra deve seguir a orientação do diretor para que haja um conjunto, uma unidade. Eu, o Walter Avancini, o Herval Rossano e o Daniel Filho pertencemos a uma geração que pratica-*

mente inventou a TV e nossa regra de trabalho é baseada na disciplina. Quando está gravando, o ator tem que renunciar ao sono, à mesa e à família porque, naquele momento, ele não é uma pessoa comum. É um sacerdócio, uma obra de arte que ele está fazendo. Depois, sim, quando acabar, pode voltar à sua vida normal.

VITORIA BONELLI

a vida corajosa de uma mulher



Hoje - 7 da noite - Canal 4

Cartaz Vítória Bonelli

Capítulo XVIII

La Mamma

Três meses depois de acabar *A Fábrica*, e sem ideias para uma nova trama, Geraldo Vietri dirigia o teleteatro *Sem que Ninguém nos Veja*, estrelado por Berta Zemel. Velhos conhecidos, já haviam trabalhado juntos em teleteatros, mas nunca em novelas, que Berta se recusava a fazer. Ainda era forte o preconceito dos atores formados nos palcos com a teledramaturgia.

Nos ensaios da peça, em convívio com Berta, começou a nascer a ideia para uma nova personagem. Ele escreveu os primeiros capítulos e os mostrou a atriz que, a princípio, não se animou, mas depois viu as possibilidades do papel e resolveu encarar quando percebeu tratar-se da primeira novela épica da televisão brasileira. Começava a nascer *Vitória Bonelli*, o último dos sucessos de Vietri na Tupi. *Houve uma simbiose. Nós amávamos as mesmas coisas e íamos fundo no que fazíamos. Vietri fez um painel que além dos tipos mostrava a vida das pessoas, o caráter e a profundidade de cada um*, diz Berta Zemel.

Com seu estilo simples, prosseguia na linha de histórias intimamente relacionadas com problemas e vivências de grupos sociais da baixa classe

média paulistana – a sua marca registrada. Dessa vez, abordava a saga de uma mãe – Vitória – e seus quatro filhos, todos com nomes bíblicos – Tiago, Mateus, Verônica e Lucas, representados por Tony Ramos, Carlos Alberto Ricelli, Ana Maria Dias e Flamínio Fávero.

Repleta de sonhos, esperanças e dificuldades, assim era a trajetória dos personagens densos e dramáticos na dura caminhada pela sobrevivência. Protagonista absoluta, a matriarca Vitória era acostumada a um mundo de luxo e, de repente, se vê sem nada com quatro filhos e obrigada a abrir uma cantina para sustentá-los.

152 A novela, repleta de cenas intensas e dramáticas, mostrava a luta da mulher para evitar que seus filhotes trilhassem caminhos inadequados.

Como sempre ocorria, o novelista foi buscar inspiração em sua vivência, nas coisas que conhecia. Vitória tinha muito de sua própria mãe que se viu viúva de repente e foi à luta para sustentar os dois filhos. E havia traços de sua paixão pelo neorealismo italiano e a clara inspiração em *Rocco e Seus Irmãos*, de Luchino Visconti, um de seus filmes preferidos. A novela aliou técnicas de cinema e a maior parte das externas foi feita por uma equipe de cinema liderada por Antonio Tomé.



Vitória Bonelli: *Etty Fraser e Ruthnéia de Moraes*

Uma das novidades de Vitória Bonelli era um monólogo inicial de um personagem que tivera ação importante no capítulo anterior e praticamente o resumia. Isso fazia o espectador acompanhar melhor a trama. E, como de costume, o autor e diretor continuava presenteando seus atores com extensos monólogos, os famosos *bifes* que muitas vezes chegavam em cima da hora.

154

Considerado por muita gente um homem conservador, Geraldo Vietri incluía ousadias em meio a seus temas tradicionais. Em *Vitória Bonelli* havia uma abordagem homossexual bem atrevida para a época e envolvia Mateus, o personagem de Carlos Alberto Riccelli. O garotão era levado pelo pai (Raul Cortez, que morre no primeiro capítulo) ao encontro de um amigo (Benjamin Cattan) a quem ele devia muitos favores, muito dinheiro. E o pai dizia ao filho para *ser atencioso e cordial* com esse homem mais velho que mantinha um casamento de fachada e gostava da companhia de garotões. Esteta, Geraldo Vietri tinha extremo cuidado com as imagens. E toda essa cena ocorria através de um aquário, que representava a máscara do personagem de Cattan.

E, ousadia das ousadias, *Vitória Bonelli* incluiu um sonoro palavrão: bunda. Foi logo nos primeiros capítulos, quando a família perde tudo, a casa é tomada e o personagem de Tony Ramos

chega a pegar um galão de gasolina, espalhar em volta da residência para incendiá-la. Vitória chega justo nesse momento, dá uma caixa de fósforos para o filho e diz: *Taí o fósforo. Se você for um homem que pensa que é, você vai riscar esse fósforo e pôr fogo na casa. Se você é a criança que eu penso que ainda é,... você não vai pôr fogo na casa, mas aí você vai abaixar as calças que eu vou te encher essa bunda de tapas.*

Quando Berta Zimmel viu a cena, disse: ... *Eles vão te prender, é pro horário das sete.* Era 1972 e os capítulos das novelas precisavam ser enviados para a censura em Brasília e só podiam ser exibidos após aprovação. O novelista resolveu arriscar e incluiu um recado anexado ao capítulo: *Senhor censor, a situação é essa com esse diálogo. Eu não vejo outra forma da mãe dizer isso ao filho. Se o senhor vê outra forma ou sinônimo, por favor, mande-me dizer que eu ponho na novela.* Em cima do recado mandado pelo autor veio o carimbo de aprovado.

Essa é a versão de Vietri e Berta Zimmel tem outras lembranças. Segundo a atriz, ela e Vietri foram a Brasília dar explicação aos censores, que queriam saber *quantas vezes iriam dizer tamanho palavrão.* Vietri garantiu que seria uma só vez e ouviu: ... *Se é uma vez só pode.*



Vitória Bonelli: *Etty Fraser, Annamaria Dias e Berta Zemmel*

Vietri dizia que nunca tivera problemas com a censura em suas novelas. Apenas uma cena de Antônio Maria, que, segundo ele, fora cortada pela tesoura dos censores. *O Rio de Janeiro é uma cidade onde se come muito mal*, dizia o personagem de Sérgio Cardoso em um dos capítulos e o diálogo foi podado. *Foi o único corte... é engraçado, né?! Imagino que o censor carioca, muito bairrista, achou que aquilo não devia ser dito e, então, ele cortou a frase.*

Em sua coluna no jornal *O Globo*, o crítico Artur da Távola via a realização do autor superando em muito a realização e as possibilidades de audiência da emissora: *Há grandes deficiências de realização, resultado dos investimentos os mais baixos possíveis ao setor de telenovelas da Tupi de São Paulo. Isso determina limitações na cenografia, ausência de um idioma visual cuidado e um elenco carregado de altos e baixos.*

Vitória Bonelli entrava no ar às sete da noite, concorrendo com o sucesso global *Carinhoso*, estrelada por Regina Duarte, Cláudio Marzo e Marcos Paulo, nomes de peso naquele começo de década, e livremente inspirada em *Sabrina*, o filme com Audrey Hepburn. Artur da Távola faz uma comparação entre as duas: *A gente pode ver uma diferença bem clara entre as telenovelas da Globo, no horário das sete, e as da Tupi, princi-*

palmente as de Vietri. Enquanto as da Globo têm na esperança e no amor os grandes elementos de atração, as de Vietri têm nas vivências, nos sacrifícios e no choque de sentimento sua pedra de toque.



Vitória Bonelli: Tony Ramos e Carmen Monegal



***Lucha contra todo y contra todos
en defensa de su familia!
¿Luchará también para vencer su soledad de amor?***

ANALIA GADE
es
LUCIA BONELLI

AUTOR: GERALDO VIETRI

LIBRO: JORGE MAESTRO Y SERGIO VAINMAN • PUESTA Y DIRECCION: EDUARDO FARIAS

**LUNES
A VIERNES**



14.00

Vitória Bonelli: cartaz *Lucia Bonelli*, versão em espanhol da novela brasileira

Capítulo XIX

Instantes Dramáticos

Direto dos Roteiros – 2

Para observar o estilo de Geraldo Vietri e seus diálogos afiados, nada como ir direto à fonte, a um trecho do roteiro da novela. Abaixo, duas cenas dramáticas de *Vitória Bonelli*. A primeira, um monólogo de Thiago. E depois a resposta de Vitória, numa cena com seus quatro filhos. Estas duas sequências, do capítulo 17, representam o adeus da família aos tempos de riqueza, a divisão do clã e a chegada de novos e difíceis tempos.

161

THIAGO (CENA JÁ LÁ EM CIMA,
ESTOURA QUANDO OUVIU TUDO
O QUE A MÃE CONTOU)

– Mas que vingança! Foi essa a vingança que a senhora encontrou?! – Pegar um dinheiro que era nosso! Só nosso! E levar para eles? E dar de mão beijada?! – Mas a troco de quê? Eles não tinham direitos nenhum sobre aquele dinheiro! – Se alguém tinha direito era Sanches, se estivesse vivo! Mas Sanches está morto e, antes de morrer, disse que o dinheiro devia ser entregue à senhora! A nós! Aquele médico não estava mentindo

quando declarou na polícia – e a senhora estava presente e ouviu – que o dinheiro era nosso! – (quase rindo, mas não para nunca) – E a senhora o que faz? Leva e devolve pra eles! Devolve! Devolve é a palavra! O fato de eles aceitarem, simplesmente confirma o que eu sempre disse: cada um deles pagou dez milhões quando Sanches se vendeu! E cada um deles pagou muito pouco! Só dez milhões! – (louco quase) – A senhora sabe *quanto* cada um deles ia pagar na noite em que o meu pai morreu? Um bilhão! Um bilhão! – Se ao invés do Sanches ter se vendido a eles, tivesse se vendido a nós, a MIM, eles iam pagar esse um bilhão até o último centavo! – E vão pagar! – E hei de seguir aqueles homens até o último dia da vida de cada um deles, até descobrir o que o meu pai sabia, até poder provar o que meu pai sabia, até ver todos eles destruídos! – *Eles correm o risco de perder tudo* – a senhora disse – Aí que a senhora falhou, aí que a senhora errou; a senhora devia ter concordado em ajudar! (alto) DEVIAM TER CONCORDADO EM AJUDAR! – Se tivesse concordado, não era a eles que a senhora estaria ajudando! – Era a nós! – Era uma forma de fazer com que eles

continuassem com todo o dinheiro que tem, todo o dinheiro que tem, e mais, e multiplicado, e triplicado, até o dia em que esse dinheiro viesse parar em nossas mãos. – Aí, sim, aí era uma vingança que valia a pena. O mal é que a senhora ainda é do tempo em que se davam tapas com luvas de pelica! O mal é que a senhora ficou trancada no seu quarto durante anos e anos e nunca procurou saber o que acontecia aqui fora! Aqui fora é a lei do mais forte! – Aqui fora se rouba, se mata, se suborna! – É isso que aquela gente faz! E faz sorrindo, e faz pedindo desculpas, e faz beijando as mãos. Nesta altura eles devem estar morrendo de rir da vingança que a senhora encontrou. Eles não soltaram gargalhadas quando a senhora lhes disse que já tinham levado os nossos carros? Quando a senhora recusou o apartamento que eles ofereceram, o carro, um dinheiro garantido todos os meses, a possibilidade de Lucas e Matheus continuarem estudando, a senhora pensou em quê? – Pensou em nós? Em mim? Em Verônica? Em Matheus? Em Lucas? Não! – Pensou só em se vingar! – Mas o que é que a senhora está pretendendo mãe Vitória? – Sair dessa

casa só com a roupa do corpo? Começar do zero? Do nada? – Acha que eu posso trabalhar e manter uma família? Ou Verônica? Ou Lucas e Matheus? – (quase rindo, louco, chorando) – Sim, foi isso que a senhora pensou! – *Vamos começar do nada, mas com dignidade! Vamos trabalhar e construir! E reconstruir!* Isso é muito bonito no papel, em romances, mas na vida prática, nesse mundo aqui fora que a senhora não conhece isso é impossível! E não sou que vou viver na miséria! Não nasci pra viver na miséria! (mudando, agora louco mesmo) Eu vou ligar para a casa di Miglianni – a senhora vai dizer pra eles que se arrependeu, que vai pensar melhor, e conversar com eles aqui. Nesta casa. E nós vamos conversar todos juntos! (feito doido, thiago disca os sete números do telefone)

Vitória Bonelli não volta atrás. E Thiago se prepara para sair de casa. Agora a palavra é da mãe numa cena de alta dramaticidade.

VITÓRIA (DEPOIS DE UMA PAUSA COMEÇA...)

– Uma coisa é importante você saber, meu filho, quando eu me recusei a ajudar aqueles homens, eu pensei em tudo, menos em vingança. Eu não vou dizer

agora no que eu pensei, porque do jeito que você está não entenderia.

Tiago continua suas coisas. Não toma conhecimento.

VITÓRIA (SEMPRE CALMA, UM NÓ NA GARGANTA, CLARO. FALA COM DIFICULDADE)

– Da mesma forma que... que quando devolvi aquele dinheiro, não pensei em *dar tapas com luvas de pelica* – como você disse – nem pretendi insultar ou humilhar ninguém.

Igualmente: Tiago continua e vitória continua depois de uma pausa

165

VITÓRIA (PRECISA SEMPRE ENCONTRAR FORÇAS PARA CONTINUAR)

– De tudo o que você me disse, num ponto você está certo e eu lhe dou razão: *o meu mal é que eu fiquei trancada em meu quarto durante anos e anos e nunca procurei saber o que acontecia aqui fora...* – Mas se aqui fora se rouba, se mata, se suborna, eu vou continuar trancada no meu quarto – Mas, desta vez, não sozinha. Tranco os meus filhos comigo.

Tiago continua... surgem na porta... Verônica, Lucas e Matheus.

Tiago continua arrumando suas coisas.

VITÓRIA

Você me perguntou se eu não pensei em você, em sua irmã ou em seus irmãos quando recusei o que me ofereceram. (com pena dele) – Como você está enganado, meu filho... – Foi pensando em vocês que eu fiz o que fiz. Com a sua idade, já era tempo de você ter entendido tudo o que aconteceu entre mim e o seu pai... Ninguém mais que eu teria motivos para... (não diz... mudando) Mas Jaime, o Jaime que eu conheci, e que procuro lembrar dele numa época em que ele foi maravilhoso – não depois –, não era apenas meu marido. Era, antes e acima de tudo, o pai dos meus filhos. E hoje eu devo respeitar a memória dele. Devo respeitar, por vocês. Se o mundo aqui fora é isso que você diz, eu farei tudo para que não se contamine. E se já estiverem contaminados... meu dever é curá-los.

Uma pausa, ninguém respira.

Thiago (acabou de arrumar as malas, pega as duas e vai sair).

VITÓRIA (SEM SUBIR NADA)
– Espere Thiago.

Thiago (Para. Quem sabe ela volte atrás).

VITÓRIA

Você estava aqui quando aqueles homens anotaram tudo o que tínhamos dentro desta casa. – Eles anotaram também estas malas... e a roupa que você está levando. Tudo isso já não nos pertence. Não lhe pertence. Se você pretende iniciar uma nova vida, longe daqui, longe de mim ou de seus irmãos, não inicie roubando!

167

Thiago (fica de costas, sente-se que ele quer morrer com aquilo. Faz pausa. Lentamente deixa as duas malas no chão... E vai embora...)

Thiago sai. Os outros ficam...

MATHEUS (NUM GRITO, PARADO NA PORTA)

Thiago! Thiago espere por mim!
(Para a mãe)
Peça para ele voltar!

VITÓRIA (MESMO CHORANDO,
MAS CABEÇA ERGUIDA)
– Não... não posso...

LUCAS (DOIDO TAMBÉM COM AQUILO)

– Se ele for embora, eu e Matheus vamos com ele!

VITÓRIA (COM MUITA DIFICULDADE,
MAS FALA)

– Se um de vocês tiver me sobrado, terá valido o esforço.

Capítulo XX

Filmes Anos 1970 – Primeira Parte

Quatro anos depois de *A Primeira Viagem*, Geraldo Vietri voltou ao cinema. Na segunda metade dos anos 1970, dirigiu seis filmes: *Senhora* (1976), *Que Estranha Forma de Amar* (1977), *O Mártir da Independência*, *Tiradentes* (1977), *Adultério por Amor* (1978), *Os Imorais* (1979) e *Sexo, sua Única Arma* (1983).

Precisamos fixar no cinema, a exemplo da televisão, uma tradição do romance brasileiro, do autor brasileiro, dos nossos clássicos. A nossa literatura é um manancial rico e inesgotável de nossos homens, costumes, ideias e ideais, poesias e tradições, cantos e glórias. Esse era o pensamento do nacionalista Vietri que escolheu filmar dois clássicos de José de Alencar (... A história da ficção em nossa terra muito deve ao romancista cearense) e Machado de Assis (... Uma personalidade que paira sobre a literatura brasileira como um símbolo da nobreza do pensamento e do poder do espírito). Os escolhidos foram Senhora e Iaiá Garcia, este último batizado com o nome mais comercial de Que Estranha Forma de Amar.

Ele continuava fiel à sua política de trabalhar com os mesmos atores das novelas – ... Não há o ator,

a atriz de televisão. Existe o ator e atriz, dizia. O elenco era formado por sua turma da Tupi e pela primeira vez contava com uma produção mais caprichada, depois de se associar ao produtor e distribuidor Cassiano Esteves, da E. C. Cinematográfica. Duarte Gil assinava a direção de produção e a fotografia era de Antonio B. Thomé, os dois sempre presentes no trabalho do diretor.

Superprodução de época, retratando o Rio de Janeiro de 1870, *Senhora* consumiu o orçamento inicial de seiscentos mil cruzeiros e precisou de mais outros duzentos mil para ser concluído. *Para se ter uma ideia de produção, diremos que 17 cenários foram especialmente construídos, bem como duas carruagens da época. Cento e dois trajés femininos e 87 trajés masculinos foram especialmente confeccionados*, ele conta no cartazete publicitário do filme. *Quem Sabe*, música de Villa-Lobos, ecoava em várias cenas, quase sempre emolduradas por escadas imponentes, grades decorativas de paredes e janelas, candelabros, o jeitão barroco que Vietri tanto gostava.

O filme foi rodado antes da novela *Meu Rico Português*. Uma mansão antiga no bairro paulistano Jardim Europa, que havia sido alugada pela Tupi para locação de uma novela, virou a sede das filmagens. Vietri aproveitava a locação quando a novela não estava sendo gravada e, às vezes,

usava até o iluminador da Tupi. Elaine Cristina e Paulo Figueiredo viviam os papéis principais. E a linguagem continuava a de sempre: poucos movimentos das câmeras e ênfase na atuação. Dos atores, exigia *um desempenho mais elaborado, coisa que só se consegue com muito amor e muito ensaio.*

Apostando nos clássicos da literatura, Geraldo Vietri ia na contramão da grosseria das pornochanchadas que dominavam as salas. *Uma tentativa de pegar a parcela do público que, nos últimos dois anos, começou a protestar publicamente contra os filmes eróticos produzidos aqui,* segundo a crítica do *Jornal do Brasil*. O filme estreou em São Paulo em maio de 1976, nos cinemas Olido, Bristol e Lumière. No Rio, quase um ano depois, no fim de março, na mesma semana do hollywoodiano *Rede de Intrigas* e do erótico nacional *Presídio de Mulheres Violentadas*. E as pornochanchadas *Já não se Faz Amor como Antigamente* e *A Noite das Fêmeas* dominavam a maioria das salas.

Que Estranha Forma de Amar se desenrolava durante a Guerra do Brasil com o Paraguai. Paulo Figueiredo é um jovem que volta do *front* de batalha e se apaixona pela enteada (Berta Zimmel) de seu antigo amor (Márcia Maria). O filme foi rodado com a mesma equipe e algumas

locações ocorreram numa rua montada na Praça da Caixa d'Água do Sumaré, diante da TV Tupi.

O dom de fazer suas filmagens ganharem ares de superprodução se repetiu em *Tiradentes*. Vietri ingressava no filão de personagens históricos. O herói mineiro já havia rendido um filme de Joaquim Pedro de Andrade, mas a abordagem de Vietri era bem diversa. O roteiro baseado nos *Autos da Devassa* foi escrito em parceria com Sergio Galvão. O filme inicia em São João Del Rei, 1746, na igreja onde o protagonista está sendo batizado e logo corta para uma fazenda, ele com 11 anos, correndo de um lado para outro, soltando pássaros e animais de armadilhas.

172

Adriano Reys, Cláudio Corrêa e Castro, Paulo Figueiredo e Kate Hansen estavam nos papéis principais. Várias cenas foram realizadas num restaurante do Embu, outras em São Paulo, num museu, em jardins e algumas sequências em Poços de Caldas. A figurinista era Vida Sanches, também da Tupi, que aproveitou muitas peças do guarda-roupa da peça *A Capital Federal*, adquirido por Vietri. O filme estreou em abril de 1977, na semana do feriado dedicado ao herói da Inconfidência Mineira. Em São Paulo foi exibido nos cines Ouro, Bristol, Paulistano, Iguatemi e circuito. No Rio, nos cines Pathé, Roma, Bruni Copacabana e circuito.

Capítulo XXI

Filmes Anos 1970 – Segunda Parte

Depois da fase histórica, Vietri se rendeu aos filmes eróticos. *Adultério por Amor*, de 1978, mostrava o drama de um casal sem filhos, cujo marido é estéril, mas não admite isso e se recusa a fazer tratamento. Durante uma viagem de férias numa estação de águas, a mulher tem uma aventura passageira com um estudante e resolve engravidar para salvar seu casamento. A partir daí a trama inclui chantagens e algumas cenas de sexo. No elenco, Selma Egrei, Luiz Carlos Moraes, Jussara Freire, Paulo Figueiredo, Ewerton de Castro e Cassiano Ricardo.

173

No ano seguinte, veio *Os Imorais*, cujo cartaz exibia a nudez de Sandra Bréa, símbolo sexual da década. Tratava-se de uma pegadinha, pois era a homossexualidade o tema, mostrada de forma quase ingênua, mas mesmo assim ousada para aqueles tempos. O casal central da história era formado por Gustavo, jovem interiorano perdido na cidade grande, cabelereiro num salão da Augusta, e Mário, filho de milionários em conflito com o comportamento amoral dos pais, sempre às voltas com amantes. O pai milionário é homossexual e tem no secretário particular o

SANDRA BREA em

OS IMORAIS

PAULO CASTELL
JOÃO FRANCISCO GARCIA
ALDINE MÜLLER
ELIZABETH HARTMANN
DENIS DERKIAN
RENÉE CASEMART
CHICO MARTINS
ZECARLOS DE ANDRADE
NOÉMIA LEMOS

um filme de
GERALDO VIETRI

fotografia e câmara
ANTONIO B. THOMÉ

produtor
CASSIANO ESTEVES

seu parceiro sexual preferido. E Sandra Bréa? Bem, ela vive uma mulher casada, insatisfeita e infiel e frequenta o cabeleireiro da Augusta.

Gustavo mora num prédio ao lado do Minhocão e a São Paulo retratada no filme é dura e nada acolhedora. E este diálogo explicita as origens do rapaz, que fala da vista de sua janela, o Minhocão: *Quando olho de dia, vejo como se fosse um campo... uma fazenda. Vejo muito verde, muitas árvores, muitas flores... – os prédios no fundo vejo como se fossem montanhas... uma cordilheira... e os carros que passam, vejo como se fossem animais: bois, vacas, cavalos... (procura sorrir) – Quando olho de noite, ainda vejo como se estivesse num campo, numa fazenda... os faróis são luas e estrelas que correm... que se movimentam – (indicando) e aquelas luzes todas mais lá no fundo são vagalumes... (procura sorrir) Acho que o importante não é o que se vê. É aquilo que se quer ver.*

175

O jovem milionário se aproxima do cabeleireiro com a desculpa de ser apresentado à sua cliente, Sandra Bréa. Eis o diálogo inicial dos dois:

MÁRIO (OLHANDO, OLHANDO...)

Você sempre foi bicha?

Gustavo (Não responde, se perturba)

Gustavo (Insistindo) Sempre?

GUSTAVO (PROCURANDO UM
SORRISO DE DESCULPA O DISFARCE)
Dá pra gente falar de outro assunto?

MÁRIO (SEMPRE OLHANDO, EXAMINANDO)
Olhando assim, fora daquele salão, você
não dá pinta de bicha... Não desmunheca,
nem nada..

Gustavo (continua não respondendo. Se perturba. Nem sabe como ficar)

MÁRIO
Você nunca pegou mulher?

176 Gustavo (Não responde, se perturba o tempo todo. Não gosta de falar no assunto) (Nunca olha diretamente para Mário)

MÁRIO (IRRITANDO-SE)
Vai, cara, responde!...

GUSTAVO (UM TEMPO E RESPONDE)
Não.

MÁRIO
Por quê?

GUSTAVO
Não sei.

MÁRIO

Nem quer, nem tem vontade?

GUSTAVO (DEMORA E FALA)

Não sei...

MÁRIO (UM TEMPO E FALA)

O que é que você sabe?

Gustavo (Agora olha diretamente para Mário)

MÁRIO

Vai, cara, o que é que você sabe?

Gustavo (Ainda olha um tempo, procura disfarçar, dar de ombros e desvia o olhar)

177

MÁRIO

Se abre, porra!...

GUSTAVO (TEM MEDO ATÉ DE ABRIR A BOCA).

Queria te pedir um favor... (Mas não pede)

MÁRIO (ANTE O SILÊNCIO DELE)

Fala.

GUSTAVO

Que a gente fosse amigo...

MÁRIO (DEBOCHADO)

Mas não dá, né?! Não dá, ter um amigo bicha!...

Gustavo (Sente fortemente aquilo. Quase um sorriso muito magoado)

MÁRIO (DEBOCHADO SEMPRE)
Só se você virar homem

GUSTAVO (Rapidamente olha para Mario)

MÁRIO:
... Topa?

GUSTAVO:
O que é virar homem? Ser homem?

MÁRIO:
Tregar, cara!,Tregar!...

178

GUSTAVO: (QUASE UM SORRISO, UM TEMPO E...)
Quer dizer que se eu pegar uma vagabunda qualquer, dormir com ela, viro *homem*?!...

MÁRIO:
Você não precisa pegar vagabunda! Tem pinta! Pode pegar a mulher que quiser. (E dá a referência de onde ele pode pegar) Lá no salão por exemplo! Porra! O que tem de mulher!

GUSTAVO (ENFRENTANDO)
Tua mãe frequenta aquele salão.

Mário (Reage. Só Fulmina)

GUSTAVO (ANTE À REAÇÃO DE MÁRIO, MAS SEM SE ACOVARDAR)

Desculpe...

MÁRIO (PROCURA SE REFAZER DO CHOQUE... MUDANDO)

Por que é que você não pega a Glória? Tá na cara que o negócio dela é dar. Ela nunca te cantou?

GUSTAVO (SEM LIGAR)

Nunca percebi... Também nunca me interessei (T) só faço as coisas que sinto. Nunca me preocupei se com as coisas que eu faço, sou mais ou menos homem. Agora eu estou com vontade de dizer que gosto de você... Agora eu estou com vontade de segurar tua mão... Ou mesmo ficar aqui, calado, só junto de você. Sou mais ou menos homem por isso? *Homem* é o marido da Glória que sabe que o *negócio dela é dar* – como você diz – e deixa, fecha os olhos. Porque naquele casamento é ela que é rica? *Homem* é o teu pai?

179

MÁRIO (Só uma reação mais séria e para nisso)

GUSTAVO

Homem foi o meu pai, que praticamente matou minha mãe de desgosto e morreu de cirrose? Ou um primo meu que tem 22 anos e já é desquitado com dois filhos? Ou todos aqueles que neste momento estão enganando, matando, roubando... (perdendo-se e quase ironizando) – Homem! Se pra ser teu amigo precisa ser *homem*... E se para ser homem basta trepar... (Só olha o Mário e uma cara)

MÁRIO (NO SORRISO)

Você pode ficar comigo hoje o dia inteiro?

GUSTAVO (NO SORRISO MAGOADO)

Faz de conta que é feriado.

Por insistência de Mário, eles vão para a praia com duas prostitutas. Gustavo transa com uma mulher pela primeira vez, se apaixona, decide casar com ela e mudar para uma cidade pequena. Quando o outro descobre, cai na real e descobre que estava apaixonado pelo cabeleireiro. O final é trágico, a morte de Gustavo depois de um acidente de carro. Ele morre com Mário segurando seu rosto. Mário ainda olha bastante. Beija a boca de Gustavo. Depois aperta-o contra o seu próprio corpo e fica lá. E os dois ficam lá.

Foi o filme mais ousado, acho que mais pessoal e bem-sucedido de Vietri, diz Rubens Ewald Filho. Sinais Captados da Era da Sodomia, matéria de João Silvério Trevisan, na revista Filme Cultura, situa bem a ousadia:

Fui com Etelevina assistir ao Os Imorais. Achamos um acontecimento no mínimo bissexto no quadro do cinema brasileiro: ver brotarem relações eróticas quase inéditas em nossas telas; que não tinham conseguido emergir senão em extremadas exceções (Bahia de Todos os Santos, de Triqueirinho Neto). Achei Os Imorais um momento brasileiro em que o erotismo mais sublimado perfura as duras películas em eastmancolor do estado de superego capital. Mais modesta, Etelevina sentiu-se reencontrando perdidas pulsações da vida brasileira como uma escafandrista. Aí pensamos: por exemplo, quantos já teriam se perguntado sobre a presença (emergência) desse mesmo universo erótico na formação, informação e organicidade ideológica (ou afetiva) do cinema novo com seu bando de rapazes? Não se trata de psicanálise, Etelevina. Estou falando dos bastidores – que são importantes porque se superam a si mesmos. Até Glauber Rocha recentemente se referiu aos bastidores de maneira muito sintomática, quando disse numa entrevista: ... O cinema é uterino, não é anal, por isso

não tem quase homossexuais entre diretores e atores do cinema brasileiro".

Para desenvolver sua tese, o autor da reportagem continua com depoimentos fictícios de *espetaculadores*, como ele chama: um estudante de filosofia, a bilheteira do cinema, o censor, o psicanalista e de um ativista do movimento de liberação sexual. Este é o mais interessante pela descrição do filme:

(...) *É verdade que no filme existem definitivamente dois homens se amando, mãos masculinas se agarrando, um clima de cio não muito comum nas telas brasileiras. Mas Tavinho é o estereótipo da bichinha ingênua e sonhadora, que não faz mal a ninguém. É levado ao sacrifício no final evidentemente melodramático. O homossexual é mais uma vez sacrificado, vira mártir. Alguns poderão pensar que nós entramos na era da canonização das bichas. Mas eu prefiro achar que o final é a continuidade de uma tradição de assassinar homossexuais no campo da ficção, como quem diz: ... Mostre-me uma bicha feliz e te mostrarei uma bicha morta. No momento de morrer, Tavinho dá um último sorriso, feliz por ter redimido o outro. E mesmo o beijo terno e reconhecido que Mário dá na boca do amigo morto é ainda um beijo cândido e recatado como entre duas irmãs. Então é isso: apesar das aparências, o sexo pre-*

sente no filme ainda pertence a padrões eróticos fundamentalmente inofensivos. Isso tudo me leva a crer que ao chegar às telas dos grandes cinemas, a questão homossexual já está sendo recuperada. Ou seja, só conseguiu chegar aí porque foi limpada dos seus elementos mais provocadores, ou porque é apresentada em doses aceitáveis e consumíveis, inclusive colocando o espectador como voyeur que vai espiar o caso de duas bichas. Apesar de honesto, trata-se de um filme bem-comportado. Já a sua estrutura melodramática é um apelo para que o homossexual seja aceito como gente que não faz mal a ninguém. A nível de consumo, trata-se do primeiro conto de fadas para bichano cinema brasileiro dos anos 1980. Tudo leva a crer que outros virão.

183

No final de 1980, Vietri dirige o drama erótico *Sexo, sua Única Arma*, que inicialmente se chamava *Parabéns*, Marta e teve como locação a cidade de Embu, a poucos quilômetros de São Paulo, inclusive o cemitério local. Selma Egrei era a protagonista, Marta, que ainda criança assiste ao suicídio do pai que se matou por ter sido prejudicado nos negócios pelo sócio, produtor de uvas e vinhos. Como um anjo exterminador, ela passa 20 anos arquitetando sua vingança e, fingindo ser cega, faz amizade com todo o clã que causou a miséria de sua família e vai exter-

minando um a um, tudo com muitas cenas de sexo. Numa sequência, Marta transa com um padre (Ewerton de Castro) na igreja

É bem ousada a cena que envolve dois meninos, David e Bruno, os netos do dono do engenho.

CENA 10 – QUARTO DAVID E BRUNO

DAVID

Tá dormindo?

BRUNO

Não.

184 David, com a mão direita embaixo da coberta, brinca com o próprio membro.

DAVID

Bonita ela, não?

BRUNO

É.

David pega uma revista de mulher nua no criado, um tempo em que ele mexe, mexe. Depois se desfaz da revista

DAVID

Todo o mundo mete o pau, mas acho que tem uma vantagem da gente ser judeu...

BRUNO

Do que você está falando agora?

DAVID

Da circuncisão (mexe, indicando) Deixa maior...

BRUNO

Como você é besta!

DAVID

O meu é maior que o teu. Quer medir?

BRUNO (VIRANDO-SE DE COSTAS)

Fresco! (Fica de costas)

185

DAVID

Você ainda tem fimose?

Bruno não responde. Tempo. David volta a pegar a revista. Olha. Vamos nos aproximando dele. Embora discretamente. Sente-se que se masturba.

Com produção de Cassiano Esteves e fotografia de Antonio Thomé, o filme teve carreira discreta quando lançado em fevereiro de 1983 em três cinemas de São Paulo e foi o último do diretor.

Senhora, Tiradentes e *Os Imorais* são os filmes mais conhecidos de Geraldo Vietri, foram os

únicos lançados em vídeo e nunca saíram em DVD. *Senhora* está disponível no *youtube*, em várias partes. O de maior sucesso é *Os Imorais*, que foi assistido por 536.117 pessoas, segundo lista da Ancine.



Cartaz *Os Imorais*

Capítulo XXII

O Final da Tupi

Na segunda metade dos anos 1970, Vietri escreveu três novelas – *Meu Rico Português*, *Os Apóstolos de Judas* e *João Brasileiro*, o *Bom Baiano*, as últimas dele na Tupi e todas estreladas por Jonas Mello. Eles se conheceram nos corredores da emissora, o ator usava um bigodão e Vietri deve ter achado que ele tinha o tipo ideal para interpretar o português de sua nova novela e o chamou para um teste com Elaine Cristina, uma das estrelas da emissora do Sumaré. Deu uns dias a Jonas, que partiu atrás de sotaque em bares e locais frequentados por portugueses. Aprovado no teste, Jonas Mello foi o protagonista das três próximas novelas de Vietri.

187

Elaine Cristina acabou fora de *Meu Rico Português* e Márcia Maria a escolhida para viver a mocinha. Jonas será Severo Salgado Salles, recém-chegado de Portugal, e muito amigo da milionária Veridiana (Dina Lisboa). O personagem era solteiro e a senhora queria arranjar um casamento para ele. Era esse o ponto de partida para a história onde Vietri retomava o tema dos imigrantes lusos. Não faltou quem visse muitas semelhanças com Antônio Maria – o personagem

Nas pequenas coisas da vida a grandeza de um homem.

Meu Rico Português



Uma novela
de
GERALDO VIETRI



Com um
elenco de Astros:

JONAS MELLO

MARCIA MARIA DINA LISBOA

CLAUDIO CORREIA E CASTRO

PAULO FIGUEIREDO

GILMARA SANCHEZ

OLNEY CAZARRE

ELISABETH HARTMAN

FLAMINIO FÁVERO

RUTHINEA DE MORAIS

WILSON FRAGOSO

MARIA STELLA



De Segunda a Sábado, às sete da noite

Cartaz *Meu Rico Português*

também escondia um passado misterioso e uma mulher que ficara em Portugal. E Vietri pôs em cena mais imigrantes, os alemães, aqui representados pelo casal Gertrudes (Elizabeth Hartmann) e Rudolf (Cláudio Corrêa e Castro). Vindos de Blumenau, eles tinham um filho negro, que adotaram quando bebê depois de encontrá-lo na lata de lixo. A partir daí surgiam discussões acaloradas com os vizinhos racistas e a trama caiu no gosto do público e se revelou um dos destaques da novela. Amiga do autor, Elizabeth lembra que a personagem começou a nascer a partir de uma história real que ela contou para o autor. A cabeça do novelista entrou em ação e ele mudou a cor do personagem, o que acrescentou um toque racista que apimentou a trama.

189

Na criação do protagonista de *Os Apóstolos de Judas* aproveitou episódios da vida do ator Jonas Mello, que foi feirante e vendia brincos e bijuterias na barraca do pai. Na ficção, o feirante vendia peixe e era desprezado pela noiva, numa situação que remetia à do operário Nino e a noiva Natália da outra novela. Um triângulo amoroso era formado com a bondosa Berenice (Berta Zimmel) que amava o feirante sem ele perceber. Outro destaque no núcleo da feira era Laura Cardoso vivendo a portuguesa Dona Fátima, dotada de humanidade e sabedoria na linha da dona Santa,



Meu Rico Português: *Arlette Montenegro e Ruthinéa de Moraes*



Meu Rico Português: Elisabeth Hartmann, Odair Toledo, Etty Fraser e Cláudio Corrêa e Castro



Meu Rico Português: *elenco*

de *Nino, o Italianinho*, a personagem dizia coisas lindas. Esse papel deu a Laura os principais prêmios de televisão naquele ano.

A penúria do feirante acaba com a morte de um velhinho muito pobre que era seu amigo. Na verdade, o personagem vivido por Sadi Cabral era um milionário que, desgostoso com a família, resolvera virar mendigo. Essa virada trouxe novas emoções à trama, inclusive com o abandono da noiva ambiciosa no altar.

Baiano de Salvador e gente fina da melhor sociedade. Com um nome tão estranho quanto os dramas que o levaram à fuga: João Brasileiro Ferreira Leitão. Profissão: jornalista. Estado civil: casado. Com muitas decepções e um amor frustrado na Bahia, preferiu a fuga das velhas lembranças. Melhor é começar tudo de novo. E fugiu para São Paulo. Poderia morar num hotel cinco estrelas, mas acabou na pensão de dona Pina. Ali encontrou, em Júlia, tudo o que tinha deixado na Bahia. E em outras mulheres também. Das muitas aventuras e mulheres ficou um apelido carinhoso: João, o bom baiano.

Era assim que *O Bom Baiano*, a nova atração da Tupi no horário das sete da noite, era descrita nas chamadas publicitárias estampadas por Jonas Mello e Márcia Maria, que repetiam o casal



Cartaz Os Apóstolos de Judas

joão brasileiro

O BOM BAIANO



de GERALDO VIETRI

romântico das duas novelas anteriores. Jonas passou alguns meses morando em Salvador para pegar o sotaque local e viver o personagem que em suas lembranças era *um carola, um crente, um beato e tudo para ele era Cristo. Era conservador e político ao mesmo tempo, antagônico dele mesmo*. O personagem gostava muito de doutrinar as pessoas, de dizer qual era o caminho certo e refletia uma característica de Geraldo Vietri, de educar as pessoas por meio da televisão.

196

Era mais uma novela humana, cheia de amor, de compreensão e com aquele toque humorístico característico do autor. Mais uma vez Vietri contava a história de um homem em fuga do passado, mas o protagonista João nada tinha de pau de arara, fazia parte da fina sociedade de Salvador e que só vai parar na pensão por um desses caprichos da vida. O principal cenário da novela, a pensão de dona Pina (Nair Bello) era aquele tipo de lugar acolhedor que todo mundo gostaria de ter encontrado um dia. E ali habitavam os tipos mais variados, os imigrantes que Vietri não dispensava em suas histórias. Nair Bello era a típica *mamma italiana*, personagem que seria constante na carreira da atriz. Nair era do elenco dos humorísticos e estava doida por um papel dramático diferente nas novelas.

Um dia encontrou Geraldo Vietri almoçando no restaurante da Tupi, se apresentou e pediu um papel em uma de suas novelas. *Algum tempo depois ele me apareceu com a dona Pina, um papel maravilhoso*, lembrava Nair, que foi o destaque da novela desde o início e logo voltaria a trabalhar com o diretor.

Outro da turma do Vietri, Marcos Plonka viveu Sr. Farc, o melhor judeu do mundo. Era o segundo judeu do ator nas novelas do amigo – antes fora o Max Blinder de *Nino, o Italianinho*. E nessa era um mascate que saía para vender com suas malas. Marcos Plonka lembra que no início da novela a colônia judaica ficou temerosa, mas a aceitação foi grande e ele acabou fazendo palestras na Hebraica. E também lembra das gravações complicadas com Nair Bello que não podia olhar na sua cara que caía no riso, o que enfurecia o diretor e autor. Farc viveu um romance com a católica fervorosa Hilda, uma secretária trilingue, despedida depois de 22 anos na mesma firma. E Laura Cardoso era Aminda, uma velhinha adorável, mas com um leve *defeitinho*, a cleptomania. E Júlia, a mocinha de Márcia Maria, era uma linda, meiga e dedicada enfermeira.

Essa novela não teve uma realização tranquila e o estilo de Vietri sofreu pesadas críticas. Helena Silveira, a cronista de TV da *Folha de S. Paulo* na



O Bom Baiano: *Marcos Plonka e Elisabeth Hartmann*

época, escreveu: *Vietri, de uns tempos para cá resolveu pôr o Jonas Mello como personagem moralizante de dedo em riste, resolveu pôr uma privada quase que como heroína de um relato, resolveu ser maniqueísta com gente boa como anjo e má de chupar sangue humano com canudinho de frescos. Três meses depois, ela voltava à novela e reconhecia que as coisas melhoraram um pouquinho.*

Com três meses de novela do ar, houve a saída de Carlos Augusto de Oliveira, da chefia da Tupi. E uma nota na coluna de Helena Silveira causou muito barulho. Ela publicou que na queda do Guga, o elenco de *O Bom Baiano* brindava o evento bebendo chope e comendo empadinha na padaria ao lado da emissora. Uma carta de Vietri desmentindo tudo logo chegou às mãos da jornalista, que publicou trechos do que chamou de *ofício em estilo bem vietriano* em sua coluna: *Por isso, ao mesmo tempo em que solicitamos à senhora um pouquinho mais de zelo ao divulgar notícias que possam ferir a dignidade alheia (como aconteceu no episódio referido), cuidasse de selecionar melhor o nível de seus informantes, pois certamente ele anda muito baixo, para ser útil a uma criatura de sua grandeza moral.*

A crítica voltou à tona poucos dias depois, com uma carta de João Dória Jr., diretor de divulgação

e comunicação da Tupi, endereçada a Vietri, declarando-se o informante da colunista, confirmando e ratificando todo o episódio: ... *Ou o senhor foi mal-informado sobre o acontecido; ou não dá o direito do festejo ao seu elenco, ou procura encobrir os praticantes da sórdida comemoração.*

Esse episódio é bastante revelador do clima de fim de tempos que reinava na Tupi da época, com constantes mudanças de diretoria, grandes atrasos de salário e ameaças de intervenção federal. *O Bom Baiano* acabou em setembro de 1978, com a TV Tupi cada vez mais em crise financeira e os atores sem receber os salários.

200

Por um curto período de tempo – que dizia terem sido 28 dias – Vietri assumiu o comando artístico das novelas da emissora. *O que me fez aceitar essa função foi a volta do teatro. Achei que poderiam voltar o Vanguarda, o Comédia, o Tupi, como eles eram e – por que não? – ao vivo. Não consegui. Quando vi as dificuldades nem lutei, nem briguei, nem tentei.*

Depois de enfrentar problemas na Globo com a novela *Gina*, Rubens Ewald Filho voltou para a Tupi bem nessa fase da chefia de Vietri.

Sempre gostei muito dele, mas de longe, achando admirável alguém que além de escrever a

novela também era capaz de dirigi-la e ainda por cima criar um universo tão particular, tão pessoal, diz Rubens. Até então, só tivera um único encontro com Vietri, quando fui procurado para ler o roteiro do filme Os Imorais. Rubens guarda ótimas lembranças desse convívio com Vietri e das conversas sobre projetos em sua sala, sempre no final de tarde. Rubens levou várias ideias para a novela e foi a da adaptação da peça Santa Marta Fabril que chamou a atenção do diretor. Eles começaram a discutir os possíveis caminhos da trama, Rubens chegou a escrever dez capítulos, quando recebeu a notícia que Vietri não estava mais no cargo. Anos depois, Vietri transformaria faria sua própria versão de Santa Marta para a Manchete. Fiquei contente. Nunca me senti roubado ou coisa alguma. Era uma ideia que estava no ar e ele fez, diz Rubens.

201

Vietri não viu os transmissores da emissora serem lacrados e o final da sua amada TV Tupi. No final dos anos 1980, em uma entrevista para a revista *Classe News Vídeo*, Geraldo Vietri disse: *Só lamento que todo esse trabalho que realizei na Tupi tenha se perdido. As fitas originais foram malconservadas na época em que lacramos a emissora e todas foram estragadas. São anos de trabalho e da história da nossa televisão, da nossa cultura, os quais não serão mais vistos ou*

*relembrados. Não sobrou nenhum documento..
São momentos que só poderão ficar em nossas
memórias. É uma pena, mas é a mais crua reali-
dade do que acontece com a cultura nesse País.*

Capítulo XXIII

A Fase Globo

Geraldo Vietri teve a sorte de não viver os últimos dias da Tupi. É que ele havia se licenciado da emissora. No final de março de 1979, Walter Avancini tomou posse como superintendente de produção e programação da Tupi. A emissora tentava uma mudança antes da derrocada final. O atraso dos salários estava no auge e inclusive uma greve havia sido deflagrada. A posse de Avancini foi no décimo andar do prédio da emissora, no Sumaré, com a presença de diretores e poucos artistas. Vietri não estava lá e há quem se lembre de tê-lo visto com lágrimas nos olhos diante de uma televisão que exibia uma participação do novo executivo no *Clube dos Artistas*, saudado como o salvador da lavoura. Era a volta de Avancini, depois de uma longa temporada na Globo.

203

Desgostoso com os novos rumos da emissora, onde passou 21 anos, Vietri passou por uma fase complicada com a chefia de Avancini, *um rapaz que dizia sempre dever muito de seus conhecimentos a mim. Nunca soube por que fiquei marginalizado após sua entrada*, declarou em entrevista ao *Jornal do Brasil*. Inconformado com o que chamava de *situação criada por Avancini*,

o ambiente insustentável que passou a reinar na emissora e os velhos companheiros marginalizados, resolveu aceitar o convite da Globo. Logo depois, Valter Avancini pediu as contas.

Licenciado da Tupi pelo prazo de 15 meses, Geraldo Vietri foi para a Globo escrever *Olhai os Lírios do Campo*, adaptação de Érico Verissimo. *Não iria deixar os 21 anos de Tupi por uma aventura. Pedi a licença já concedida. Depois se a Globo quiser me contratar por mais um período vamos pensar*, disse em fevereiro de 1980 ao *Jornal do Brasil*. O contrato era para outra novela, que seria pensada em agosto, ao fim de *Lírios*, o que não chegou a ocorrer.

204

Olhai os Lírios do Campo substituiu *A Escrava Isaura* na faixa das seis da tarde, na época exclusiva para adaptações de romances nacionais. No boletim de programação da emissora, uma matéria de capa apresentava a novela e o autor. Geraldo Vietri recebeu os jornalistas da emissora no Il Fratello, restaurante de sua propriedade na Avenida Alfonso Bovero, não muito longe dos estúdios da TV Tupi. Ele teve uma fase de restaurantes e foi sócio de Flamínio Favero no La Sorella, que existe até hoje.

Medicina e os naturais encontros e desencontros afetivos são o centro do romance de Erico

Veríssimo e Vietri não negava a dificuldade de adaptar para a TV o estilo descritivo do escritor gaúcho. E qual foi a saída do novelista? *A única que achei possível foi ler o livro, me imbuir bem do caráter dos personagens e fazer um original inspirado nas coisas do Veríssimo. Em termos de ação é um original meu inspirado no romance de Erico Veríssimo.*

A trama era situada na Porto Alegre dos anos 1930, uma época de grande efervescência no País, com o gaúcho Getúlio Vargas chegando à Presidência da República, e agitações políticas e sociais com movimentos operários ou as ditaduras surgindo em todo o mundo. Com os fatos históricos como pano de fundo, Vietri centrava sua história numa perspectiva mais humanística, sua característica principal como escritor: *O que considero mais importante no meu trabalho é que me baseio no ser humano, na reação do ser humano. E vou no fundo de suas reações. Não tenho essa preocupação com a política, quero é contar uma história bonita. Claro que sempre há uma parte política, mas o lado humano se sobrepõe.*

No centro de tudo, Eugênio e Olívia, dois médicos recém-formados e com preocupações antagônicas diante da profissão, vividos por Cláudio

Marzo e Nívea Maria. O ator já havia trabalhado com Vietri nos primórdios do *TV Comédia* e a atriz era na época casada com o diretor Herval Rossano. Do elenco da Tupi, Vietri trouxe Elizabeth Hartmann, Chico Martins e Nair Bello.

Era a estreia de Vietri na Globo, uma experiência novíssima depois de 21 anos de carreira na Tupi. E a novidade maior: pela primeira vez em muitos anos uma outra pessoa assinava um texto do autor. E essa pessoa era Herval Rossano. O texto do boletim da Globo descreve bem esse momento: *No início, ele reconhece, foi absolutamente aflitivo se acostumar com a ideia. Mas, dos papos quase diários por telefone com Herval Rossano e das visitas semanais ao Rio, para ver como andam as gravações, o comum foi sendo constatado e ele afirma que já não existe qualquer preocupação: Herval encara o trabalho como eu, tem as mesmas preocupações e as mesmas opiniões sobre a história.*

206

Do seu escritório em São Paulo, o novelista zeloso acompanhava tudo na maior parte por telefone, mas também de perto, quando possível. Paulistano fervoroso, sempre reclamava quando ia para as reuniões da novela no Rio. E essa declaração do autor antes da estreia revela muito de seu estilo e preocupações.

Pelo que eu já vi das cenas, acho que eu e Herval nos completamos. Além de todo um trabalho muito bem-cuidado que tem feito, Herval conta com uma equipe unida e de grande garra, que gosta do que faz. E isso é da maior importância para o trabalho em TV, inclusive em termos de elenco. Essa é uma das minhas preocupações: não ter astros ou estrelas. Não existe o ator principal e o secundário. Existem personagens e, para mim, todos com o mesmo valor. Naquele momento em que o espectador olha para o aparelho, quem está estrelando a novela é quem aparece no vídeo. Pode ser frase feita, comparação boba, mas é como no jogo de xadrez, em que o peão dá o xeque-mate no rei. Não precisa ser outro rei para dar.

207

A lua de mel entre o dramaturgo e o diretor não durou muito. Vietri não suportava interferências, que o capítulo não fosse ao ar do jeito e na ordem que escrevera e outros detalhes típicos de quem comandou tantas novelas com mão de ferro. Herval começou a eliminar algumas cenas, trocar outras de ordem e a situação entre o dramaturgo e o diretor foi se complicando. Os capítulos começaram a atrasar e lá pelas tantas ele passou a enviar não um capítulo, mas cenas. Enviava uma cena, digamos uma externa e dias depois mandava outra, que era a continuação

daquela e a equipe tinha que voltar mais uma vez para gravar a externa, o que tornava a situação intolerável. Rossano chegou a ir atrás de conhecidos de Vietri para ver se resolvia os problemas. O resultado foi a dispensa de Vietri pela Globo.

Wilson Rocha foi chamado para continuar a adaptação e a novela foi reduzida – acabou com 108 capítulos, quando fora planejada para 120. Na revista *Amiga*, a principal publicação de televisão naqueles anos, Vietri explicava a sua saída: *Tive que deixar de escrever a novela por motivos de saúde. Há tempos que venho passando mal, com problemas de circulação e, assim, comecei a atrasar a entrega dos capítulos. Infelizmente, fui obrigado a abandonar a emissora e deixar meu trabalho pela metade. Sinto muito tudo isso que aconteceu, pois, para mim, era importante este trabalho. Nunca tinha feito nada na Globo e estava me dedicando de verdade, mas não deu para continuar. Talvez ainda me opere neste mês. São coisas que não se pode prever.*

Capítulo XXIV

Retomadas e Floradas

Após *Olhai os Lírios no Campo*, Vietri teve uma rápida passagem pela TV Cultura de São Paulo com *Floradas na Serra*, adaptação do romance de Dinah Silveira de Queiroz, o mesmo que, em 1954, rendeu um filme com Cacilda Becker. *Na Fundação Anchieta, quando do início das gravações, disseram-me que Vietri entrava de tal modo na história que emagrecera e parecia, ele próprio, um daqueles habitantes das pensões de Campos do Jordão nos anos 1930*, escreveu a crítica Helena Silveira, na *Folha de S. Paulo*. Ela se referia ao fio-condutor da trama, dirigida por Atilio Riccò e estrelada por Bete Mendes e Carmen Monegal, que girava em torno de quatro moças num internato para recuperação de tuberculosos.. Eis o olhar crítico de Helena Silveira: *Floradas talvez não haja gratificado aos habituados às plumas e paetês novelísticos despojada que foi de luxuosos guarda-roupas. Ainda assim, os tricôs, as malhas, os gorros de época estiveram presentes, com propriedade*. Dez anos depois, Geraldo Vietri adaptaria essa história outra vez para a TV Manchete.

209

Floradas estreou em agosto de 1981 e no mês seguinte já estava no ar um novo trabalho de

Vietri. E dessa vez um original, com direção dele para a TV Bandeirantes, seriado semanal que fez bastante sucesso. Tratava-se de *Dona Santa*, histórias de 50 minutos sobre as aventuras de uma mulher de meia-idade, descendente de italianos, e moradora do Bexiga que perde o marido e é forçada, literalmente, a dirigir um táxi pelas ruas da capital paulista. Vietri passou oito meses criando a personagem, que já existia em sua imaginação desde 1971, quando escreveu *Nino, o Italianinho*. Nessa novela havia uma personagem homônima interpretada por Myrian Muniz, uma *mamma* italiana para quem o autor escreveu alguns de seus melhores diálogos.

210

Em matéria do jornalista Gabriel Priolli Neto, na *Folha de S. Paulo*, em setembro de 1981, ele lembrou: *Aquela personagem era muito forte para mim. Eu a usava como veículo para dizer o que achava importante. Dona Santa é uma personagem popular que coloca as reivindicações de sua classe e tem contato com todas as outras. Em um táxi, entra desde um senador até um favelado. E Dona Santa não apenas ouve seus problemas, mas procura ajudar de alguma forma, às vezes com um conselho, às vezes com ação direta.*

E para interpretar sua protagonista, Vietri chamou Nair Bello, que havia se destacado em sua última novela na Tupi. E na rápida passagem

global de Vietri, ela interpretou a napolitana Rafaela, dona da casa onde as mocinhas da novela iam morar, em *Olhai os Lírios do Campo*.

Dona Santa, a terceira italiana de Nair nas novelas de Vietri, marcou sua carreira. O primeiro desafio foi aprender a dirigir, aos 50 anos, fundamental para o papel e ela não hesitou em frequentar uma autoescola. *Vietri me obrigou a aprender a dirigir. Na gravação de uma cena, eu tinha de entrar na garagem da igreja Nossa Senhora da Cherupita, um espaço do tamanho de um quarteirão. Quando ele disse o gravando e eu dei a partida no carro bati na parede. A partir daí ele entendeu o meu drama e um dublê fazia essas cenas. No dia seguinte, apareceu um rapaz com um papel dizendo que era mandado pelo João Sayad, era para eu assinar dois papéis, um de seguro de vida e outro de seguro do carro, contou Nair naquele jeito bem-humorado que a caracterizou.*

Dona Santa, a taxista, dirigia em um fusca vermelho e cada episódio abordava um tema. Essa matéria de Gabriel Priolli na *Folha de S. Paulo* define o seriado: *Vietri se preocupou em situar os personagens no ambiente mais italiano da cidade, produzindo imagens externas que poderiam constar de qualquer filme neorrealista de Rossellini com a silhueta de São Paulo ao*

fundo, fazendo as vezes de Milão, Roma ou Turim. Preocupou-se também em apresentar os personagens sublinhando com ironia e indolência o genro (não faz nada, mas diz que quer ser político e está à espera das eleições). Recuperando a figura do padre amigo e conselheiro (Elias Gleizer, mais uma vez com um certo toque de dom Camilo) e mostrando a filha (Cláudia Alencar), típica mocinha apaixonada pelo boapinta e malandro. Selton Mello, com 11 anos e em seu primeiro papel, estava no elenco. Dona Santa teve 32 episódios.

212

*Eu tenho a preocupação de não sofisticar. Procu-
ro fazer as coisas quase como uma reportagem,
cenas da vida de pessoas comuns que entram no
táxi de Dona Santa. Um bom texto, na boca de
um bom intérprete, vale mais do que explosões
de iates ou helicópteros se chocando no ar, ex-
plicava Vietri para a Folha de S. Paulo o seu estilo
de fazer programa popular sem ser popularesco
e respeitando a inteligência do espectador.*

Depois do sucesso *Dona Santa*, novo e inesperado fracasso esperava por Vietri: a novela *Renúncia*, que ele adaptou de um romance do espírito Emmanuel, psicografado por Chico Xavier. Uma trama com tema espírita, baseada num *best-seller* e substituta de um sucesso – *Ninho da Serpente* – com um elenco encabeçado por Fúl-

vio Stefanini, Berta Zemel, Geórgia Gomide, os quais formavam um triângulo amoroso na Paris do século 19. Mas *Renúncia* saiu do ar com 12 capítulos sob a alegação de remanejamento de programação com a entrada do horário eleitoral.

No ano seguinte, a Bandeirantes pediu a Vietri uma nova série cômica para aproveitar o talento de Nair Bello e o sucesso *Dona Santa*. Ele escreveu *A Casa de Irene*, onde Nair vivia outra *mamma* italiana, agora dona de uma pensão, palco de histórias e figuras divertidas. Muitas intrigas, discussões e mal-entendidos, mas sempre com finais felizes. A personagem fazia o tipo durona com os empregados, mas com um coração que se comovia e chorava por qualquer coisa. Membro de carteirinha da turma de Vietri, Elias Gleizer interpretava um *bon vivant* e Laura Cardoso, a empregada confusa que instalava o caos entre os hóspedes da pensão. Flavio Galvão era o português da vez, um paquerador incorrigível; Françoise Fourton, uma feminista e Taumaturgo Ferreira, um garotão. *A Casa de Irene*, dirigida por Jardel Mello, passou longe do sucesso de *Dona Santa*.

Para Nair Bello, ele escreveu uma peça nunca montada: *Mamma Mia!*, uma comédia em cinco quadros e com quatro personagens, que ele registrou no SBAT em 1989. Raphaela, a protagonista,

é moradora do Bexiga e tem 60 anos. A descrição do cenário feita revela muito do estilo Vietri:

Sala e cozinha de uma casa clássica do Bairro da Bela Vista (Bexiga). Uma casa italiana, móveis que lembram a década de 1950 em estilo desconstruído. Numa das paredes de frente um grande quadro religioso (coração de Jesus). Ao fundo, duas janelas grandes, envidraçadas, que dão para a rua. Não dá para ver o movimento da rua, pois a casa está construída num plano mais elevado que as calçadas. Apenas ouviremos o que se passa na rua. Mesmo assim, poderemos ver os detalhes mais altos dos diversos acontecimentos: o andar, os estandartes e as velas acesas nas noites de procissão, a bola de um jogo de futebol, o balão que sobe, as estrelinhas e os rojões das noites de São João, etc. À esquerda, a porta de entrada da sala. Ao abrir-se esta porta tem-se a ilusão de uma escadaria. A porta de entrada da casa é lá embaixo, na rua. À direita, vemos a cozinha e a porta que leva ao interior da casa (quartos, banheiro, etc). Vemos, pelas janelas, as construções do outro lado da rua: a frente de uma igreja. Em tudo é uma casa gasta pelo tempo.

214

Os primeiros anos da década de 1980 foram complicados. Sua mãe, com quem os amigos diziam que ele se parecia muito e que inspirou muitos personagens, faleceu em 1982, aos 82 anos.

Capítulo XXV

Volta por Cima

Em 1958, Geraldo Vietri assistiu à montagem do TBC de *Santa Marta Fabril* e ficou impressionado com o enredo da peça de Abílio Pereira de Almeida. O escritor morreu em 1977 e logo depois ele pensou em adaptá-la para a televisão, com texto de Rubens Ewald Filho, mas a Tupi estava em seus últimos momentos e o projeto não se concretizou. Vietri não chegou a conhecer Abílio, mas o suicídio do escritor tocou-o e fez nascer um carinho forte pelo criador de *Santa Marta*. Por uma dessas coincidências da vida, foi justamente *Santa Marta* a sugestão de Maurício Sherman quando o convidou para escrever uma minissérie na TV Manchete, em 1984. Foi a terceira minissérie da emissora que começava a investir em dramaturgia e produziu antes *Dona Beija* e *Viver a Vida*. Na época, ele anunciou ter vontade de realizar adaptações de *Moral em Concordata* e *Paiol Velho*, outras duas peças de Abílio Pereira de Almeida.

215

A versão televisiva de *Santa Marta Fabril* contou com a participação de Leonardo Villar, que fizera parte do elenco da montagem do TBC. Trinta anos antes, Leonardo interpretara Dr. Clóvis,

o médico da família que se apaixona por uma das herdeiras da fábrica e na minissérie viveu o contador Fernando. Nathália Timberg interpretava Dona Marta, a poderosa matriarca em torno de quem girava toda a trama. O tema de *Santa Marta Fabril* é a rica classe alta paulista, os quatrocentões, um tema que o escritor Abílio conhecia muito bem, e os chamava de *os herdeiros da revolução industrial*.

216

Vivendo na ponte aérea entre Rio e São Paulo, pela primeira vez em sua carreira, Geraldo Vietri não enfrentava limitações de orçamento e tinha em suas mãos todas as condições para realizar seu trabalho. Como acontecera antes, ele também era o diretor. E o adaptador Vietri afirmou não ter tido nenhuma dificuldade em criar os diálogos entre patrões, dirigentes e operários. *Passei minha infância na Mooca, um bairro fabril. Aliás, a fábrica ficava na minha rua, uma imensa indústria de tecelagem. E convivi, em menino, com todo esse ambiente sem fim, portões enormes, apitos, chaminés, fuselagens e toda aquela gente apressada, entrando e saindo em vários turnos.*

Diferente do original, que era uma crítica social e ao orgulho da família quatrocentona, a fábrica virou a estrela da minissérie. E Geraldo Vietri falou muito de TV Tupi nessa época, chegando

a fazer algumas comparações. *A Tupi foi minha vida, tinha alma e essa alma eu transporte para Santa Marta Fabril. A fábrica é minha estrela máxima nessa minissérie. Mais do que aquelas paredes centenárias, mais do que as centenas de teares e, além dos muitos metros quadrados, existe alguma coisa de muito forte, de força espiritual. Parecido com aquilo que nós sentíamos pela TV Tupi, pelas dependências da TV Tupi. Todos nós podíamos reclamar, malhar, mas nunca alguém de fora. Assim é com a fábrica.*

A fábrica de tecidos Bangu foi escolhida como cenário e, para dar mais realismo às cenas, seus operários atuavam como figurantes. As gravações eram no Rio, Petrópolis e São Paulo. Produção bem-cuidada, *Santa Marta* marcou a volta por cima de Vietri.

217

Geraldo procurou se manter fiel ao texto de Abílio de Almeida, mas TV e teatro são veículos completamente diferentes. As sessenta páginas da peça foram ampliadas para seiscentas e a história ganhou 17 novos personagens. Assim como no teatro, a trama central foi mantida: a luta pelo poder na fábrica fundada e dirigida pela família liderada por Dona Marta.

Aos 56 anos, Geraldo estava entusiasmado e recomeçando sua carreira depois da falência da

Tupi, da passagem frustrada pela Globo e dos dois anos que passou pela Bandeirantes. *Há muito tempo eu não via o empenho, a garra e a vontade de fazer que estou encontrando na Manchete*, disse em entrevista para a revista *Amiga*. Ele não media elogios a Zevi Ghivelder e Maurício Sherman: ... *Hoje são os dois homens de comando mais importantes dentro da TV*. Aos amigos, dizia que o chefe da emissora, Adolpho Bloch, havia lhe dito que colocaria a coroa de louros em sua cabeça.

218

Logo depois, escreveu a primeira novela da Manchete, um *remake* de Antônio Maria, o sucesso dos fins dos anos 1960, parceria entre a emissora carioca e a Rádio e Televisão Portuguesa (RTP). Para evitar comparações com Sérgio Cardoso, foi atrás de um ator luso para viver o protagonista. O escolhido foi Sindi Felipe e outra portuguesa no elenco era Eugênia Mello e Castro, como uma fadista, a misteriosa Amália, de quem no começo só apareciam as mãos. *Ele tinha um fascínio por nós por sermos portuguesas, que ele achava muito educados*, lembra Eugênia.

As primeiras cenas foram gravadas em Portugal com Sindi Felipe. Eugênia já estava no Brasil e foi o amigo Fernando Eiras, que trabalhou em *Santa Marta*, quem a apresentou a Vietri. Uma reportagem da revista *Amiga* mostra Geraldo

Vietri recepcionando Sindi e Eugênia no aeroporto, mas era armação do marketing da Manchete, os atores já estavam no Brasil fazia alguns dias. Eugênia testemunhou muitos barracos nas gravações, mas com ela e Sindi, Vietri era muito atencioso. Os dois atores portugueses faziam inclusive alterações no texto quando determinada fala não tinha a ver com o jeito português de falar: ... *À vontade, vocês mandam*, dizia o diretor, sem emitir os cinco gritos e quatro pulos habituais. Sindi e Vietri, inclusive, escreviam a novela pela madrugada.

Era um tratamento diferenciado e Geraldo Vietri continuava o homem temido da Tupi. Na metade de abril de 1985, na reunião de apresentação do elenco, pedia garra e determinação ao elenco de 21 atores. *Não admitirei trabalhos paralelos que atrapalhem a dedicação dos artistas. Isso vale para os novos e veteranos. Quem não quiser, pode agora pedir para sair.* Jorge Cherques era um dos veteranos em cena e estranhou o estilo Vietri: *Ele grava cenas inteiras sem corte. É quase uma volta ao teatro.* Outra da turma do Vietri que voltou a trabalhar com ele foi Ana Rosa. Ela e Renato Borghi eram os donos da panificadora Luso-Pão e grandes amigos do protagonista. Entre as apostas estava Tarcísio Filho, em seu primeiro papel importante, Gustavo, o filho da

governanta criado pelo patrão como filho, que Tony Ramos vivera na primeira versão.

220 Antônio Maria é uma nova história vivida pelos mesmos personagens e fala de amor e lutas, de sentimentos e de situações que não envelhecem jamais, disse Vietri. Novos personagens entraram em cena. Uma das novidades era a banda de rock Pernilongos Pauleiras, com um visual colorido e meio punk. A trilha se distanciava do fado tradicional e apostava em nomes novos da cena musical portuguesa. Era proposta de Eugênia, que fazia a produção musical e, inclusive, incluiu uma gravação de Amália Rodrigues cantando *Summertime* em inglês. A turma do fado foi chiar com o diretor que os colocou pra correr: *Chamei Eugênia para cuidar da música e lhe dei liberdade absoluta. Ela é quem manda, ela é quem sabe.*

As gravações da novela começaram no dia primeiro de maio numa externa no bairro de Santa Tereza. As gravações das cenas ocorriam nos novos estúdios no subúrbio carioca de Água Grande, uma construção de 2 mil metros quadrados, com salas de atores, banheiros, salas de maquiagem, cozinhas e outras dependências. Desde que surgiu a oportunidade de produzir a novela, Vietri voltou ao seu ritmo puxado de trabalho, sem um segundo de descanso. Quando

não estava em estúdios ou em externas, andava às voltas com os capítulos.

Apesar da produção caprichada e dos esforços de Vietri, Antônio Maria foi uma novela sem grande repercussão. E ele deve ter se arrependido de ter refeito a novela, pois modificou muito a história e a trajetória dos personagens. Imprimiu à trama um tom irreverente e engraçado, temperado com tragédias e até enveredou pelo policial com a morte do vilão interpretado por Paulo Ramos. Para muita gente, um dos erros da história foi entregar no primeiro capítulo o segredo da novela: o personagem aparecia milionário em Lisboa, fugindo de uma mulher possessiva. Lucas Bueno dividiu a direção com Vietri.

221

Depois do estouro da novela *Pantanal*, a Manchete voltou a investir em minisséries e Geraldo Vietri voltou à emissora que já não mais vivia seus dias de glória. Em 1991, escreveu *Na Rede de Intrigas*, história de um milagreiro numa aldeia de pescadores, estrelada por Leonardo Brício e Júlia Lemmertz. Logo depois, assinaria outro remake, dessa vez *Floradas na Serra*, adaptação do romance de Dinah Silveira de Queiroz, que refizera na TV Cultura em 1981. O papel, que fora de Cacilda Becker no cinema, ficou com Carolina Ferraz, depois de participações em *Pantanal* e na minissérie *Escrava Anastácia*. A minissérie foi

gravada em Campos do Jordão, com direção de Nilton Travesso e teve 24 capítulos.

Amazônia, a novela que substituiria *Ana Raio e Zé Trovão*, estava com a produção atrasada e Geraldo Vietri foi chamado às pressas para apagar o incêndio. Nasceu assim a minissérie *O Fantasma da Ópera*, tentativa de abraçar o clássico de Gaston Leroux, escrita por Paulo Afonso de Lima, direção de Deo Rangel e supervisão de Vietri. Cláudio Marzo era um fantasma bem brasileiro vivendo nos porões do Teatro Municipal carioca. Foi a última das minisséries da Manchete e não deixou grandes lembranças. Marcou o reencontro de Vietri com Cláudio Marzo, uma de suas *descobertas* nos primeiros anos da Tupi. Estava encerrada sua fase na TV Manchete, em que chegou a realizar trabalhos que remetem aos seus melhores momentos. Contudo, tal fase passou rapidamente.

Capítulo XXVI

Outros Caminhos

Entre 1987 e 1988, Geraldo Vietri passou uma boa temporada, dez meses, morando no exterior, dividindo-se entre Buenos Aires e Miami. Estavava contratado pelo produtor argentino Manuel Iglesias para escrever e dirigir a novela *El Duende Azul*, uma vitrine para o estrelato da dupla Pimpinela. Formada pelos irmãos argentinos Joaquín e Lucía Galán, Pimpinela estava no topo das paradas e seus dois integrantes não tinham nenhuma experiência com dramaturgia. Escorado no sucesso da dupla e de olho no mercado latino-americano, o empresário contratou atores conhecidos de vários países de língua espanhola. Assim, sob a direção de Vietri, que dividia a tarefa com o argentino Martin Clutet, tinha gente do Peru, Espanha, Venezuela, Paraguai, México, Cuba, para facilitar a venda para os países de origem do elenco.

223

Vietri bolou uma história singela: a novela começava em 1967 com o naufrágio de um navio. No meio da tragédia, os irmãos Lucía e Joaquín se perdem e vão parar em lugares diferentes, cada um com uma correntinha com um duende azul pendurada no pescoço. Duas décadas depois,

ele vive numa ilha e ela na capital, ambos com talento para a música. Vietri contou essa história em 90 capítulos, gravados exclusivamente em exteriores, entre Buenos Aires e Miami, onde ficava a sede dos escritórios do produtor Iglesias. As gravações duraram 10 meses e uma equipe técnica brasileira acompanhava Vietri. O trabalho utilizou uma câmera só, gravando em externas o tempo todo, sem nenhuma tomada em estúdio. Vietri acreditava que a participação da equipe brasileira revolucionou um pouco os conceitos da produção de novela na Argentina. *Embora eles tenham começado antes de nós, estagnaram na linguagem, enquanto nós deslançamos*, disse em entrevista ao *Jornal da Tarde*, de São Paulo.

224

Lucía e Joaquín Galán, apesar de nunca terem atuado como atores, saíram-se muito bem e Vietri não poupava elogios aos irmãos. A relação dos três virou amizade. Vietri adorava Buenos Aires, especialmente os bairros portenhos mais tradicionais, como La Boca. Ali, junto ao Riachuelo, foram gravadas várias cenas de *El Duende Azul*. Depois, a equipe se transferiu para Miami, que não lhe despertava a mesma sensação agradável. Vietri odiava a cidade americana, que dizia ser *de plástico* como tudo que era americano. Hospedado no Hotel Dupont, situado no centro da cidade, escrevia a novela pela madrugada e, como

acontecera no Brasil, era visto por seus colegas de trabalho chorando enquanto criava as cenas.

Quando gravávamos na rua, ele adorava inventar uma cena ali na hora com participação de gente comum, o que dava grande credibilidade à narrativa, conta Joaquín Galán. O homem de temperamento difícil também aprontava das suas. Joaquín Galán lembra que um dos personagens da novela era uma senhora de 83 anos que o queria como filho. Com sua verve habitual, o autor preparou e distribuiu a todos um roteiro com uma cena forte. Simplesmente a tal senhora começava beijando Joaquín com amor de mãe e terminava agachada à sua frente, enquanto abria o zíper de sua calça como se estivesse lhe fazendo sexo oral. Foi um alvoroço entre produção e atores, assim que tomavam contato com aquela cena. Só que era de mentirinha, era apenas uma brincadeira de Geraldo Vietri e não seria gravada.

225

El Duende Azul foi exibida no Brasil no início do segundo semestre de 1989, pela TV Bandeirantes, no horário vespertino. Vietri acompanhou de perto o trabalho de dublagens e chegou a sugerir que a novela passasse aqui com o título de *El Dia que me Queiras*. Mas a direção da emissora preferiu rebatizá-la de *Desencontros*. Em Portugal, foi exibida com o nome sugerido pelo autor.

Capítulo XXVII

De Volta ao Começo

No segundo semestre de 1989, Vietri colocou sua dramaturgia a serviço da política. Na concorrida eleição presidencial daquele ano, Paulo Maluf, Fernando Collor, Leonel Brizola e Lula disputavam a sucessão de José Sarney. E Vietri foi contratado para dirigir uma *novela* dentro de seu horário político, cada dia abordando um problema brasileiro, em tom de comédia e com duração de cinco minutos diários. Paulo Maluf não chegou ao segundo turno.

A década de 1990 não se revela fácil para Geraldo Vietri. Depois da segunda – e curta – passagem pela TV Manchete, ele tem de cavar espaço em outras emissoras. O mundo das novelas havia mudado. Já em 1983, numa matéria para o jornal *O Estado de S. Paulo*, ele refletia sobre as mudanças na dramaturgia: *A realidade e o cotidiano que favoreciam a identificação com o telespectador perderam-se com o fim da Tupi. Hoje, a Globo mistura cotidiano e fantasia, criando, a meu ver, uma realidade mentirosa.*

O homem pensava televisão o tempo todo, tinha ideias firmes e esse trecho da matéria revela bem o que pensava sobre os rumos do

veículo: *A penetração e a importância da televisão são tão grandes que é preciso cuidar dela com grande carinho, não em termos, é claro, de uma censura idiota, mas no que ela representa como passadora de mensagens. Nesse ponto, a responsabilidade do autor é muito grande, porque eu acho que a liberdade do autor interfere demais nos padrões de comportamento. Ela não reflete só o que se passa fora. Ela impõe, nivelando as pessoas pelos modismos, pela linguagem que ela inventa, pelas posturas que projeta. O público imita a televisão. Veja-se, por exemplo, a evolução do personagem feminino. A mulher que, antes, era voltada para a família, é mostrada agora de outra forma. Essa mulher mudou também por causa da televisão, não se deve esquecer isso.*

228

Em 1992, Geraldo Vietri reencontrou o teatro e fundou a Companhia das Artes Cênicas, que funcionava na Avenida Alfonso Bovero, em São Paulo. Vietri dava aulas de dramaturgia, escrevia textos mimeografados para o boletim da companhia, onde apresentava grandes autores e planejava montagens. A companhia era formada por jovens atores, outros já com estrada – Alexandre Darbilly e Noemi Gerbelli, assistente de Vietri, com quem trabalhara na TV Manchete. Frequentemente Vietri chamava os integrantes

da turma – Elizabeth Hartmann, Geórgia Gomide e Jonas Mello, para palestras.

A principal meta é produzir espetáculos de grande nível artístico, ele escreveu na proposta de abertura do grupo. E os três primeiros espetáculos estavam listados ali: *Hotel dos Amores*, vaudeville de Miguel Santos passado nos anos 1930; A comédia *Padre, não me Caso Mais* e a infantil *Loboboca*, ambas escritas por ele. Apenas *Hotel dos Amores* foi ao palco como trabalho de conclusão do curso e encenada no Teatro Imprensa, de 8 a 13 de março de 1993. A infantil *Loboboca* chegou a ser ensaiada, mas nunca foi apresentada para o público.

229

Uma das jovens alunas da companhia era Vanessa Gerbelli, sobrinha de Noemi, iniciando carreira artística. Vanessa lembra de Vietri, já com a saúde debilitada, mas fiel ao seu estilo explosivo, capaz de dizer coisas bem agressivas e se retratar logo depois. O diretor continuava com seus jogos *terroristas*. Como o elenco era grande – a cada encenação os 17 personagens da peça eram representados por um elenco diferente – Vanessa um dia representava a Julieta e, na encenação seguinte, uma colega com tipo físico semelhante assumia a personagem. Nos ensaios, para tirar o máximo, ele dizia para Vanessa: ... *Ah, meu Deus, se fosse a fulana*. Vanessa soube depois que ele



Elenco de Hotel dos Amores

fazia o mesmo jogo com sua colega: ... *Ah, meu Deus, se fosse a Vanessa*. Era o método Vietri, passando de geração para geração de ator. Vietri foi o primeiro a dirigir Vanessa Gerbelli diante das câmeras na gravação-registro de *Hotel dos Amores*.

Vietri assinava a direção geral de *Hotel dos Amores* e Alexandre Darbilly, um de seus novos discípulos, a direção dos atores. Foi a única produção da Companhia das Artes Cênicas fundada por Geraldo Vietri. E a escolha de um texto da sua juventude no teatro amador não deve ter sido por acaso.

Capítulo XXVIII

Porcos Bipedus

O humanista, preocupado com o homem e seus rumos, continuava fiel aos seus princípios e ansioso para passá-los aos seus jovens discípulos, como mostra esse texto – *Porcos Bipedus* –, publicado num dos boletins da companhia. É o mau-humor travestido em humor de primeira.

Porcos Bipedus é o seu nome científico completo. E é uma espécie zoológica desagradável, com certas características repugnantes, encontrada na maioria das partes habitáveis do globo.

233

Quando chega a tarde, nos domingos de verão, deixa os parques da cidade atulhados de jornais e porcarias diversas. Ele e os porquinhos da sua família deixam em qualquer lugar de recreio um monturo de garrafas de cerveja e cascas de banana para a família que venha depois fazer a limpeza.

Deixa os faróis de seu carro cegarem os outros automobilistas, só para não estender uma das pernas porcinas e apertar o botão para baixar a luz. Põe o carro a toda velocidade dentro de poças d'água e de lama, e manda para o tintureiro os pedestres que esperam na calçada.

Ele e manadas de seus companheiros Porcii bipedi se precipitam para bloquear o tráfego, em torno de um acidente de estrada, um incêndio, ou qualquer local de desastre, e arregalam os olhos, com uma curiosidade gulosa, enquanto as ambulâncias e os bombeiros lutam para levar socorro às vítimas.

Para não andar 10 metros até aos reservados para fumantes, no fim dos vagões de estrada de ferro, fica sentado no seu lugar e solta densas baforadas de fumaça em torno, no setor dos não fumantes, enquanto crianças e velhinhas morrem sufocadas.

234

Quando se vê uma criança retirada de dentro d'água com o pé cortado e pingando sangue, em consequência do contato com uma garrafa quebrada, ou uma lata enferrujada, pode-se ter a certeza de que o Porcus Bipedus andou se divertindo naquela praia.

Quando num hotel ruidosas gargalhadas e fanhosos boas-noites debaixo da bandeira da porta nos acordam bruscamente, às duas horas da madrugada, e a porta ao lado se fecha com um estrondo atômico e um deslocamento de ar que nos levanta 15 centímetros do colchão, é apenas o Porcus que se despede de uma pequena manada de seus companheiros, depois de uma noite agradável.

Sua perene indagação: Cortesia? Para quê? Sua permanente divisa: ... Os outros que se danem!

Alguns milhares de Porcii bipedi tornam o País inteiro desagradável, insalubre e arriscado para o resto da população, constituída de criaturas humanas decentes.

Se todos os Porcii bipedi do País fossem colocados juntos, eles se matariam a cotoveladas em 20 minutos. E seria uma coisa magnífica.

Capítulo XXIX

Último Ato

A saúde era algo complicado na vida de Vietri. Como sua mãe, ele tinha curvas imensas no pé e pisava praticamente em dois pontos, embaixo dos dedos. Contrário do pé chato, seu pé era curvo, oval demais, o que originava calosidades excessivas que lhe traziam problemas para andar. Ele usava sapato especial. Os que conviveram com ele recordam seu jeito especial de andar meio mancando, nervosinho, e também cacoetes, como puxar a calça com as duas mãos, ajeitar o cinto.

237

Em 1968, na época de *Antônio Maria*, pesava 60 quilos e media 1,74 m – magro, tinha os olhos verdes da mesma cor que os da mãe e irmã. *Seus olhos verdes eram lindos. Era um homem bonito que não se deixava parecer bonito. Magro, workaholic total*, na lembrança de Aracy Balabanian. Quando jovem costumava nadar e praticar esportes, mas assim que entrou para a televisão parou com qualquer exercício físico. Na Tupi dos anos 1970, não era muito raro ele sair direto dos estúdios para o hospital.

Para aliviar os problemas na coluna, em sua sala na emissora, praticamente a segunda casa, havia

uma tábua onde costumava dormir para aliviar as dores que sentia. Geraldo Vietri era cheio de problemas de saúde. Na Tupi, o ritmo era puxado e lhe faltava estrutura física para aguentar, mas quem disse que pegava mais leve? Chegava na emissora do Sumaré às sete da manhã, entrava uma, duas horas depois no estúdio para gravar, uma parada rápida para o almoço, voltava ao estúdio e ia até umas sete da noite. Após essa jornada, recolhia-se ao escritório para escrever.

238

Também tinha problemas de estômago e certa vez fez uma cirurgia que não deu certo e não podia comer qualquer coisa. Sofria de bronquite, que se transformou em enfisema pulmonar por causa do fumo. Largou os três maços de todo santo dia quando descobriu a doença alguns anos antes de morrer e, por um longo tempo, costumava ficar segurando um cigarro apagado.

O homem de televisão não costumava trabalhar em casa. Só nos últimos anos de vida, quando ficou muito doente e não tinha mais condições de dirigir um carro devido aos problemas de coluna, é que teve de trabalhar em seu apartamento, o que era um sacrifício para ele.

Em 1994, a primeira rede de TV Católica brasileira entrava no ar. Era a Associação do Senhor Jesus, de Campinas, interior de São Paulo. E o famoso

homem das novelas da Tupi foi contratado pela emissora, que tinha os estúdios em Valinhos, a 95 km de São Paulo. Com a saúde comprometida, Vietri contou em seus últimos anos de vida com a ajuda do assistente Dárcio Della Monica, que trabalhou com ele por mais de vinte anos. Dárcio funcionava como faz-tudo e anjo da guarda. De uma dedicação exemplar, levava o mestre para todo lado. Cada vez mais encurvado devido ao agravamento dos problemas na coluna, Vietri era a imagem da fragilidade. Um simples toque lhe provocava dor e ele não conseguia mais escrever, ditava para Dárcio, que chegou a providenciar um computador, ainda novidade na metade dos anos 1990, mas Vietri nem quis saber de intimidade com aquele teclado.

239

A fase religiosa, a final na vida de Geraldo Vietri, inclui as minisséries *A Verdadeira História de Papai Noel*, *A Irmã Catarina* e *Antonio dos Milagres*. Essa última, gravada em Santos, trata do misticismo e das crenças em Santo Antônio, interpretado pelo jovem Eriberto Leão. E o elenco trazia Ruthinéa de Moraes e Jonas Mello. Chico Martins, marido de Ety Fraser, o ajudava a escrever os roteiros.

Em seus últimos anos de vida, Geraldo Vietri se aproximou de algumas pessoas de sua antiga turma da Tupi. Em 1992, ao final de uma apre-

sentação de *Fulaninha e Dona Coisa*, no teatro Cultura Artística, Aracy Balabanian soube que um amigo a esperava e que não queria entrar no camarim. Era uma noite fria, Aracy foi ao seu encontro e perguntou por que ele não entrou. A verve vietriana habitual não se fez demorar: ... *Não vou entrar nesse ambiente sórdido, cheio de viciados*. Era o estilo do homem, que não perdoava ninguém e Aracy soltou um ... *Ah, tá, eu sou diferente*, para ouvir um carinhoso *você também é uma bela porcaria*. O último encontro dos velhos conhecidos acabou em jantar, com Vietri dirigindo seu carro e muito emocionado.

240

Geórgia Gomide voltou a conviver bastante com Vietri. Em 1993, numa fase complicada, ela voltava ao teatro com a peça *Laranja Mecânica* e Vietri ia todo dia até sua casa para ajudá-la a decorar o papel e ensaiar com ela. Depois a levava para o local dos ensaios em seu carro.

Quando soube que Vietri estava muito doente, a amiga Elizabeth Hartmann foi visitá-lo no apartamento da Mooca. Fazia tempo que não se viam e ela lembrou de umas bolachas italianas que ele gostava e rodou a cidade para achá-las. Encontrou o amigo *muito abatido, encurvado, como se estivesse voltando pra dentro*. Ao ver as bolachas, soltou um *detesto*. Elizabeth não estranhou. Era exatamente o estilo do homem

que conhecia há tantos anos que, mesmo doente, continuava um ranzinza adorável.

Vietri morreu na madrugada do dia 1º de agosto de 1996, a menos de um mês de completar 69 anos, depois de dois dias internado no hospital Aviccena, na Mooca. Continuava trabalhando todo o dia com o assistente Dárcio Della Monica. A última de suas histórias foi a minissérie *Antônio dos Milagres*. Também desenvolveu a sinopse de uma novela chamada *Desejo*, que tinha como cenário uma vinícola no Rio Grande do Sul e não chegou a ser produzida.

Em quase 40 anos de televisão, Geraldo Vietri deixou a sua marca no veículo. Silvio de Abreu reconhece sua influência: ... *Foi um dos que me ensinaram muito em termos de novela. Ele tinha uma coisa que eu gosto e até hoje uso muito: fazer aquela família italiana pobre.*

241

E a obra do homem de TV, assinala Tony Ramos, foi marcada por uma preocupação maior com o humanismo, com a importância do afeto. *Ele entendia como poucos da estrutura das novelas, preocupado não apenas com o gancho final, mas com os ganchos antes das entradas dos intervalos comerciais. Tinha noção de espetáculo muito grande. Dirigia, escrevia, criava na hora.*

A principal razão de sua vida, dizia Geraldo Vietri, era o trabalho:

Ninguém me deu nada de mão beijada, tudo foi conquistado e realmente com muito esforço. Dou muito valor ao meu trabalho e gosto muito. Era capaz de ficar a noite toda no estúdio acompanhando a montagem dos cenários de suas novelas, simplesmente porque queria bem montado, metro por metro, porta por porta, pedir para colocar um pouco mais pra lá, um pouco mais pra cá. Assim, visualizava tudo.

242

Numa entrevista em 1977, aos 50 anos, se declarou um homem plenamente realizado: ... *Consegui o que eu queria, aliás, acho que todo mundo deve fazer isso.* Nessa época, contava ter determinado um número de horas certas para descanso, dormia de seis a oito horas por dia e acordava automaticamente, sem despertador, e, como um artesão de fibra, pronto para mais um dia de trabalho.

Cronologia

Novelas

1996

- ***Antonio dos Milagres***

Autor: Geraldo Vietri. Roteiro: Dárcio Della Monica. Direção: Lucas Bueno. Com Eriberto Leão, Ruthinéa de Moraes, Jonas Mello, Ênio Gonçalves, Liana Duval. CNT.

- ***Irmã Catarina***

De Peter Orglmeister. Direção: Atílio Riccó. Com Myrian Rios, Patrícia Luchesi, Geórgia Gomide, Márcia Real, Roberto Pirillo, Marcos Plonka, Olívia Camargo, Arlete Montenegro, Luiz Carlos de Moraes, Matheus Carrieri, Jonas Mello. CNT.

243

1995

- ***A Verdadeira História de Papai Noel***

Com: Marcelo Galdino, Jonas Mello, Ênio Gonçalves. CNT.

1991

- ***O Fantasma da Ópera***

Clássico original de Gaston Leroux, em adaptação livre para a TV de Paulo Afonso Lima. Colaboração: Joel Coaracy. Supervisão: Geraldo Vietri. Direção: Del Rangel.

Com Cláudio Marzo, Carolina Ferraz, Tarcísio Filho, Andrea Richa, Marcos Caruso, Sérgio Britto. TV Manchete.

- ***Floradas na Serra***

Adaptação de Geraldo Vietri. Direção: Nilton Travesso.

Com Carolina Ferraz, Tarcísio Filho, Myrian Rios, Eduardo Dusek, Giovana Gold, Maria Helena Dias, Patrícia Luchesi, Mika Lins. TV Manchete.

- ***Na Rede de Intrigas***

Direção: Henrique Martins. Com Leonardo Brício, Júlia Lemmertz, José de Abreu, Rogério Fróes, Andrea Richa, Chico Diaz, Jacyra Silva. TV Manchete.

1987

- ***El Duende Azul ou Desencontros***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Lucía e Joaquín Galán. Exibida pela TV Bandeirantes.

1985

- ***Antônio Maria***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Sindi Felipe, Elaine Cristina, Eugênia Mello e Castro, Jorge Cherques, Miriam Pérsia, Adriana Figueiredo, Daniel Barcellos, André Felipe, Jacqueline Laurence, Tarcísio Filho, Marcos Caruso, Paulo Ramos, Renato Borghi, Ana Rosa, Felipe Wagner. TV Manchete.

1984

• ***Santa Marta Fabril***

Adaptação e direção: Geraldo Vietri. Com Nathália Timberg, Paulo Ramos, Lúcia Veríssimo, Leonardo Villar, Sônia Clara, Tetê Medina, Jonas Bloch, Adriano Reys, Sura Berditchevsky, Ewer-ton de Castro, Ana Rosa, Fernando Eiras, Ênio Santos, Buza Ferraz, Ângela Figueiredo, Matheus Carrieri, Danton Jardim, Haroldo de Oliveira, Ruthinéa de Moraes. TV Manchete.

1983

• ***A Casa de Irene***

Texto: Geraldo Vietri. Direção: Jardel Melo. Com Nair Bello, Gianfrancesco Guarnieri, Elias Gleizer, Flávio Galvão, Françoise Fourton, Laura Cardoso, Neuza Borges, Zé Carlos de Andrade. TV Bandeirantes.

245

1982

• ***Renúncia***

Adaptada de romance psicografado por Chico Xavier.

Com Fúlvio Stefanini, Berta Zemel, Geórgia Gomide, Elias Gleizer, Laura Cardoso, Serafim Gonzales, Ísis Koschdoski, Cláudia Alencar, Luiz Carlos de Moraes, Chico Martins, Xandó Batista, Yara Lins, Lúcia Mello, Marcos Mello, Flaminio Fávero, Noemi Gerbelli. TV Bandeirantes.

1981

- ***Dona Santa***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Nair Bello, Elias Gleizer, Cláudia Alencar, Amilton Monteiro, Zé Carlos de Andrade, Selton Mello. TV Bandeirantes.

- ***Floradas na Serra***

Adaptação: Geraldo Vietri. Direção: Atílio Riccó. Com Bete Mendes, Carmen Monegal, Walter Breda, Amaury Alvarez, Silvana Teixeira, Fernando Peixoto, Elizabeth Hartmann, Ivete Bonfá, Marcos Caruso, Emílio Di Biasi. TV Cultura.

1980

- ***Olhai os Lírios do Campo***

Adaptação: Geraldo Vietri. Direção: Herval Rossano. Com Cláudio Marzo, Nívea Maria, Thaís de Andrade, Jardel Filho, João Paulo Adour, Patrícia Bueno, Nair Bello, Chico Martins, Elizabeth Hartmann, Kleber Drable, Mário Cardoso, Neuza Amaral, Jonas Bloch, Ruth de Souza, Ênio Santos. TV Globo.

1978

- ***João Brasileiro, o Bom Baiano***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Jonas Mello, Márcia Maria, Nair Bello, Laura Cardoso, Rodolfo Mayer, Yara Lins, Arlete Montenegro, Elizabeth Hartmann, Marcos Plonka, Flaminio Fávero, Re-

giane Ritter, Márcia Regina, Eunice Mendes, Leonor Lambertini, Lucy Meirelles, Dênis Derkian, Marilu Martinelli. TV Tupi.

1976

• ***Os Apóstolos de Judas***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Jonas Mello, Berta Zemel, Márcia Maria, Dina Lisboa, Laura Cardoso, Ety Fraser, Chico Martins, Kate Hansen, Wilson Fragoso, Paulo Figueiredo, João José Pompeo, Marisa Sanches, Solange Theodoro, Iara Marques, Sadi Cabral, Flaminio Fávero. TV Tupi.

1975

• ***Meu Rico Português***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Jonas Mello, Márcia Maria, Dina Lisboa, Cláudio Corrêa e Castro, Elizabeth Hartmann, Arlete Montenegro, Wilson Fragoso, Ety Fraser, Marisa Sanches, Maria Estela, Ruthinéa de Moraes, Gilmara Sanches, Flávio Glavão, Paulo Figueiredo, Chico Martins, Flaminio Fávero, Olney Cazarré, Walter Prado, Glauce Graieb, Leonor Navarro, Olívia Camargo, Jacyra Sampaio, Osmano Cardoso. TV Tupi.

1972

• ***Vitória Bonelli (1972)***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Berta Zemel, Tony Ramos, Carlos Alberto Riccelli, Flaminio Fávero, Annamaria Dias, Norah Fontes,

Carmen Monegal, Cláudia Mello, Carlos Augusto Strasser, Yara Lins, Ivan Mesquita, Ety Fraser, Ruthinéa de Moraes, Amilton Monteiro, Paulo Figueiredo, Dina Lisboa, Sylvia Borges, Leonor Navarro, Graça Mello, Elizabeth Hartmann, Giancarlo, Sérgio Galvão, Marcos Plonka, Maria Viana, Clenira Michel, Felipe Levy, Úrsula Pereira, Verônica Teijido, Walter Forster, Raul Cortez . TV Tupi.

1971

• ***A Fábrica***

248 Texto e direção: Geraldo Vietri. Coautor: Walter Negrão. Com Aracy Balabanian, Juca de Oliveira, Hélio Souto, Geórgia Gomide, Lima Duarte, Bibi Vogel, Joana Fomm, Elizabeth Hartmann, Patrícia Mayo, Dina Lisboa, Graça Mello, Elias Gleizer, Dirce Migliaccio, Lúcia Mello, Xisto Guzzi, Marcos Plonka, Marina Freire, Guy Loup, Marisa Sanches, Lorival Pariz, Carmem Marinho, Paulo Figueiredo, Áurea Campos, Guiomar Gonçalves, Flaminio Fávero, Gilbert, Nicette Bruno. TV Tupi.

• ***A Selvagem***

Adaptação: Geraldo Vietri e Giancarlo. Com Ana Rosa, Henrique Martins, Suely Franco, Castro Gonzaga, Jayme Barcellos, Silvana Lopes, Carlos Koppa, Chico Martins, Isabel Ribeiro, Dirce Migliaccio. TV Tupi.

1969

• ***Nino, o Italianinho***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Coautor: Walter Negrão. Com Juca de Oliveira, Aracy Balabanian, Bibi Vogel, Wilson Fragoso, Myrian Muniz, Dina Lisboa, Elizabeth Hartmann, Elias Gleizer, Ety Fraser, Dirce Migliaccio, Lúcia Mello, Marcos Plonka, Graça Mello, Guiomar Gonçalves, Marisa Sanches, Guy Loup, Dennis Carvalho, Paulo Figueiredo, Tony Ramos, Giancarlo, Ana Maria Dias, Marina Freire, Xisto Guzzi, Lorival Parizi, José Buck, Ginete Franco, Flamínio Fávero, Felipe Levy, Bethy Caruso, Uccio Gaeta, Olívia Camargo. TV Tupi.

1968

• ***Antônio Maria***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Sérgio Cardoso, Aracy Balabanian, Elísio de Albuquerque, Maria Luiza Castelli, Carmem Monegal, Giancarlo, Wilson Fragoso, Patrícia Mayo, Carlos Duval, Guiomar Gonçalves, Dennis Carvalho, Néa Simões, Tony Ramos, Ana Maria Dias, Norah Fontes, Jacyra Silva, Paulo Figueiredo, Bethy Caruso, Izabel Cristina, Marcos Plonka, Antônio Leite, Gilda Valença, Canarinho, Xisto Guzzi. TV Tupi.

1967

• ***Os Rebeldes***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Percy Aires, Marlene França, Ana Rosa, Tony Ramos, Den-

nis Carvalho, Rildo Gonçalves, Isabel Cristina, Giancarlo, Laura Cardoso, Olívia Camargo, Elias Gleiser. TV Tupi.

• ***Paixão Proibida***

De Janete Clair. Direção: Geraldo Vietri. Com Sérgio Cardoso, Miriam Mehler, Rosamaria Murtinho, Juca de Oliveira, Lima Duarte, Sadi Cabral, Guiomar Gonçalves, Ademir Rocha, Néa Simões. TV Tupi.

• ***A Ponte de Waterloo***

Adaptação de Geraldo Vietri da peça de Robert Anderson. Com Lisa Negri, Hélio Souto, Ana Rosa, Marina Freire, Dina Lisboa. TV Tupi.

250

• ***A Intrusa***

Adaptação de Geraldo Vietri do romance de William Irish. Com Dina Sfat, Hélio Souto, José Parisi, Norah Fontes, Ademir Rocha, Machadinho. TV Tupi.

• ***Angústia de Amar***

Novela de Dora Cavalcanti, baseada no romance *O Rosário*, de Florence Barclay. Direção de Geraldo Vietri. Com Aracy Balabanian, Eva Wilma, Cecil Thiré, Beatriz Segall, Juca de Oliveira, Marisa Sanches, Annamaria Dias, Ruy Resende. TV Tupi.

1966

• ***Ciúmes***

Novela de Talma de Oliveira. Direção: Geraldo Vietri. Com Cacilda Becker, Sebastião Campos, Dina Sfat, Luiz Gustavo, Percy Aires, Marlene França, Annamaria Dias. TV Tupi

• ***A Ré Misteriosa***

Adaptção: Geraldo Vietri, do romance de J. Lorenz. Com Nathália Timberg, Lima Duarte, Juca de Oliveira, Maria Luiza Castelli, Elias Gleizer, Maria Célia Camargo, Marcos Plonka, Marlene França, Sebastião Campos, Annamaria Dias, Francisco Toledo, Ênio Gonçalves. TV Tupi.

251

• ***A Inimiga***

Adaptação: Geraldo Vietri, baseado no original de Nenê Castellar. Com Hélio Souto, Rosamaria Murtinho, José Parisi, Marisa Sanches, Lisa Negri, Juca de Oliveira. TV Tupi.

1965

• ***Um Rosto Perdido***

Adaptação: Walter George Durst, do original de Mimi Valdestein. Direção: Geraldo Vietri. Com Hélio Souto, Aracy Balabanian, Lima Duarte, Sebastião Campos, Rildo Gonçalves, Elias Gleizer, Lélia Abramo, Ana Rosa, Norah Fontes, João Monteiro, Cacilda Lanuza, Lisa Negri. TV Tupi.

- ***A Outra***

Adaptação de Walter George Durst, do original de Dario Nicodemi. Direção: Geraldo Vietri. Com Geórgia Gomide, Walmor Chagas, Guy Loup, Vida Alves, Lisa Negri, Elias Gleizer, Rildo Gonçalves, Juca de Oliveira, Norah Fontes, Elizabeth Hartmann, Tony Ramos, Débora Duarte. TV Tupi.

- ***O Cara Suja***

De Walter George Durst, no original de Roberto Valente. Direção: Geraldo Vietri. Com Sérgio Cardoso, Rita Cleós, Juca de Oliveira, Marisa Sanches, Gilberto Sálvio, Sergio Galvão, Guiomar Gonçalves, Percy Aires, Carmen Joia, Giancarlo. TV Tupi.

252

- ***Teresa***

Adaptação de Walter George Durst. Direção: Geraldo Vietri. Com Geórgia Gomide, Walmor Chagas, Maria Célia Camargo, Percy Aires, Lisa Negri, Rildo Gonçalves, Luiz Gustavo, Marisa Sanches, Néa Simões, João Monteiro, Xisto Guzzi, Sérgio Galvão. TV Tupi.

1964

- ***O Sorriso de Helena***

Adaptação de Walter George Durst, do original de Abel Santa Cruz. Com Sérgio Cardoso, Maria Célia Camargo, Percy Aires, Geórgia Gomide, Marcos Plonka, Patrícia Mayo, Norah Fontes, Lisa Negri, Luiz Gustavo. TV Tupi.

- ***Quando o Amor é mais Forte***

De Pola Civelli, baseada em original argentino. Direção: Geraldo Vietri. Com Fábio Cardoso, Guy Loup, Laura Cardoso, Juca de Oliveira, David Neto. TV Tupi.

- ***Se o Mar Contasse***

Adaptação: Ivani Ribeiro, do original de Manuel Muñoz. Direção: Geraldo Vietri. Com Rolando Boldrin, Henrique Martins, Maria Isabel de Lizandra, Luiz Gustavo, Elias Gleizer, Wanda Kosmo, Ana Rosa, Marisa Sanches, Rildo Gonçalves, Elísio de Albuquerque. TV Tupi.

- ***A Gata (1964)***

Adaptação: Ivani Ribeiro, do original de Manuel Muñoz Rico. Direção: Geraldo Vietri. Com Marisa Woodward, Eduardo Abbas, Lima Duarte, Altair Lima, Rita Cléos, Dalmo Ferreira, Vida Alves, Elísio de Albuquerque, Geórgia Gomide, Néa Simões, Norah Fontes, Xisto Guzzi, Marcos Plonka. TV Tupi.

- ***Alma Cigana***

Adaptação: Ivani Ribeiro, do original de Manuel Muñoz Rico. Direção: Geraldo Vietri. Com Ana Rosa, Amilton Fernandes, Marisa Sanches, Elísio de Albuquerque, David José, Rolando Boldrin, Aída Mar, Marcos Plonka, Clenira Michel. TV Tupi.

1963

• ***As Chaves do Reino***

Direção: Geraldo Vietri. Com Percy Aires, Amilton Fernandes, Altair Lima. TV Tupi.

• ***Klauss, o Loiro***

Direção: Geraldo Vietri. Com Henrique Martins, Eduardo Abbas, Vida Alves, Benjamin Cattan, Rita Cléos, Elísio de Albuquerque, Geórgia Gomide, David José, Luiz Orioni. TV Tupi.

• ***Moulin Rouge, a Vida de Toulouse-Lautrec***

254 Direção: Geraldo Vietri. Com Percy Ayres, Amilton Fernandes, Rolando Boldrin, Laura Cardoso, Geórgia Gomide, Vida Alves, Rita Cléos, Marisa Sanches, Rildo Gonçalves, Cláudio Marzo, Elísio de Albuquerque, Guy Loup, Lisa Negri, Marcos Plonka, Nelly Reis, Giancarlo. TV Tupi.

• ***A Sublime Aventura***

Direção: Geraldo Vietri. Com Percy Aires, Laura Cardoso, Older Cazarré, Amilton Fernandes, Guy Loup, Patricia Mayo. TV Tupi.

• ***Terror nas Trevas***

Original, produção e direção: Geraldo Vietri. Com Elk Alves, Vida Alves, Giancarlo, Elísio Rocha, Rildo Gonçalves, Luiz Gustavo, José Parisi, Marcos Plonka, Susana Vieira. TV Tupi.

1962

• ***A Estranha Clementine***

Com Vida Alves, Rolando Boldrin, Amilton Fernandes, Norah Fontes, Xisto Guzzi, Henrique Martins, Patrícia Mayo, Glória Menezes, Marisa Sanches, Néa Simões. TV Tupi.

• ***A Noite Eterna***

Com Percy Aires, Laura Cardoso, Giancarlo, Amilton Fernandes, Guiomar Gonçalves, Luiz Gustavo, Xisto Guzzi, Cláudio Marzo, Tarcísio Meira, Susana Vieira. TV Tupi.

• ***Prelúdio, a Vida de Chopin***

Com Percy Aires (Ellsner), Laura Cardoso (George Sand), Rita Cléos (Maria Wodzinska), Wanda Kosmo (Justina Chopin), Cláudio Marzo (Chopin). TV Tupi.

• ***A Única Verdade***

Com Fernando Bruck, Maria Célia Camargo, Maria Cecília, Luiz Gustavo, Cláudio Marzo, Patrícia Mayo, Tarcísio Meira, Natal Saliba, Marisa Sanches, Susana Vieira. TV Tupi.

1960

• ***O Príncipe e o Plebeu***

De Geraldo Vietri. Com Amilton Fernandes, Luiz Gustavo, Walter Stuart, Maria Vidal, Nair Silva, Neide Aparecida, Mary Nogueira. TV Tupi.

Filmes

1981

- ***Sexo, sua Única Arma (1981).***

Argumento, direção e roteiro: Geraldo Vietri. Produção: Cassiano Esteves. Direção de fotografia: Antonio B. Thomé.

Com Selma Egrei, Ewerton de Castro, Geórgia Gomide, Serafim Gonzalez, Leonor Lambertini, Chico Martins, Arlete Montenegro, Douglas Mazzola.

1979

- ***Os Imorais (1979).***

Argumento, direção e roteiro: Geraldo Vietri. Produção: Cassiano Esteves. Direção de produção: Duarte Gil. Direção de fotografia: Antonio B. Thomé.

Com Paulo Castelli, João Francisco Garcia, Sandra Bréa, Elizabeth Hartmann, Chico Martins, Aldine Muller.

1978

- ***Adultério por Amor***

Direção e roteiro: Geraldo Vietri. Produtor: Cassiano Esteves. Direção de produção: Duarte Gil. Fotografia: Antônio B. Tomé. Montagem: Sylvio Reinoldi. Música: Caion Gadia. Com Selma Egrei, Luiz Carlos de Moraes, Jussara Freire, Paulo Figueiredo, Ewerton de Castro, Cassiano Ricardo.

- ***Que Estranha Forma de Amar***

Direção e roteiro: Geraldo Vietri. Baseado no romance Iaiá Garcia, de Machado de Assis.

Produção: Cassiano Esteves. Diretor de produção: Duarte Gil Gouveia. Fotografia: Antonio B. Tomé. Com Berta Zemel, Paulo Figueiredo, Jonas Mello, Márcia Maria, Solange Theodoro, Wilson Fragoso, Dina Lisboa, Jacyra Sampaio, Sadi Cabral, Benjamin Cattan, Leonor Navarro, Sidneia Rossi.

1976

• *Senhora*

Direção e roteiro: Geraldo Vietri. Baseado no livro de José de Alencar. Produção: Cassiano Esteves. Direção de produção: Duarte Gil. Direção de fotografia: Antonio B. Thomé. Com Elaine Cristina, Paulo Figueiredo, Chico Martins, Ety Fraser, Flávio Galvão, Elizabeth Hartmann, Marcos Plonka, Ruthinéa de Moraes, Annamaria Dias, Yara Lins, Leonor Navarro, Amilton Monteiro, Aldo César, Flamínio Fávero, Olívia Camargo, Sadi Cabral, Francisco Petrônio, Ana Maria Dias.

257

• *Tiradentes, o Mártir da Independência*

Direção e roteiro: Geraldo Vietri. Direção de produção: Duarte Gil Gouveia. Produtor: Cassiano Esteves. Fotografia: Antonio B. Tomé. Figurinos: Vida Sanches. Penteados: Arnaldo Moscardini. Maquiagem: Lázaro de Oliveira Neto. Com Adriano Reis, Abrahão Farc, Aldo Cezar, Benjamin Cattan, Cassiano Ricardo, Chico Martins, Claudio Corrêa e Castro, Cuberos Neto, Eduardo

Abas, Flamínio Fávero, Iara Lins, José Policena, Kate Hansen, Laura Cardoso, Luiz Dias, Osvaldo Mesquita, Osvaldo Camposana, Paulo Figueiredo, Roberto Rocco, Rogaciano de Freitas, Turíbio Ruiz, Wilson Fragoso, Xandó Batista.

1972

• ***A Primeira Viagem***

Direção, roteiro, argumento, montagem: Geraldo Vietri. Fotografia: Antonio B. Thomé. Sonoplastia: Salatiel Coelho. Com Flamínio Fávero, Aracy Balabanian, Luiz D'Ávila, Humberto Militello.

1971

• ***Os Diabólicos Herdeiros***

Produção, direção e roteiro: Geraldo Vietri. Produção executiva: Paulo Figueiredo. Direção de fotografia: Antonio B. Thomé. Montagem de som: Fauzi Mansur. Com Dennis Carvalho, Paulo Figueiredo, Tony Ramos, Ety Fraser, Elias Gleizer, Xisto Guzzi, Elizabeth Hartmann, Canarinho, Lúcia Mello, Marcos Plonka, Ana Rosa, Bibi Vogel.

1968

• ***O Pequeno Mundo de Marcos***

Produção, direção e roteiro: Geraldo Vietri. Produtores associados: Arnaldo Zonari, Antônio Abujamra. Direção de fotografia: Antônio B.

Thomé. Com Marcos Plonka, Ana Rosa, Gianette Franco, Marlene França, Izabel Cristina, Machadinho, Giancarlo, Tony Ramos.

1965

• *Quatro Brasileiros em Paris*

Produção, direção e roteiro: Geraldo Vietri. Direção de fotografia: Antônio B. Thomé. Montagem de som: Gauco Mirko Laurelli. Cenografia: Luigi Calvano. Com Amilton Fernandes, Guy Lupe, Sergio Galvão, Geórgia Gomide, Marcos Plonka, Ana Rosa, Giancarlo, Lisa Negri, Elias Gleizer, Laura Cardoso, Norah Fontes, Xisto Guzzi, Clenira Michel, Francisco Toledo.

1964

• *Imitando o Sol (O Homem das Encrencas)*

Direção: Geraldo Vietri. Música: George Kaszás. Com Laura Cardoso, Abílio Marques, Pagano Sobrinho, Lúcia Lambertini, Cazarré, Clenira Michel, Amândio Silva Filho, Sergio Hingst, Nereide Walquiria, Jean Carlo. Vera Cruz.

1957

• *Dorinha no Soçate*

Direção: Geraldo Vietri. Produção: G. R. Dorea. Produtor associado: Alfredo Palácios. Direção de fotografia: Toni Rabatoni Martinez. Edição: José de Alencar. Com Vera Nunes, Fábio Cardoso, Zé Fidelis, Marly Bueno, Machadinho, Turíbio

Ruiz, Maria Vidal, Angela Maria, Agostinho dos Santos, Castro Gonzaga, Elza Laranjeira. Participação dos Demônios da Garoa.

1952

• ***Custa Pouco a Felicidade***

Direção e argumento: Geraldo Vietri. Produtor: Sérgio Azario. Gerente: Pereira Dias. Foto: Almeida Jr. Sonografia: Constantin Tkezenko. Cenografia: George Thomas. Montagem: Bill Zarcal. Música: Enzo Sale. Com Vera Nunes, Paulo Geraldo, Egle Bueno, Mário Giroti, Marlene Rocha, Nestorio Lins, Nádia Lucena, Augusto Azevedo, Wilma Bentivegna, Zequinha Alencar, Cavgnole Neto, Dionísio Azevedo, Robledo e seu conjunto musical. Oceania Filmes.

260

• ***Conflito***

Direção: Guido Padovani. Assistente de direção: Geraldo Vietri. Com Tânia Amaral, Paulo Geraldo, Regina Laura, Maurício Barros. Oceania Filmes.

Peças do TV de Comédia

1967

- ***Os Introcáveis***

Sátira a Os Introcáveis. Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Elias Gleizer, João Monteiro, Ana Rosa, Giancarlo, Marcos Plonka, Patrícia Mayo, Jacyra Silva, Norah Fontes, Xisto Guzzi, Dárcio Della Monica, Ademir Rocha.

1965

- ***Madame Clara***

De Walter Negrão. Direção: Geraldo Vietri. Com Ana Rosa, Rolando Boldrin, Giancarlo.

- ***Francisco & Chico***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Lima Duarte, Rolando Boldrin, Meire Nogueira, Sérgio Galvão.

- ***Uma Casa, um Lar***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Vida Alves, Percy Aires, Elias Gleizer, Patrícia Mayo, Sérgio Galvão.

- ***Grande Hotel***

Direção: Geraldo Vietri. Com Marcos Plonka, Laura Cardoso, Débora Duarte, Sérgio Galvão, Juca de Oliveira, Guy Loup.

- ***O Pobre Piero.***

Direção: Geraldo Vietri. Com Percy Aires, Cacilda Lanuza, Ana Rosa, Ênio Gonçalves.

- ***O Guarda da Alfândega***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Ana Rosa, Elísio de Albuquerque, João Monteiro, Juca de Oliveira, Maria Luiza Castelli.

- ***Maciste x Sansão***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Ana Rosa, Jacyra Silva, Maria Luiza Castelli, Annamaria Dias, Marcos Plonka, Elias Gleizer.

1964

- ***A Face Oculta de Maria Antonieta.***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Vida Alves, Amilton Fernandes, Lima Duarte.

- ***Uma Governanta Chamada Ingrid***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Lima Duarte, Laura Cardoso.

- ***O Começo da História & A História Continua***

Direção: Geraldo Vietri. Com Laura Cardoso, Percy Aires, Luiz Gustavo, Vida Alves, Elias Gleizer.

- ***A Batina Perfeita***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com João Monteiro, Percy Aires, Rolando Boldrin, Marcos

Plonka, Elias Gleizer, Giancarlo, Flamínio Fávero, Geórgia Gomide, Maria Isabel de Lisandra.

1963

• ***Marido Magro, Mulher Chata***

De Augusto Boal. Direção: Geraldo Vietri.

• ***Week-end***

De Noel Coward. Direção: Geraldo Vietri. Com Vida Alves, Elísio de Albuquerque, Guy Loup, Luiz Gustavo, Amilton Fernandes, Geórgia Gomide, Altair Lima.

• ***Ninotchka***

Direção: Geraldo Vietri. Com Laura Cardoso, Lima Duarte, Amilton Fernandes, Geórgia Gomide.

• ***Isso é com Você, Naturalmente***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Vida Alves, Amilton Fernandes, Clenira Michel, Suzana Vieira, Giancarlo, Marcos Plonka.

• ***Isso é com Todos Nós, Naturalmente***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Vida Alves, Patrícia Mayo, Suzana Vieira, Amilton Fernandes, Eduardo Abbas.

• ***Ciúme***

De Louis Verneuil. Direção: Geraldo Vietri. Com Susana Vieira, Luiz Gustavo.

- ***Dois de Paus***

Baseado em *Outubro*, de Paulo Magalhães. Adaptação e direção: Geraldo Vietri. Com Laura Cardoso, Amândio Silva Filho, Rildo Gonçalves, Lisa Negri.

1962

- ***Quando as Paredes Falam***

De Ferenc Molnar. Adaptação e direção: Geraldo Vietri. Com Percy Aires, Luiz Gustavo, Amilton Fernandes, Rita Cléos, José Parisi.

- ***Carnaval?... que Horror!...***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Cláudio Marzo, Neusa Azevedo, Eduardo Abbas, Older Cazarré, Suzana Vieira.

264

- ***Sexta-feira às 2 Horas***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Laura Cardoso, José Parisi, Geórgia Gomide.

- ***Aquele Perfume***

De Leon Lenz. Direção: Geraldo Vietri,

- ***Hora Certa de Enganar***

De Joracy Camargo. Direção: Geraldo Vietri. Com Percy Aires, Patrícia Mayo, Vida Alves, Neide Pavani. Older Cazarré. 1962.

- ***A Dama das Camélias***

Sátira à obra de Alexandre Dumas Filho. Texto e

direção: Geraldo Vietri. Com Vida Alves, Geórgia Gomide, Clenira Michel.

• ***O Beijo que era Meu***

De Mário Lago e José Wanderley. Adaptação e direção: Geraldo Vietri. Com Luis Orioni, Clenira Michel, Néa Simões, Patricia Mayo, Susana Vieira.

• ***Tovarich***

De Jacques Deval. Direção: Geraldo Vietri. Com Glória Menezes, Clenira Michel, Luís Francisco Trielli, Susana Vieira.

• ***Esta Noite Fique em Casa***

De A. Alencastre. Direção: Geraldo Vietri. Com Neide Pavani, Amilton Fernandes, Laura Cardoso, Percy Aires, Sônia Maria Dorce.

• ***Dois Mil Anos Depois***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Laura Cardoso, Lima Duarte, Néa Simões, Elísio de Albuquerque, Patricia Mayo, Giancarlo.

1961

• ***Mr. Pim Passa***

De A.A. Wilne. Adaptação e direção: Geraldo Vietri. Com Márcia Real, Percy Aires, Siomara Nagy, Amilton Fernandes.

- ***Nosso Cantinho***

Com Luiz Francisco Frielli, Márcia Real.

- ***Duas Dúzias de Rosas Vermelhas***

De Aldo Benedetti. Adaptação e direção: Geraldo Vietri. Com Vida Alves, José Parisi, Rolando Boldrin, Noêmia Marcondes.

- ***O Mais Feliz dos Três***

De Labiche. Adaptação e direção: Geraldo Vietri. Com Vida Alves, Older Cazarré, Percy Aires, Régis Cardoso.

- ***Adão e Eva***

De Norman Krasna. Adaptação e direção: Geraldo Vietri. Com Amilton Fernandes, Vida Alves.

- ***Nu com Violino***

De Noel Coward. Direção: Geraldo Vietri. Com Lima Duarte, Neide Pavani, Elk Alves, Vida Alves, Fernando Balleroni, Cláudio Marzo, Glória Menezes, Wanda Kosmo.

- ***O Isqueiro de Ouro***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Laura Cardoso, Percy Aires, José Parisi, Sônia Maria Dorce.

- ***Todo Dia, à Meia-noite***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Márcia Real, Amilton Fernandes, Clenira Michel, David Neto, Neusa Azevedo, Older Cazarré.

- ***A Teia de Aranha***

Adaptação e direção: Geraldo Vietri para o filme *Aconteceu na 5ª Avenida*. Com Percy Aires, Cláudio Marzo, Suzana Vieira, Luís Francisco Trielli, Maria Vidal.

- ***O Homem que Nasceu Duas Vezes***

De Oduvaldo Vianna Filho. Com Percy Aires, Amilton Fernandes, Márcia Real.

1960

- ***Quadros da Vida***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Older Cazzaré, Luis Orioni.

- ***Eu não me Caso Mais***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Laura Cardoso, Amilton Fernandes, Augusto Machado de Campos, Maria Vidal, Floriza Rossi.

267

- ***A Camisa de Seda***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Percy Aires, Geny Prado, Glória Menezes.

- ***A Barbada***

De Armando Gonzaga. Direção: Geraldo Vietri. Com Fernando Balleroni, Luís Orioni, Rolando Boldrin, Siomara Nagy, Célia Rodrigues.

- ***Os Gatos Pingados***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Geny Prado,

Luís Orioni, Carmen Marinho, Lolita Rodrigues, Neide Alexandri, Pery Ribeiro.

- ***O Crime***

De Paulo Orlando. Direção: Geraldo Vietri.

- ***O Outro Eduardo***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Luiz Gustavo, Flávio Pedroso, Rolando Boldrin, Siomara Nagy, Lolita Rodrigues, Xisto Guzzi.

- ***Esta Noite é Nossa***

De Dickens. Direção: Geraldo Vietri. Com Márcia Real, Amilton Fernandes, Percy Aires, José Parisi, Lolita Rodrigues.

268

- ***Perfume de Minha Mulher***

De Leo Lenz. Direção: Geraldo Vietri. Com Amilton Fernandes, Glória Menezes, Dorinha Duval, Araken Saldanha, Lolita Rodrigues.

- ***Uma Mulher do Outro Mundo***

De Noel Coward. Direção: Geraldo Vietri. Com Amilton Fernandes, Vida Alves, Clenira Michel, Márcia Real, Luís Orioni, Glória Menezes.

- ***Divórcio para Três***

De Victorien Sardou. Adaptação e direção: Geraldo Vietri. Com Amilton Fernandes, Márcia Real, Rubens Greiffo, Rolando Boldrin, Marlene Morel.

- ***Meu Amigo Harvey***

Direção: Geraldo Vietri. Com Laura Cardoso, Lima Duarte.

- ***Imitando o Sol***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Laura Cardoso, Amilton Fernandes, Siomara Nagy, Cláudio Marzo, Older Cazarré.

- ***Atenção, Senhores Passageiros***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Comemorativo do 3º aniversário do programa. Com Amilton Fernandes, Bentinho, Carmen Marinho, Cazarré, Cláudio Marzo, Clenira Michel, David Neto, Dorinha Duval, Fernando Balleroni, Henrique Martins, José Parisi, Laura Cardoso, Luiz Gustavo, Luiz Orione, Márcia Real, Maria Vidal, Marisa Sanches, Norah Fontes, Percy Aires, Vida Alves, Xisto Guzzi, Walter Stuart.

269

1959

- ***Os Maridos Atacam de Madrugada***

De Paulo Orlando. Direção: Geraldo Vietri. Com Percy Aires, Adolar Costa, Older Cazarré, Geny Prado, Maria Valéria.

- ***Enfim, Sós***

De Hélio Soveral. Direção: Geraldo Vietri. Com Geraldo Louzano, Maria Valéria, Márcia Real, Rubens Greiffo, Dorinha Duval.

• ***Não Saia Esta Noite***

De A. Alencastre. Direção: Geraldo Vietri. Com Lima Duarte, Laura Cardoso, Amândio Silva Filho, Francisco Milani.

• ***Iaiá Boneca***

De Ernani Fornari. Direção: Geraldo Vietri. Com Maria Valéria, Geny Prado, Márcia Real, Célia Rodrigues, Luís Orioni, Rolando Boldrin.

• ***Manhãs de Sol***

De Oduvaldo Vianna Filho. Direção: Geraldo Vietri. Com Amilton Fernandes, Flora Geny, Maria Valéria, Francisco Milani, Lídia Costa, Márcia Real.

270

• ***A Ditadora***

De Paulo Magalhães. Direção: Geraldo Vietri. Com Maria Vidal, Márcia Real, Maria Valéria, Percy Aires, Amilton Fernandes, Luís Orioni.

• ***Bombomzinho***

De Viriato Correia. Direção: Geraldo Vietri. Com Vida Alves, Older Cazarré, Adolar Costa, Dorinha Duval, Amilton Fernandes, Francisco Milani.

• ***Minha Sogra é da Polícia***

De Gastão Tojero. Direção: Geraldo Vietri. Amilton Fernandes, Dorinha Duval, Lolita Rodrigues, Amândio Silva Filho, Rubens Greiffo.

- ***Hotel dos Amores***

De Miguel Santos. Direção: Geraldo Vietri. Com Turíbio Ruiz, Augusto Machado de Campos, Amilton Fernandes, Lolita Rodrigues.

- ***O Hóspede do Quarto nº 2***

De Armando Gonzaga. Direção: Geraldo Vietri. Com Amilton Fernandes, Luis Orioni, Rubens Greiffo, Lolita Rodrigues, Florizia Rossi.

- ***À Sombra dos Laranjais***

De Viriato Correia. Direção: Geraldo Vietri. Com Walter Stuart, Fernando Balleroni, Geraldo Louzано, Fininho, Maria Valéria, Célia Rodrigues.

- ***O Ministro Supremo***

De Armando Gonzaga. Direção: Geraldo Vietri. Com Flávio Pedroso, Percy Aires, Lídia Costa, Amilton Fernandes, Luiz Gustavo.

- ***Papai Fanfarrão***

De Luís Wanderley. Direção: Geraldo Vietri. Com Walter Stuart, Lolita Rodrigues, Norah Fontes, Amilton Fernandes, Marisa Sanches.

- ***Pé de Cabra***

De Dias Gomes. Direção: Geraldo Vietri. Com Older Cazarré, Odilon Del Grande, Florizia Rossi, Régis Cardoso, Clenira Michel, Rolando Boldrin.

- ***O Carneiro do Batalhão***

De Viriato Correia. Direção: Geraldo Vietri. Com Amilton Fernandes, Araken Saldanha, Clenira Michel, Lolita Rodrigues, Percy Aires, Glória Menezes.

1958

- ***Joaninha Buscapé***

Peça de Luiz Iglezias. Produção: Antunes Filho. Direção: Geraldo Vietri. Com Cathy Stuart, Márcia Real, Lolita Rodrigues, Walter Stuart, Dorinha Duval, Amândio Silva Filho, David Neto, Eduardo Abbas.

- ***O Interventor***

272 Peça de Paulo Magalhães. Direção: Geraldo Vietri. Com Lolita Rodrigues, Geraldo Louzano, Mário Alimari, Older Cazarré, Amândio Silva Filho, Norah Fontes, Arnaldo Weiss.

- ***Feitiço***

Peça de Oduvaldo Vianna Filho. Direção: Antunes Filho e Geraldo Vietri. Direção de TV: Mario Pomponet. Com Maria Vidal, Marly Bueno, Henrique Martins, Older Cazarré, Amilton Fernandes, Norah Fontes.

- ***Chica Boa***

Peça de Paulo Magalhães. Direção: Geraldo Vietri. Com Vida Alves, Amândio Silva Filho, Geny Prado, Older Cazarré, Marisa Sanches, Dorinha Duval, Eduardo Abbas.

- ***Treze à Mesa***

Com Percy Aires, Laura Cardoso, Dorinha Duval, Amândio Silva Filho, Ubiratan Gonçalves, Marlene Morel, Turíbio Ruiz, Arnaldo Weiss.

- ***Era uma Vez um Vagabundo***

De José Wanderley e Daniel Rocha. Direção: Geraldo Vietri. Com Lima Duarte, Lolita Rodrigues, Older Cazarré, Amândio Silva Filho, Augusto Machado de Campos, Fúlvio Stefanini.

- ***O Azar de Chico Fogueteiro***

De Dilermando Duarte Cox. Direção: Geraldo Vietri. Com Lima Duarte.

- ***Vende-se um Passado***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Laura Cardoso, Older Cazarré, Flora Geny, Geraldo Louzano, Dorinha Duval, Amândio Silva Filho, Luiz Orioni, Norah Fontes.

- ***O Homem que Nasceu Duas Vezes***

De Oduvaldo Vianna Filho. Direção: Geraldo Vietri. Com Percy Aires, Amilton Fernandes, Older Cazarré, Lolita Rodrigues, Laura Prado, Célia Rodrigues, Nair Silva.

- ***O Vendedor de Ilusões***

De Oduvaldo Vianna Filho. Direção: Geraldo Vietri. Com Percy Aires, Laura Cardoso, Amilton Fernandes, Lídia Costa, Geny Prado.

• ***O Outro André***

De Correia Varela. Direção: Geraldo Vietri. Com Vida Alves, Lídia Costa, Amilton Fernandes, Carmem Marinho, Dorinha Duval.

• ***Avatar***

De Genolino Amado. Direção: Geraldo Vietri. Com Laura Cardoso, Older Cazarré, Amilton Fernandes, Henrique Martins.

Meu Tio Padre

A Sombra da Outra

Irmão das Almas

274

O Garçon do Casamento

Madame Olga

Depois Apareceu Alguém

Um Colar de Vaga-lumes

Quando me Lembro de Mamãe

Todos Temos os Mesmos Direitos

A Gravata de Bambu

Línguas Mortas, Bem Mortas

À Sua Maneira

O Professor de Línguas

De Noite é Pior

Neve que o Sol não Derrete

Champanhe e Duas Taças

Cuidado, o Terceiro Degrau da Escada Está Quebrado.

Os Herdeiros do Solar Maldito

Está Tudo em Ordem

275

Todos por Um

Logo ao Amanhecer

O Crime mais que Perfeito

A Quarentena

Muitas Felicidades

A Mansão Silenciosa

Ana, Você Vai Morrer

A Noite que Volta

Na Noite sem Luar

O Telegrama

O Grande Escândalo

Roma, Cidade Fechada

Os Amáveis Inimigos

Os Bons Amigos

Antes do Fim do Mês

Por Motivos Alheios à Nossa Vontade

276

Serei Heroica, Fábio

Deus, o Diabo e Gabriela

O Corcunda do Nosso Drama

Romance em 10 Pagamentos

A Face Oculta de Maria

A Convidada

César, Cleópatra & Cia.

O Céu Está à Venda

O Homem que Nasceu Duas Vezes
A Hora Certa de Enganar
O Senhor Ministro
Chapéu Cheio de Chuva
Pimenta nos Olhos dos Outros
Veneno de Cobra
Nascida Ontem
Enquanto Eles Forem Felizes
Olhos Mortos de Sono
Relações Internacionais
O Cruzeiro Furado
A Casamenteira
Quem Rouba um Pé Tem Sorte no Amor
Mania de Grandeza
O Homem e as Armas
Chuvas de Verão

O guarda da Alfândega

Noite de Núpcias

Cala a Boca, Etelvina

Uma Luz Dentro da Noite

Grande Teatro Tupi

1961

- ***Os Pires Camargo***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Wanda Kosmo, Tarcísio Meira, Marina Freire, Alceu Nunes.

278

1959

- ***O Argentino***

Direção: Geraldo Vietri. Com Alceu Nunes, Dorothy Leiner, Maria Célia Camargo, Laerte Morrone.

1958

- ***À Meia Luz***

De Patrick Hamilton. Direção: Geraldo Vietri. Com Fábio Cardoso.

- ***Cândida***

De Bernard Shaw. Direção: Geraldo Vietri. Com Egídio Eccio, Odete Lara.

- ***Hedda Gabler.***

De Ibsen. Direção: Geraldo Vietri. Com Wanda Kosmo, Raymundo Duprat, Carlos Zara.

TV de Vanguarda

1962

- ***Jane Eyre***

De Charlotte Bronte. Adaptação e direção: Geraldo Vietri. Com Glória Menezes, Henrique Martins, Neide Pavani, Xisto Guzzi, Rolando Boldrin.

- ***Quando a Neve Tornar a Cair***

Adaptação e direção: Geraldo Vietri. Com Henrique Martins, Luiz Gustavo, Elk Alves, Débora Duarte, Susana Vieira.

279

Studium 4

1962

- ***De Noite é Pior***

Texto e Direção: Geraldo Vietri. Com Henrique Martins, Eduardo Abbas, Glória Ladany, João Monteiro.

- ***Recompensa***

Texto e Direção: Geraldo Vietri. Com Tarcísio Meira, Glória Menezes, Geraldo Dantas, Older Cazarré, Rolando Boldrin.

- ***Madame Clara, Alta Costura***

De Walter Negrão. Direção: Geraldo Vietri. Com Glória Menezes, David José, Rolando Boldrin.

- ***Logo ao Amanhecer***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Percy Aires, Cláudio Marzo, Vida Alves.

- ***À Sua Maneira***

Texto e direção: Geraldo Vietri. Com Laura Cardoso, Cláudio Marzo, Neusa Azevedo.

TEATRO (diretor)

1993

- ***Hotel dos Amores***

Comédia de Miguel Santos. Direção geral: Geraldo Vietri. Direção de cena: Alexandre Darbilly. Companhia das Artes Cênicas. Teatro Imprensa.

1954

- ***Joaninha Buscapé***

Comédia de Luiz Iglezias. Direção: Geraldo Vietri. Com Nelson Rodrigues, Carmem P. Dias, Roberto Dias, Celso Miranda, Myriam Romero, Lúcio Corrêa, Teresa de Souza, Daniel Dorna. Grupo de Teatro Experimental.

281

Peças de Vietri no SBAT

Padre, Não me Caso Mais – 43 pg., 3 atos, 3 atrizes, 2 atores.

Mamma Mia! – 53 pg., 5 cenas, 2 atrizes, 2 atores.

Quadros da Vida – 51 pg., 2 atrizes, 2 atores.

Tudo, Menos Sexo – 61 pg., 8 cenas, 2 atrizes, 1 ator.

Vende-se um Passado – 59 pg., 3 atos, 4 atrizes, 4 atores.

Os atores e atrizes, autores e profissionais de TV, teatro e cinema listados abaixo me concederam entrevistas e foram fundamentais para a realização deste livro. Meu muito obrigado a:

Ana Rosa

Alexandre Darbilly

Annamaria Dias

Aracy Balabanian

Arlete Montenegro

Berta Zimmel

282

Cleyde Yáconis

Duarte Gil

Elizabeth Hartmann

Etty Fraser

Eugênia Mello e Castro

Francisco Toledo

Geórgia Gomide

Giancarlo

Joana Fomm

Joaquín Galán
Jonas Mello
Juca de Oliveira
Laura Cardoso
Lolita Rodrigues
Márcia Real
Marcos Plonka
Marly Bueno
Nair Bello
Nina Vietri
Nydia Lícia
Rolando Boldrin
Rubens Ewald Filho
Silvio de Abreu
Tony Ramos
Vanessa Gerbelli

Bibliografia

Depoimento para o IDART. Entrevistador: Flávio Luiz Porto e Silva. Da Biblioteca do Centro Cultural São Paulo.

O Teatro Paulista nas Décadas de 1950 e 1960 (Secretaria Municipal de Cultura, 1981).

Memória da Telenovela Brasileira – Ismael Fernandes (Ed. Brasiliense).

De Noite Tem... Um Show de Dramaturgia na TV Pioneira – Mauro Gianfrancesco e Eurico Neiva (Giz Editorial, 2007).

284

Álbum Momentos Maravilhosos de Antônio Maria.

Álbum Momentos Maravilhosos de Vitoria Bonelli.

Revista Filme Cultura 35/36 julho a setembro de 1980 – Embrafilme.

Essa Louca Televisão e sua Gente Maravilhosa – Ana Rosa (Butterfly, 2004).

Berta Zemel – A Alma das Pedras, de Rodrigo Antunes Corrêa (Coleção Aplauso).

Vera Nunes – Raro Talento, de Eliana Pace (Coleção Aplauso)

Giramundo: O Percurso de Uma Atriz – **Myrian Muniz**, organizado por Maria Thereza Vargas.

Um País no Ar: História da TV Brasileira em Três Canais. Maria Rita Kehl (Brasiliense, 1986).

Nossa Senhora das Oito – Mauro Ferreira (Mauad, 2003).

Cinematográfica Maristela – Mário Audrá Jr. (Silver Hawk, 1977).

Jornais

Jornal da Tarde, Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, O Globo, Jornal do Brasil, Diário Popular, Folha da Tarde, Diário da Noite, Shopping News, Jornal da Bahia.

Revistas

Intervalo, Amiga, Manchete, Classe News Vídeo.

Índice

No Passado Está a História do Futuro – Alberto Goldman	5
Coleção Aplauso – Hubert Alquéres	7
Introdução – Vilmar Ledesma	13
Invento Maldito	19
Mooca e Elite Móveis	23
O Chapéu do Avô	29
Tempos de Amador	33
TV de Comédia	41
Um Lugar ao Sol	49
Alma Cigana	55
Juventude em Fúria	65
Imigrantes, o Início da Saga	73
Um Tom de Revolta	91
Instantes Dramáticos – Direto dos Roteiros – 1	103
Criador e Criaturas	109
Trabalho e mais Trabalho	115
Festas e Incidentes	119
Cinema Caseiro	127
Convulsão Social	137
Disciplina é Liberdade	143

La Mamma	151
Instantes Dramáticos –	
Direto dos Roteiros – 2	161
Filmes Anos 1970 – Primeira Parte	169
Filmes Anos 1970 – Segunda Parte	173
O Final da Tupi	187
A Fase Globo	203
Retomadas e Floradas	209
Volta por Cima	215
Outros Caminhos	223
De Volta ao Começo	227
Porcos Bipedus	233
Último Ato	237
Cronologia	243

Crédito das Fotografias

Acervo Dina Lisboa 122

Acervo Elizabeth Hartmann 120, 198

Acervo Etty Fraser 121, 153, 156

Acervo Nydia Licia 61

Acervo PróTV 18, 40, 43, 45, 54, 68, 110

Acervo Tony Ramos 64, 66

Coleção Aplauso

Série Cinema Brasil

Alain Fresnot – Um Cineasta sem Alma

Alain Fresnot

Agostinho Martins Pereira – Um Idealista

Máximo Barro

Alfredo Sternheim – Um Insólito Destino

Alfredo Sternheim

O Ano em Que Meus Pais Saíram de Férias

Roteiro de Cláudio Galperin, Bráulio Mantovani, Anna Muylaert e Cao Hamburger

Anselmo Duarte – O Homem da Palma de Ouro

Luiz Carlos Merten

Antonio Carlos da Fontoura – Espelho da Alma

Rodrigo Murat

Ary Fernandes – Sua Fascinante História

Antônio Leão da Silva Neto

O Bandido da Luz Vermelha

Roteiro de Rogério Sganzerla

Batismo de Sangue

Roteiro de Dani Patarra e Helvécio Ratton

Bens Confiscados

Roteiro comentado pelos seus autores Daniel Chaia e Carlos Reichenbach

Braz Chediak – Fragmentos de uma Vida

Sérgio Rodrigo Reis

Cabra-Cega

Roteiro de Di Moretti, comentado por Toni Venturi e Ricardo Kauffman

O Caçador de Diamantes

Roteiro de Vittorio Capellaro, comentado por Máximo Barro

Carlos Coimbra – Um Homem Raro

Luiz Carlos Merten

Carlos Reichenbach – O Cinema Como Razão de Viver

Marcelo Lyra

A Cartomante

Roteiro comentado por seu autor Wagner de Assis

Casa de Meninas

Romance original e roteiro de Inácio Araújo

O Caso dos Irmãos Nunes

Roteiro de Jean-Claude Bernardet e Luis Sérgio Person

O Céu de Suely

Roteiro de Karim Aïnouz, Felipe Bragança e Maurício Zacharias

Chega de Saudade

Roteiro de Luiz Bolognesi

Cidade dos Homens

Roteiro de Elena Soárez

Como Fazer um Filme de Amor

Roteiro escrito e comentado por Luiz Moura e José Roberto Torero

O Contador de Histórias

Roteiro de Luiz Villaça, Mariana Veríssimo, Maurício Arruda e José Roberto Torero

Críticas de B.J. Duarte – Paixão, Polêmica e Generosidade

Luiz Antonio Souza Lima de Macedo

Críticas de Edmar Pereira – Razão e Sensibilidade

Org. Luiz Carlos Merten

***Críticas de Jairo Ferreira – Críticas de invenção:
Os Anos do São Paulo Shimbun***

Org. Alessandro Gamo

***Críticas de Luiz Geraldo de Miranda Leão –
Analisando Cinema: Críticas de LG***

Org. Aurora Miranda Leão

Críticas de Ruben Biáfara – A Coragem de Ser

Org. Carlos M. Motta e José Júlio Spiewak

De Passagem

Roteiro de Cláudio Yosida e Direção de Ricardo Elias

Desmundo

Roteiro de Alain Fresnot, Anna Muylaert e Sabina Anzuategui

Djalma Limongi Batista – Livre Pensador

Marcel Nadale

Dogma Feijoada: O Cinema Negro Brasileiro

Jeferson De

Dois Córregos

Roteiro de Carlos Reichenbach

A Dona da História

Roteiro de João Falcão, João Emanuel Carneiro e Daniel Filho

Os 12 Trabalhos

Roteiro de Cláudio Yosida e Ricardo Elias

Estômago

Roteiro de Lusa Silvestre, Marcos Jorge e Cláudia da Natividade

Feliz Natal

Roteiro de Selton Mello e Marcelo Vindicatto

Fernando Meirelles – Biografia Prematura

Maria do Rosário Caetano

Fim da Linha

Roteiro de Gustavo Steinberg e Guilherme Werneck; Storyboards de Fábio Moon e Gabriel Bá

Fome de Bola – Cinema e Futebol no Brasil

Luiz Zanin Oricchio

Francisco Ramalho Jr. – Éramos Apenas Paulistas

Celso Sabadin

Geraldo Moraes – O Cineasta do Interior

Klecius Henrique

Guilherme de Almeida Prado – Um Cineasta Cinéfilo

Luiz Zanin Oricchio

Helvécio Ratton – O Cinema Além das Montanhas

Pablo Villaça

O Homem que Virou Suco

Roteiro de João Batista de Andrade, organização de Ariane Abdallah e Newton Cannito

Ivan Cardoso – O Mestre do Terrir

Remier

João Batista de Andrade – Alguma Solidão e Muitas Histórias

Maria do Rosário Caetano

Jorge Bodanzky – O Homem com a Câmera

Carlos Alberto Mattos

José Antonio Garcia – Em Busca da Alma Feminina

Marcel Nadale

José Carlos Burle – Drama na Chanchada

Máximo Barro

Liberdade de Imprensa – O Cinema de Intervenção

Renata Fortes e João Batista de Andrade

Luiz Carlos Lacerda – Prazer & Cinema

Alfredo Sternheim

Maurice Capovilla – A Imagem Crítica

Carlos Alberto Mattos

Mauro Alice – Um Operário do Filme

Sheila Schwarzman

Máximo Barro – Talento e Altruísmo

Alfredo Sternheim

Miguel Borges – Um Lobisomem Sai da Sombra

Antônio Leão da Silva Neto

Não por Acaso

Roteiro de Philippe Barcinski, Fabiana Werneck Barcinski
e Eugênio Puppo

Narradores de Javé

Roteiro de Eliane Caffé e Luís Alberto de Abreu

Olhos Azuis

Argumento de José Joffily e Jorge Duran
Roteiro de Jorge Duran e Melanie Dimantas

Onde Andará Dulce Veiga

Roteiro de Guilherme de Almeida Prado

Orlando Senna – O Homem da Montanha

Hermes Leal

Pedro Jorge de Castro – O Calor da Tela

Rogério Menezes

Quanto Vale ou É por Quilo

Roteiro de Eduardo Benaim, Newton Cannito e Sergio Bianchi

Ricardo Pinto e Silva – Rir ou Chorar

Rodrigo Capella

Rodolfo Nanni – Um Realizador Persistente

Neusa Barbosa

Salve Geral

Roteiro de Sergio Rezende e Patrícia Andrade

O Signo da Cidade

Roteiro de Bruna Lombardi

Ugo Giorgetti – O Sonho Intacto

Rosane Pavam

Viva-Voz

Roteiro de Márcio Alemão

Vladimir Carvalho – Pedras na Lua e Pelejas no Planalto

Carlos Alberto Mattos

Vlado – 30 Anos Depois

Roteiro de João Batista de Andrade

Zuzu Angel

Roteiro de Marcos Bernstein e Sergio Rezende

Série Cinema

Bastidores – Um Outro Lado do Cinema

Elaine Guerini

Série Ciência & Tecnologia

Cinema Digital – Um Novo Começo?

Luiz Gonzaga Assis de Luca

A Hora do Cinema Digital – Democratização e Globalização do Audiovisual

Luiz Gonzaga Assis De Luca

Série Crônicas

Crônicas de Maria Lúcia Dahl – O Quebra-cabeças

Maria Lúcia Dahl

Série Dança

Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo – Dança Universal

Sérgio Rodrigo Reis

Série Música

Maestro Diogo Pacheco – Um Maestro para Todos

Alfredo Sternheim

Rogério Duprat – Ecletismo Musical

Máximo Barro

Sérgio Ricardo – Canto Vadio

Eliana Pace

Wagner Tiso – Som, Imagem, Ação

Beatriz Coelho Silva

Série Teatro Brasil

Alcides Nogueira – Alma de Cetim

Tuna Dwek

Antenor Pimenta – Circo e Poesia

Danielle Pimenta

Cia de Teatro Os Satyros – Um Palco Visceral

Alberto Guzik

Críticas de Clóvis Garcia – A Crítica Como Ofício

Org. Carmelinda Guimarães

Críticas de Maria Lucia Candeias – Duas Tábuas e Uma Paixão

Org. José Simões de Almeida Júnior

Federico Garcia Lorca – Pequeno Poema Infinito

Antonio Gilberto e José Mauro Brant

Ilo Krugli – Poesia Rasgada

Ieda de Abreu

João Bethencourt – O Locatário da Comédia

Rodrigo Murat

José Renato – Energia Eterna

Hersch Basbaum

Leilah Assumpção – A Consciência da Mulher

Eliana Pace

Luís Alberto de Abreu – Até a Última Sílab

Adélia Nicolete

Maurice Vaneau – Artista Múltiplo

Leila Corrêa

Renata Palottini – Cumprimenta e Pede Passagem

Rita Ribeiro Guimarães

Teatro Brasileiro de Comédia – Eu Vivi o TBC

Nydia Licia

O Teatro de Abílio Pereira de Almeida

Abílio Pereira de Almeida

O Teatro de Aimar Labaki

Aimar Labaki

O Teatro de Alberto Guzik

Alberto Guzik

O Teatro de Antonio Rocco

Antonio Rocco

O Teatro de Cordel de Chico de Assis

Chico de Assis

O Teatro de Emílio Boechat

Emílio Boechat

O Teatro de Germano Pereira – Reescrevendo Clássicos

Germano Pereira

O Teatro de José Saffioti Filho

José Saffioti Filho

***O Teatro de Alcides Nogueira – Trilogia: Ópera
Joyce – Gertrude Stein, Alice Toklas & Pablo Picasso –
Pólvora e Poesia***

Alcides Nogueira

***O Teatro de Ivam Cabral – Quatro textos para um tea-
tro veloz: Faz de Conta que tem Sol lá Fora – Os Cantos
de Maldoror – De Profundis – A Herança do Teatro***

Ivam Cabral

***O Teatro de Noemi Marinho: Fulaninha e Dona
Coisa, Homeless, Cor de Chá, Plantonista Vilma***

Noemi Marinho

Teatro de Revista em São Paulo – De Pernas para o Ar

Neyde Veneziano

***O Teatro de Samir Yazbek: A Entrevista –
O Fingidor – A Terra Prometida***

Samir Yazbek

O Teatro de Sérgio Roveri

Sérgio Roveri

***Teresa Aguiar e o Grupo Rotunda – Quatro Décadas
em Cena***

Ariane Porto

Série Perfil

Analy Alvarez – De Corpo e Alma

Nicolau Radamés Creti

Aracy Balabanian – Nunca Fui Anjo

Tania Carvalho

Arlete Montenegro – Fé, Amor e Emoção

Alfredo Sternheim

Ary Fontoura – Entre Rios e Janeiros

Rogério Menezes

Berta Zemel – A Alma das Pedras

Rodrigo Antunes Corrêa

Bete Mendes – O Cão e a Rosa

Rogério Menezes

Betty Faria – Rebelde por Natureza

Tania Carvalho

Carla Camurati – Luz Natural

Carlos Alberto Mattos

Cecil Thiré – Mestre do seu Ofício

Tania Carvalho

Celso Nunes – Sem Amarras

Eliana Rocha

Cleyde Yaconis – Dama Discreta

Vilmar Ledesma

David Cardoso – Persistência e Paixão

Alfredo Sternheim

Débora Duarte – Filha da Televisão

Laura Malin

Denise Del Vecchio – Memórias da Lua

Tuna Dwek

Elisabeth Hartmann – A Sarah dos Pampas

Reinaldo Braga

Emiliano Queiroz – Na Sobremesa da Vida

Maria Leticia

Emilio Di Biasi – O Tempo e a Vida de um Aprendiz

Erika Riedel

Etty Fraser – Virada Pra Lua

Vilmar Ledesma

***Ewerton de Castro – Minha Vida na Arte:
Memória e Poética***

Reni Cardoso

Fernanda Montenegro – A Defesa do Mistério

Neusa Barbosa

Fernando Peixoto – Em Cena Aberta

Marília Balbi

Geórgia Gomide – Uma Atriz Brasileira

Eliana Pace

Gianfrancesco Guarnieri – Um Grito Solto no Ar

Sérgio Roveri

Glauco Mirko Laurelli – Um Artesão do Cinema

Maria Angela de Jesus

Ilka Soares – A Bela da Tela

Wagner de Assis

Irene Ravache – Caçadora de Emoções

Tania Carvalho

Irene Stefania – Arte e Psicoterapia

Germano Pereira

Isabel Ribeiro – Iluminada

Luis Sergio Lima e Silva

Isolda Cresta – Zozô Vulcão

Luis Sérgio Lima e Silva

Joana Fomm – Momento de Decisão

Vilmar Ledesma

John Herbert – Um Gentleman no Palco e na Vida

Neusa Barbosa

Jonas Bloch – O Ofício de uma Paixão

Nilu Lebert

Jorge Loredo – O Perigote do Brasil

Cláudio Fragata

José Dumont – Do Cordel às Telas

Klecius Henrique

Leonardo Villar – Garra e Paixão

Nydia Licia

Lília Cabral – Descobrimo Lília Cabral

Analu Ribeiro

Lolita Rodrigues – De Carne e Osso

Eliana Castro

Louise Cardoso – A Mulher do Barbosa

Vilmar Ledesma

Marcos Caruso – Um Obstinado

Eliana Rocha

Maria Adelaide Amaral – A Emoção Libertária

Tuna Dwek

Marisa Prado – A Estrela, O Mistério

Luiz Carlos Lisboa

Mauro Mendonça – Em Busca da Perfeição

Renato Sérgio

Miriam Mehler – Sensibilidade e Paixão

Vilmar Ledesma

Naum Alves de Souza: Imagem, Cena, Palavra

Alberto Guzik

Nicette Bruno e Paulo Goulart – Tudo em Família

Elaine Guerrini

Nívea Maria – Uma Atriz Real

Mauro Alencar e Eliana Pace

Niza de Castro Tank – Niza, Apesar das Outras

Sara Lopes

Paulo Betti – Na Carreira de um Sonhador

Teté Ribeiro

Paulo José – Memórias Substantivas

Tania Carvalho

***Paulo Hesse – A Vida Fez de Mim um Livro
e Eu Não Sei Ler***

Eliana Pace

Pedro Paulo Rangel – O Samba e o Fado

Tania Carvalho

Regina Braga – Talento é um Aprendizado

Marta Góes

Reginaldo Faria – O Solo de Um Inquieto

Wagner de Assis

Renata Fronzi – Chorar de Rir

Wagner de Assis

Renato Borghi – Borghi em Revista

Élcio Nogueira Seixas

Renato Consorte – Contestador por Índole

Eliana Pace

Rolando Boldrin – Palco Brasil

Ieda de Abreu

Rosamaria Murtinho – Simples Magia

Tania Carvalho

Rubens de Falco – Um Internacional Ator Brasileiro

Nydia Licia

Ruth de Souza – Estrela Negra

Maria Ângela de Jesus

Sérgio Hingst – Um Ator de Cinema

Máximo Barro

Sérgio Viotti – O Cavalheiro das Artes

Nilu Lebert

Silnei Siqueira – A Palavra em Cena

Ieda de Abreu

Silvio de Abreu – Um Homem de Sorte

Vilmar Ledesma

Sônia Guedes – Chá das Cinco

Adélia Nicolete

Sonia Maria Dorce – A Queridinha do meu Bairro

Sonia Maria Dorce Armonia

Sonia Oiticica – Uma Atriz Rodriguiana?

Maria Thereza Vargas

Stênio Garcia – Força da Natureza

Wagner Assis

Suely Franco – A Alegria de Representar

Alfredo Sternheim

Tatiana Belinky – ... E Quem Quiser Que Conte Outra

Sérgio Roveri

Theresa Amayo – Ficção e Realidade

Theresa Amayo

Tony Ramos – No Tempo da Delicadeza

Tania Carvalho

Umberto Magnani – Um Rio de Memórias

Adélia Nicolete

Vera Holtz – O Gosto da Vera

Analu Ribeiro

Vera Nunes – Raro Talento

Eliana Pace

Walderez de Barros – Voz e Silêncios

Rogério Menezes

Walter George Durst – Doce Guerreiro

Nilu Lebert

Zezé Motta – Muito Prazer

Rodrigo Murat

Especial

Agildo Ribeiro – O Capitão do Riso

Wagner de Assis

Av. Paulista, 900 – a História da TV Gazeta

Elmo Francfort

Beatriz Segall – Além das Aparências

Nilu Lebert

Carlos Zara – Paixão em Quatro Atos

Tania Carvalho

Célia Helena – Uma Atriz Visceral

Nydia Licia

*Charles Möeller e Claudio Botelho – Os Reis dos
Musicais*

Tania Carvalho

Cinema da Boca – Dicionário de Diretores

Alfredo Sternheim

Dina Sfat – Retratos de uma Guerreira

Antonio Gilberto

Eva Todor – O Teatro de Minha Vida

Maria Angela de Jesus

Eva Wilma – Arte e Vida

Edla van Steen

*Gloria in Excelsior – Ascensão, Apogeu e Queda do
Maior Sucesso da Televisão Brasileira*

Álvaro Moya

Lembranças de Hollywood

Dulce Damasceno de Britto, organizado por Alfredo Sternheim

Maria Della Costa – Seu Teatro, Sua Vida

Warde Marx

Mazzaropi – Uma Antologia de Risos

Paulo Duarte

Ney Latorraca – Uma Celebração

Tania Carvalho

Odorico Paraguaçu: O Bem-amado de Dias

Gomes – História de um Personagem Larapista e Maquiavelento

José Dias

Raul Cortez – Sem Medo de se Expor

Nydia Licia

Rede Manchete – Aconteceu, Virou História

Elmo Francfort

Sérgio Cardoso – Imagens de Sua Arte

Nydia Licia

Tônia Carrero – Movida pela Paixão

Tania Carvalho

TV Tupi – Uma Linda História de Amor

Vida Alves

Victor Berbara – O Homem das Mil Faces

Tania Carvalho

Walmor Chagas – Ensaio Aberto para Um Homem Indignado

Djalma Limongi Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Biblioteca da Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

Ledesma, Vilmar

Geraldo Vietri: disciplina é liberdade / Vilmar Ledesma
– São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2010.

312p. : il. – (Coleção Aplauso. Série perfil / coordenador
geral Rubens Ewald Filho).

ISBN 978-85-7060-959-5

1. Dramaturgos brasileiros 2. Televisão - Brasil 3. Vietri,
Geraldo 1930-1996 I. Ewald Filho, Rubens. II. Título. III. Série.

CDD 791.092

Índice para catálogo sistemático:

1. Brasil : Dramaturgos : Biografia 791.092

Proibida reprodução total ou parcial sem autorização
prévia do autor ou dos editores
Lei nº 9.610 de 19/02/1998

Foi feito o depósito legal
Lei nº 10.994, de 14/12/2004

Impresso no Brasil / 2010

Todos os direitos reservados.

Imprensa Oficial do Estado de São Paulo
Rua da Mooca, 1921 Mooca
03103-902 São Paulo SP
www.imprensaoficial.com.br/livraria
livros@imprensaoficial.com.br
SAC 0800 01234 01
sac@imprensaoficial.com.br

Coleção Aplauso Série Perfil

Coordenador Geral	Rubens Ewald Filho
Coordenador Operacional e Pesquisa Iconográfica	Marcelo Pestana
Projeto Gráfico	Carlos Cirne
Editor Assistente	Claudio Erlichman
Assistente	Charles Bandeira
Editoração	Fernanda Buccelli
	Ana Lúcia Charnyai
Tratamento de Imagens	José Carlos da Silva
Revisão	Dante Pascoal Corradini

Formato: 12 x 18 cm

Tipologia: Frutiger

Papel miolo: Offset LD 90 g/m²

Papel capa: Triplex 250 g/m²

Número de páginas: 312

Editoração, CTP, impressão e acabamento:
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

*Nesta edição, respeitou-se o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa*

Coleção *Aplauso* | em todas as livrarias e no site
www.imprensaoficial.com.br/livraria

|imprensaoficial

A telenovela brasileira deve muito a Geraldo Vietri (1930-96), um dos escritores e diretores mais importantes de sua história. Paulista de família italiana, Vietri sempre foi apaixonado por cinema e conseguiu transportar o que viu na tela grande para a televisão. Seu trabalho na TV Tupi começa brilhantemente quando cria o programa *TV de Comédia*, que se alternava quinzenalmente com o *TV de Vanguarda* aos domingos à noite. Ali ainda na tevé ao vivo, conseguiu criar uma linguagem de humor própria, original e criativa. Mas não parou por aí. Passa a dirigir e escrever telenovelas, em geral sagas sobre a trajetória de pessoas pobres, emigrantes, através das quais vai reunindo um elenco quase permanente, que inclui Juca de Oliveira, Elizabeth Hartmann, Joana Fomm, Aracy Balabanian, Tony Ramos, Ety Fraser, Miriam Muniz, Berta Zemel e outros. Em sucessos como *Antonio Maria*, *Vitória Bonelli*, *Nino*, *o Italianinho*, *A Fábrica*, *Meu Rico Português*.



Mas sempre sem abandonar o cinema, chegando a realizar 13 longa-metragens, inclusive o mais bem-sucedido, *Os Imorais* com Sandra Brea. A história da vida e carreira de Vietri é contada pela primeira vez neste livro pelo jornalista Vilmar Ledesma, frequente colaborador da **Coleção Aplauso**, da **Imprensa Oficial do Estado de São Paulo**. Mais um lançamento dentro de sua proposta de resgate e preservação da memória da cultura brasileira.

ISBN 978-85-7060-959-5



9 788570 460959 >